



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ  
INSTITUTO DE LETRAS E COMUNICAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO COMUNICAÇÃO, CULTURA  
E AMAZÔNIA, MESTRADO ACADÊMICO EM CIÊNCIAS DA  
COMUNICAÇÃO

ERIKA MOURÃO FERREIRA

**ENTRE DUNAS, MANGUE E MAR:**  
narrativas e resistências dos moradores da Ponta da Sofia em Salinas (PA).

BELÉM  
2024

ERIKA MOURÃO FERREIRA

**ENTRE DUNAS, MANGUE E MAR:**

narrativas e resistências dos moradores da Ponta da Sofia em Salinas (PA).

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Cultura e Amazônia do Instituto de Letras e Comunicação da Universidade Federal do Pará como exigência parcial para obtenção do título de mestre. Área de Concentração: Comunicação. Linha de Pesquisa: Comunicação, cultura e socialidades na Amazônia. Orientadora: Profª Drª. Vânia Maria Torres Costa.

BELÉM  
2024

ERIKA MOURÃO FERREIRA

**ENTRE DUNAS, MANGUE E MAR:**  
narrativas e resistências dos moradores da Ponta da Sofia em Salinas (PA).

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Cultura e Amazônia do Instituto de Letras e Comunicação da Universidade Federal do Pará como exigência parcial para obtenção do título de mestre.

Belém, 28 de fevereiro de 2024.

BANCA EXAMINADORA

---

**Profª Drª. Vânia Maria Torres Costa**

Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Cultura e Amazônia da Universidade Federal do Pará  
(PPGCOM/UFPA).

---

**Profª Drª. Sue Anne Regina Ferreira da Costa.**

Coordenação de Comunicação e Extensão do Museu Paraense Emílio Goeldi (COCEX/MPEG).

---

**Prof. Dr. Agenor Sarraf Pacheco**

Instituto de Ciências Humanas da Universidade Federal do Pará (IFCH/UFPA).

---

**Prof Dr. Otacílio Amaral Filho.**

Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Cultura e Amazônia da Universidade Federal do Pará  
(PPGCOM/UFPA).

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD**  
**Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará**  
**Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)**

---

- M929e Mourão, Erika.  
ENTRE DUNAS, MANGUE E MAR: narrativas e resistências dos moradores da Ponta da Sofia em Salinas (PA) / Erika Mourão. — 2024.  
126 f. : il. color.
- Orientador(a): Prof.ª. Dra. Vânia Maria Torres Costa Torres  
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Pará, Instituto de Letras e Comunicação, Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Belém, 2024.
1. Memória. 2. Narrativa. 3. Resistências. 4. Interações. 5. Ponta da Sofia. I. Título.

---

CDD 307

À minha amada família, especialmente à minha mãe Elizarete e à minha avó Izabel, expresso minha profunda gratidão pelo apoio incondicional durante meu mestrado. Seu amor foi minha luz guia.

À professora Vânia Maria Torres Costa, agradeço pela paciência e ensinamentos.

Aos amigos Rayana Alexandra, Leonardo Sousa e Aymé Marçal, minha eterna gratidão por compartilharem essa jornada.

Por fim, abraço a Comunidade da Ponta da Sofia em Salinas (PA), dedicando-lhes esta dissertação como forma de resistência. Obrigada por fazerem parte e pelo apoio.

## Agradecimentos

É com profundo sentimento de gratidão que escrevo estes agradecimentos. Primeiramente, agradeço a Deus pela força que me sustentou ao longo desta jornada, pois sem Ele, não teria alcançado esse feito. Até hoje, evito revisitar momentos difíceis que vivenciei durante a redação desta dissertação. Foram tempos de dor, impotência e lágrimas. Em julho de 2023, sofri um acidente de moto, e no mesmo mês, minha avó Izabel enfrentou um AVC isquêmico que me abalou profundamente. Seis meses após, ainda vivo o luto diariamente, testemunhando sua condição de saúde debilitada. Esta dissertação foi elaborada em meio a esse caos, revelando minha força interior que desconhecia. Agradeço à nova Erika resiliente que emerge diariamente, demonstrando uma força inimaginável.

Expresso meu agradecimento à minha família por apoiar-me neste processo, muitas vezes sem compreender minha ausência em determinados momentos durante a redação. Agradeço especialmente à minha prima Vanessa Ferreira por seu apoio contínuo e por nunca soltar minha mão. Amo você!

À orientadora Vânia Torres, agradeço por sempre me estimular a ser uma pesquisadora melhor, pelas conversas durante as orientações e pelo apoio nesse processo desafiador. Obrigada por sempre acreditar em mim.

Agradeço a Rayana Alexandra por ceder sua casa para que eu pudesse escrever. Seus abraços e palavras acalentadoras foram fundamentais. Agradeço também à dona Rosy, Ruan, Bianca e ao saudoso seu Ricardo (*in memoriam*) por sempre me receber tão bem no seu lar.

Ao amigo de longa data, Leonardo Silva, agradeço por tantas trocas, companheirismo e pela amizade constante. Conte sempre comigo!

Ao amigo e irmão, Diogo Pereira, agradeço pela ajuda constante. Aprendo muito com sua garra e amizade. Te amo!

À amiga Michely Guerreiro, agradeço por nunca soltar minha mão e por arrancar conversas profundas mesmo nos dias mais difíceis. Te amo!

Agradeço a Sônia Cordovil pela parceria em horas produtivas escrevendo na BC durante o recesso de final de ano. Agradeço também pelas palavras de incentivo e conselhos. Te amo!

Agradeço às amigas Aymêe Marçal e Barbara Sepulveda por conversas profundas e conselhos valiosos. Amo vocês!

À amiga Amanda Vieira, agradeço por ser minha parceira neste mestrado. Sua presença foi um presente incrível, e juntas superamos os desafios.

Agradeço às amigas Bianca Vicente e Doriene Trindade por suas conversas, risos, conselhos e pelo apoio transmitido. Sei que posso contar com vocês.

Obrigada à amiga Sue Costa por seus conselhos de vida e apoio psicológico. Sua compreensão me libertou para enfrentar esta fase. Te amo!

Aos amigos da Reserva técnica de Museologia: Pietro Takamura, Bruna Maranhão, Thandara Diniz, Célio Emanuel e Jéssica Mayara, meu agradecimento!

Agradeço à Capes pelo apoio financeiro essencial durante esta pesquisa.

Ao incrível time de professores do PPGCOM, minha gratidão por acolher-me tão bem e por inspirar-me a ser melhor a cada dia.

Gostaria de expressar minha sincera gratidão aos membros da banca examinadora, Profa. Dra. Sue Anne Regina Ferreira da Costa, Prof. Dr. Agenor Sarraf Pacheco, Prof Dr. Otacílio Amaral Filho e Profa. Dra. Rosane Maria Albino Steinbrenner, por terem aceitado o convite para avaliar este trabalho. As valiosas sugestões e críticas construtivas que recebi foram essenciais para melhorar este trabalho. Agradeço muito pelo tempo que vocês dedicaram para ler e analisar minha dissertação, e pelos comentários úteis que deram durante a defesa oral. Admiro muito o conhecimento e a experiência de cada um de vocês em suas áreas. Suas orientações foram fundamentais para eu conseguir desenvolver esse trabalho da melhor forma possível. Por fim, agradeço por terem aceitado participar desta etapa importante da minha jornada acadêmica. Estou realmente grata pela oportunidade de aprender e crescer com tudo que vocês compartilharam. Meu muito obrigada!

Gratidão aos amigos da turma de mestrado de 2022, obrigada pelo companheirismo, afetos e trocas de conhecimento.

E, por último, agradeço especialmente a Raquel Calado por me apresentar à comunidade da Ponta da Sofia. Serei eternamente grata a você! Ao amigo Junior Oásis, obrigada por compartilhar seu conhecimento sobre o meio ambiente, és incrível, nunca perca essa essência! À amiga Therly Fie, obrigada por tudo, pelas conversas, risos, refeições e pelo tempo dedicado em me relatar suas experiências. Conte comigo!

“É a minha vida, né! Aqui eu amadureci e aqui eu tive os meus filhos, aqui eu passei várias histórias de lutas, pra tentar ficar aqui, né! As dificuldades como eu falei no princípio me ajudaram a ter a experiência que tenho hoje né! Me trouxe muita coisa boa, muitas pessoas maravilhosas e isso é a minha vida”!

(Raquel Calado).

“Ela é uma base, uma base do topo do meio ambiente. Porque tudo se forma de onde vem o vento, vem daqui! Então daqui vem todo o sedimento de rio e sedimento de mangue. Então se a gente destruir essa ponta daqui ela acaba com a ponta de trás que seria parte do Atalaia. A Ponta da Sofia ela é muito importante pro ecossistema dessa forma, tem que preservar”!

(Junior Oásis).



## **RESUMO**

Esta dissertação tem como objetivo principal compreender as interações, narrativas e práticas de resistência dos moradores da comunidade da Ponta da Sofia, em Salinópolis (PA), diante da violação de seu território para a instalação de empreendimentos turísticos. O estudo abordará o cotidiano dessa comunidade, suas produções de sentido sobre história, lugar, preservação do meio ambiente e relações de afeto, explorando as narrativas dos moradores, suas interações e os processos de resistência em suas práticas sociais e culturais. Os procedimentos metodológicos adotados são fundamentados na pesquisa qualitativa, com base na análise de dados por meio de entrevistas (MOTTA, 2013); (GOMES, 2007), amparada na prática etnográfica conforme definido por Rocha e Eckert (2008), e realização de entrevistas. Os principais autores utilizados para embasar a compreensão das narrativas e práticas sociais incluem Ferdinand Tönnies (1973), Martin Buber (1987), Filho e Mendes (2014), Krenak (2021), Medeiros e Ido (2018), Gudynas (2019) e Santos (2023). O resultado desta investigação destaca não apenas as adversidades enfrentadas pelos moradores da Ponta da Sofia, mas também a resiliência e a profundidade de suas conexões, especialmente o cuidado com o meio ambiente, uma vez que compreendem a intrínseca interdependência com o ecossistema que consideram seu lar.

**PALAVRAS-CHAVE:** Memória; Narrativa; Resistências; Interações; Ponta da Sofia.

## **ABSTRACT**

The main objective of this dissertation is to understand the interactions, narratives and resistance practices of the residents of the Ponta da Sofia community, in Salinópolis (PA), in the face of the violation of their territory for the installation of tourist developments. The study will look at the daily life of this community, its productions of meaning about history, place, environmental preservation and relationships of affection, exploring the residents' narratives, their interactions and the processes of resistance in their social and cultural practices. The methodological procedures adopted are based on qualitative research, based on data analysis through interviews (MOTTA, 2013); (GOMES, 2007), supported by ethnographic practice as defined by Rocha and Eckert (2008), and interviews. The main authors used to support the understanding of narratives and social practices include Ferdinand Tönnies (1973), Martin Buber (1987), Filho and Mendes (2014), Krenak (2021), Medeiros and Ido (2018), Gudynas (2019) and Santos (2023). The result of this investigation highlights not only the adversities faced by the residents of Ponta da Sofia, but also the resilience and depth of their connections, especially their care for the environment, since they understand the intrinsic interdependence with the ecosystem they consider their home.

**KEYWORDS:** Memory; Narrative; Resistances; Interactions; Ponta da Sofia.

## **Lista de Siglas**

DETRAN – Departamento de Trânsito do Estado

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IDEFLOBIO – Instituto de Desenvolvimento Florestal e da Biodiversidade do Estado do Pará

IDESP – Instituto de Desenvolvimento Econômico Social e Ambiental do Pará

IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

MPPA – Ministério Público do Estado do Pará

MONA – Monumentos Natural do Atalaia

PMDTM – Projeto de Monitoramento de Desovas de Tartarugas Marinhas

RESEX – Plano de Manejo de Reserva Estrativista

SEDOP – Secretaria Estadual de Desenvolvimento Urbano e Obras

SEMMASAL – Secretaria Municipal de Meio Ambiente

SPU – Superintendência do Patrimônio Público da União no Pará

## Lista de Figuras

Figura 1: Raquel Calado na frente da sua casa. ....	31
Figura 2: Júnior Oásis assando peixe para vender. ....	32
Figura 3: Jaqueline e seu esposo Manoel exibindo sua rede de pesca. ....	32
Figura 4: Therly Fie retirando o excesso de lixo deixado na Praia. ....	33
Figura 5: Odacir Silva na cozinha de sua casa. ....	34
Figura 6: : Geraldo Silva no pátio de sua casa atrás está sua rede de pesca. ....	35
Figura 7: Maria José e João Batista (Pinduca). ....	35
Figura 8: Cesar Batista e sua esposa Adriana Ribeiro. ....	36
Figura 9: Tereza Brito e Antônio Monteiro em sua casa. ....	37
Figura 10: Mapa da região de Salinópolis. ....	44
Figura 11: Ilustração do canhão de Bombarda que servia de alerta na atalaia. ....	45
Figura 12: Canhão de bombarda recolocado no local de origem, morro do Destacado, próximo ao hotel Solar. ....	46
Figura 13: Antigo Farol Velho destruído pelo avanço do mar ....	47
Figura 14: Trabalhadores Beireiros realizando seu trabalho na praia do Atalaia. ....	51
Figura 15: Figura 15- Esgoto saindo das tubulações e desaguando diretamente na praia do Atalaia.....	53
Figura 16: Diário do Pará. Caderno Regional - Ano 11/07/2007. ....	54
Figura 17: Residenciais de alto padrão na praia, lado esquerdo de quem desce a rampa do Atalaia, são chamadas de casas de segunda residências. ....	55
Figura 18: Figura 18- Diversos condomínios na entrada do Atalaia. ....	56
Figura 19: Imagem realizada pelo Google Earth. A área circulada em vermelho é a comunidade da Ponta da Sofia.....	57
Figura 20: Imagem da placa que se encontra na entrada da comunidade e o terceiro atalho que é a entrada. ....	57
Figura 21: Algumas casas da comunidade. ....	58
Figura 22: Figura 22. Elementos presente na Ponta da Sofia como a desova das tartarugas, as dunas, a pesca abundante, o manguezal, seus nutrientes e a própria comunidade presente juntamente com os órgãos responsáveis na soltura dos filhotes de tartarugas na praia .....	59
Figura 23: Figura 23 – Documento que evidencia a denominação original da Ponta da Sofia, constatando que a mesma era previamente identificada como o bairro do Cocal. ....	61
Figura 24: Bar Oasis Mad Max- Proprietário Francisco Afonso de Duarte. ....	62

Figura 25: Residências de pescadores e moradores da Sofia, as fundações de algumas casas são feitas por materiais vindo do mangue. ....	63
Figura 26: Diário do Pará. 24/04/2023 .....	64
Figura 27: Tartaruga tentando realizar sua desova. ....	65
Figura 28: Fiscalização do Detran no perímetro do terceiro trecho na Ponta da Sofia, realizando a fiscalização e não permitindo que nenhum carro ultrapasse a faixa de areia pro lado da comunidade. ....	66
Figura 29: Momento do retorno da pesca. ....	78
Figura 30: Casas com canoas, redes de pescas nos quintais e varandas. ....	79
Figura 31: Afonso Duarte no Poção do Ismério uma área de reprodução do mangue na Ponta da Sofia .....	80
Figura 32: Carrinho a vela onde leva os turistas para conhecer a Ponta da Sofia. ....	82
Figura 33: Raquel tirando ajurus da árvore perto da sua casa. ....	86
Figura 34: Último rancho da Ponta da Sofia com a bandeira branca. ....	93
Figura 35: Berçário das tartarugas, situado na parte alta da duna, em frente a comunidade ....	99
Figura 36: Etapas realizadas até a soltura das tartarugas.....	100
Figura 37: Figura 37- A comunidade da Ponta da Sofia na praia presenciando a soltura das tartarugas Marinhas. ....	101
Figura 38: Página no instagram dos Guardiões do mona. Criado por alguns moradores da comunidade. ....	102
Figura 39: Mangue que rodeia toda a comunidade.....	103
Figura 40: Junior se preparando para entrar no mangue. ....	105
Figura 41: Na imagem retrata o passado e o presente na Ponta da Sofia como não existia as dunas e nem o mangue na frente da comunidade, existia o mar que destruía as barracas na beira. ....	106
Figura 42: Maré invadindo o território da comunidade. ....	107
Figura 43: Manguezal e a madeira usada na estrutura da casa da Raquel. ....	109
Figura 44: Raquel sob as dunas mostrando as marcações dos ninhos das tartarugas. ....	110
Figura 45: Seu Antônio mostrando o espaço cedido para o curso de panificação na sua barraca. ....	111
Figura 46: Ecobiblioteca .....	112

Figura 47: Espaços de recreação e sala de aula. ....	113
--	-----

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	15
1 O percurso metodológico .....	21
1.1. A pesquisa documental.....	21
1.2. A prática etnográfica e as entrevistas .....	22
1.3. A Pesquisa de Campo.....	23
1.4. Os interlocutores da Ponta da Sofia .....	29
1.5. A análise dos dados .....	37
2 A Comunidade da Ponta da Sofia: Atalaia .....	42
2.1. A cidade de Salinópolis: da aldeia longínqua ao balneário mais visitado no nordeste paraense .....	42
2.2. A cidade turística balnear .....	49
2.3. A Comunidade da Ponta da Sofia .....	56
3 Narrativas, memória e práticas culturais presentes na comunidade .....	70
3.1. Os interlocutores entre narrativas e interações .....	70
3.2. O passado na Ponta da Sofia: memórias .....	71
3.3. Território e comunidade: entre afetos e desafios .....	78
3.4. A relação com a natureza .....	87
4.1 Disputa pela área de preservação ambiental .....	94
4.2 O Engajamento Ativo da Comunidade na Preservação Ambiental.....	99
4.3. As práticas de resistência .....	112
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	119
REFERÊNCIAS.....	121
APÊNDICES .....	124
APÊNDICE A: Roteiro de perguntas.....	124
APÊNDICE B: Placas de identificação perto da comunidade da Ponta da Sofia.....	125
APÊNDICE C: Placa de área de monitoramento de desova das tartarugas marinhas .....	126

## INTRODUÇÃO

A comunidade da Ponta da Sofia está inserida dentro de uma área de preservação ambiental de acordo com o decreto estadual Nº 2.077 de 23 de maio de 2018 o qual estabelece a Unidade de Conservação Monumento Natural do Atalaia (MONA) tendo como modalidade a proteção integral da área, esta que se estende por cerca de 256, 58 hectares. Atualmente a Ponta da Sofia é monitorada pelo projeto Suruanã da Universidade Federal do Pará, este que ao longo dos últimos dez anos vêm atuando na defesa e conservação dos ninhos e das tartarugas marinhas no litoral paraense (MPE-PA, 2019). A paisagem local é constituída por diversos elementos naturais como as dunas, mangues, praias, lagunas, restingas, além de ser uma área de desova de tartarugas marinhas. As habitações presentes possuem características rústicas, construídas com madeira, algumas vezes retiradas do próprio mangue e cobertas de palha.

No entorno da Ponta da Sofia há a presença de diversos empreendimentos como bares, resorts, restaurantes e hotéis que movimentam um turismo predatório que tende a avançar até a Ponta da Sofia segundo os relatos coletados. De forma recorrente vemos notícias do desrespeito dos turistas aos limites da natureza principalmente com a presença de carros na faixa de areia, mau gerenciamento do lixo com destaque as garrafas de vidro resultantes do consumo de cerveja que são abandonadas na praia, e a sobreposição de interesses comerciais à população local.

Segundo Rigotto (2018), no contexto da divisão do trabalho e da natureza imposta pelo capitalismo avançado, os conflitos ambientais se alastram por regiões onde se instalam megaprojetos como os de mineração e do agronegócio, haja vista que eles engendram novas territorialidades, estranhas ao lugar e à vida de diferentes povos e comunidades tradicionais que lidam com os ecossistemas sem agredi-los. Essas pessoas são expostas a violações de direitos – à terra e ao território<sup>1</sup>, à cultura, ao ambiente, ao trabalho digno, à saúde etc., configurando desigualdades e injustiças ambientais.

Alguns lugares da região amazônica passaram a receber grandes investimentos dos governos (federais, estaduais e municipais), principalmente nas cidades litorâneas, a fim de incentivar o turismo de natureza. As políticas públicas possuíam como objetivo desenvolver as cidades para o turismo, principalmente no nordeste paraense e outras regiões tropicais.

---

<sup>1</sup> Território é um espaço onde é realizada demarcação de terra seja de continente, países e cidades e que dentro dele pode se encontrar um controle específico de cada órgão responsável pelo espaço (GONDIM & MONKEN, 2017).

Essas passam a ser supervalorizadas, principalmente com o foco em seus litorais, gerando grandes investimentos nesses lugares com a criação dos megaprojetos voltados para o turismo, ocasionando modificações no meio natural e na sua população local (SOUZA, 2014).

A comunidade local conta com 70 famílias, sendo que 23 delas sobrevivem da pesca e da realização de atividades nos empreendimentos locais voltados ao turismo, como restaurantes e hotéis. Os moradores têm um papel importante para a conservação do meio ambiente que ali se encontra. Estes estão vivenciando um processo complexo e por vezes antagônico ligado à sua percepção da realidade turística, econômica e de proteção ambiental da área. Alguns consideram importante a preservação ambiental, mas acreditam ser irrelevantes algumas das medidas estabelecidas pelo poder público como, por exemplo, a criação de barreira para acesso de carros durante dias e horários previamente estabelecidos.

Assim, essa pesquisa resulta de uma imersão nesse lugar e da escuta atenta das pessoas que vivem lá para ressoar as vozes da comunidade da Ponta da Sofia, torná-la conhecida por meio das narrativas de seus moradores (as), entender seus modos de existência, compreender a pluralidade da realidade local que se faz de suma importância para entender a Amazônia e as vidas atravessadas por conflitos e pertencimentos entre natureza e cultura.

Compreendemos que a paisagem natural pode ser entendida de acordo com a portaria do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN nº 127/2009 como a porção do território nacional, onde ocorre a relação do homem com o meio natural, incluindo sua qualidade de vida, da população e a motivação responsável pela preservação desse patrimônio este que serve para a identidade, cultura e memória (IPHAN, 2009). Sendo assim, o patrimônio cultural presente no ambiente da Ponta da Sofia passa a ser de suma importância, pois por meio das suas paisagens, memórias, vivências, afetos e resistências os (as) moradores narram seus temores (VARINE, 2013). E comunicam eles por meio de diversas formas, pois a comunicação tem um poder transformador. Ela utiliza elementos que já são compartilhados para criar novos compartilhamentos, muda o sentido das coisas e influência, gerando mudanças. Portanto, a comunicação é como um circuito em constante evolução, onde estamos constantemente trocando informações, nos adaptando e transformando a maneira como nos conectamos uns com os outros e com o mundo ao nosso redor (BRAGA, 2017). E dentro desse circuito utilizamos diversas formas simbólicas de se expressar e uma delas é por meio das narrativas, esta que ultrapassa o passado, o presente e futuro (FERREIRA; BEZERRA, 2013). É o que Walter Benjamin (1985) chama de tradição, uma narrativa própria, que vai sendo moldada com o tempo. Ou seja, a nossa vida e o que somos é uma narrativa pessoal, sempre relatando nosso cotidiano por diversos meios (MOTTA, 2013, p. 27). A partir disso buscamos entender quais narrativas os moradores



produzem sobre suas práticas sociais e culturais na Ponta da Sofia em Salinópolis (PA)? E que sentidos essas narrativas configuram frente aos conflitos contra seu território material e imaterial?

A partir desse questionamento esta dissertação tem como objetivo compreender por meio das narrativas como se dá o processo de resistência, práticas sociais e culturais dos(as) moradores(as) da Ponta da Sofia em razão dos novos empreendimentos voltados para o turismo. E os objetivos específicos são entender, o cotidiano dos(as) moradores(as) da comunidade da Ponta da Sofia e as suas práticas de sobrevivência; investigar as práticas cotidianas que a comunidade utiliza para preservar o seu ambiente por meio de seus saberes locais; e compreender, por meio das narrativas da comunidade, como essas pessoas acionam suas memórias, e suas ações de resistências.

Ressalto que, enquanto pesquisadora, imergindo plenamente no objeto de estudo, esta abordagem foi evidenciada durante minha significativa experiência na Ponta da Sofia. Destaco, particularmente, a memorável vivência ao explorar o manguezal, onde a travessia exigiu a imersão direta no ambiente. Durante essa incursão, pude testemunhar e experimentar a interação com siris, que, de maneira peculiar, beliscaram-me enquanto percorria o mangue, e peixes que se entrelaçaram, me dando a sensação de pertencimento àquele ecossistema. O avistamento de Guarás vermelhos caminhando pela areia e a contemplação de um esplêndido pôr do sol marcaram certamente uma das mais enriquecedoras experiências deste período de mestrado. Além disso, não menos significativa, foi a calorosa recepção dos entrevistados, que se revelaram notáveis em sua bondade, confiança e receptividade. Ao regressar do campo, sempre refletia sobre a existência de pessoas genuinamente boas na comunidade, estabelecendo laços de amizade que enriqueceram sobremaneira minha trajetória durante os períodos do campo.

Para entender esse contexto, suas especificidades e, particularmente, as produções simbólicas dos nossos interlocutores, teremos como âncora alguns conceitos centrais. Vamos problematizar as interações comunicacionais para entender as práticas e o cotidiano dessa comunidade.

Para o autor José Luiz Braga (2017), a comunicação acontece nos momentos em que as pessoas interagem no seu dia a dia, o que o autor chama de ‘episódios de interação’. Por meio dessa interação ideias e informações são compartilhadas, sempre ocorrendo em contextos específicos. O autor ainda destaca que a comunicação tem um poder transformador que é complexo, dinâmico e influente e que gera troca, adaptação e transformação constante (BRAGA, 2017).

Além disso, ao considerarmos o poder transformador da comunicação, conforme enfatizado por Braga (2017), percebemos que a dinâmica e a complexidade desse fenômeno não se limitam apenas aos âmbitos humanos. A comunicação transcende barreiras e estende-se ao nosso relacionamento com a natureza. No entanto, como apontado por Albuquerque (2007), essa interconexão entre a natureza e o homem enfrenta desafios significativos sob a influência do capitalismo moderno. A terra, os rios e a biodiversidade, símbolos fundamentais da nossa relação com o ambiente, tornam-se alvo do impacto econômico, revelando um aspecto preocupante dessa dinâmica complexa.

A pesquisa adota uma abordagem metodológica qualitativa, respaldada pela prática etnográfica (ECKERT; ROCHA, 2008) Realizaram-se cinco visitas a campo nos períodos de Agosto do ano de 2022; Dezembro de 2022; Fevereiro de 2023; Maio de 2023; e Outubro de 2023, envolvendo um total de onze interlocutores que gentilmente dedicaram seu tempo para participar de conversas. Dentre esses, seis são idosos aposentados que, mesmo após a aposentadoria, continuam a contribuir para a renda por meio da pesca. Os demais integrantes incluem barraqueiros, trabalhadores autônomos, donas de casa, pescadores e cozinheiros. O desenvolvimento da pesquisa será detalhadamente apresentado no primeiro capítulo.

Assim a composição estrutural da dissertação foi dividida em quatro capítulos. O **capítulo 1** aborda o desenvolvimento da pesquisa e os métodos empregados no percurso metodológico até a realização da entrevista com os moradores. Em seguida, descrevemos detalhadamente a primeira etapa da pesquisa, enfocando o percurso do trabalho, detalhando os desafios enfrentados. Posteriormente, apresentamos os interlocutores da comunidade onze no total que colaboraram de maneira conjunta para a construção deste trabalho.

No **Capítulo 2** apresentamos um contexto sobre a origem da Praia do Atalaia no município de Salinópolis, realizando um breve panorama histórico que destaca subtemas desde a sua formação como uma aldeia distante até a sua transformação em um balneário turístico contemporâneo. Finalizamos esta seção abordando especificamente a comunidade da Ponta da Sofia.

Já no **capítulo 3** abordamos as narrativas, memórias e as práticas sociais presentes na comunidade. Os elementos presentes nas narrativas dos interlocutores com bases em Muniz Sodré (2014) este ressalta que é por meio da comunicação que passa a existir outros protagonismos, dependendo de cada realidade em que ela é inserida. Sobre as memórias relatadas Joel Candau (2012) expõem que com o passar do tempo a memória nos molda e é modelada por nós, tornando assim em histórias. Sobre as comunidades Martin Buber (1987) justifica que toda a vida nasce de comunidades e aspira a comunidades e os territórios em que

a comunidade é inserida para Maristella Svampa (2021) eles são vistos como uma forma de valorização destacando como um bem herdado. Nesse capítulo também abordaremos como se estruturou as análises interpretativas das narrativas com bases no autor Romeu Gomes (2027), tendo como objetivo compreender as diversas categorias que fazem parte das narrativas e como elas se complementam.

No **capítulo 4** veremos como a comunidade é envolvida com a preservação ambiental e todos os elementos que ali existem. A dedicação e o voluntariado dos moradores em serem os guardiões das tartarugas e de seus ovos; e por último encontramos as práticas utilizadas pelos moradores para permanecerem no território em meio as ameaças encontradas pelo caminho.

# CAPÍTULO 1

## O percurso metodológico



## **1 O percurso metodológico**

### **1.1. A pesquisa documental**

Para entender sobre o lugar em que essa comunidade está inserida foi realizado um mapeamento no Google Acadêmico e no catálogo de teses e dissertações da Capes, juntamente com a pesquisa documental e pesquisa bibliográfica com base em Marconi e Lakatos (2003). As autoras expõem que a pesquisa documental abrange uma análise de documentos, ou seja, qualquer tipo de registro que contenha informações relevantes para a pesquisa, incluindo textos escritos, gráficos, fotografias entre outros e a partir disso visa a análise desses conteúdos.

Durante o mês de maio de 2023 estive no Arquivo Público do estado do Pará com intuito de localizar registros ou documentos pertinentes à comunidade. Contudo, até o momento nenhum resultado favorável foi obtido. Já na Biblioteca Pública Arthur Viana, fiz busca na hemeroteca nos jornais O Liberal e Província do Pará, utilizando termos específicos como “Salinópolis”, “Ponta da Sofia” e “Praia do Atalaia”. Como resultado no total 55 matérias de jornais revelaram noticiais sobre a Praia do Atalaia em sua maioria, sendo que apenas um jornal abordava a descoberta de ovos de tartarugas marinhas em uma área do Atalaia, as matérias são dos anos de 1994 a 2023.

Adicionalmente, foram analisados cinco livros, destacando-se a identificação de apenas uma obra relevante. Denominado "Salinópolis da Memória", de autoria de Raimundo dos Santos, do ano de 2010, este livro aborda a origem do que provavelmente seja a origem do nome da Ponta da Sofia. Sobre esse livro cumpre ressaltar que duas ilustrações extraídas desta obra foram incorporadas à dissertação devido à sua importância na contextualização histórica do antigo morro da Atalaia, proporcionando uma compreensão visual da paisagem em questão.

É relevante observar que, realizar a leitura das matérias jornalísticas em busca de um histórico sobre a comunidade, foi possível destacar uma notável concordância entre as narrativas dos moradores e os relatos presentes nas reportagens. Isto é, mesmo diante do transcurso do tempo das matérias, o cenário permanece o mesmo de acordo com as narrativas dos interlocutores. Foi por meio dessa análise que optei por incorporar ao longo da dissertação tanto as matérias jornalísticas quanto os depoimentos dos moradores, reconhecendo a complementaridade e a relevância dessas fontes na construção do contexto histórico e social da comunidade em questão.

## 1.2. A prática etnográfica e as entrevistas

O método qualitativo adotado no trabalho baseia-se na coleta e análise de dados por meio de entrevistas com os moradores da comunidade da Ponta da Sofia, localizada no terceiro trecho da praia do Atalaia, no Município de Salinópolis. De acordo com Luiz Motta (2013), quando narramos algo, estamos, na verdade, nos construindo e nos constituindo. Esse ato de narrar permite a construção de nossa moral, leis, costumes, valores morais e políticos, crenças e religiões, além de criar nossos mitos pessoais e coletivos, influenciando na formação de nossas instituições (MOTTA, 2013, p. 18). Essa abordagem narrativa nas entrevistas pode oferecer uma compreensão mais profunda e contextualizada das vivências, experiências e valores dos moradores da comunidade, proporcionando uma visão mais abrangente sobre sua cultura, identidade e história.

Para o autor Mikhail Bakhtin (2006), a comunicação ela é influenciada por vários fatores que contribuem para a compreensão do espaço. A coleta de dados realizada com os interlocutores permitiu uma compreensão mais profunda da interação da comunidade com os elementos presentes naquele contexto. Esta pesquisa, pautada no exercício da observação e da escuta, busca promover uma abordagem de observação participante. Isso implica interagir com os interlocutores para evitar distanciamentos, seguindo princípios da prática etnográfica, conforme definido por Rocha e Eckert (2008).

Nesse contexto, o pesquisador busca se afastar de seus preconceitos pessoais, a fim de compreender os conhecimentos e dinâmicas presentes na comunidade investigada. O objetivo foi evitar uma perspectiva externa que poderia comprometer a compreensão das experiências, narrativas e estratégias comunicacionais relacionadas ao patrimônio da comunidade (ROCHA; ECKERT, 2008). Essa abordagem permite uma imersão mais profunda na realidade observada, buscando compreender e valorizar as perspectivas internas dos membros da comunidade estudada.

Ao total, onze moradores da Ponta da Sofia foram entrevistados. O grande desafio foi, nos primeiros momentos da pesquisa de campo encontrar pessoas dispostas a contar sua história é interessante notar como a confiança e o estabelecimento de um relacionamento inicial podem influenciar positivamente a condução das entrevistas durante a pesquisa de campo. Geralmente, no início, pode ser desafiador encontrar pessoas dispostas a compartilhar suas histórias, porém, à medida que os moradores começaram a nos conhecer e a desenvolver confiança, o processo se tornou mais fluido e as entrevistas se desenrolaram de maneira mais natural e produtiva.

A abordagem central adotada durante as entrevistas foi baseada na prática da escuta ativa, criando um ambiente acolhedor para que os entrevistados se sentissem à vontade ao compartilhar suas experiências de forma genuína. Um breve roteiro (Apêndice A) foi utilizado como guia, oferecendo direcionamento por meio de perguntas, mas o principal objetivo permaneceu na escuta atenta dos relatos dos entrevistados. Durante as entrevistas, os participantes tiveram liberdade para expressar suas histórias de forma aberta, discorrendo sobre os assuntos até que se sentissem confortáveis ou esgotassem o tema em questão. Essa dinâmica permitiu uma renovação dos questionamentos, abrindo espaço para explorar outros aspectos relevantes para um entendimento mais abrangente. Do total de 11 entrevistas realizadas com moradores da Ponta da Sofia, duas foram realizadas com casais, enquanto as demais foram individuais. É digno de nota o caráter comunicativo inerente às narrativas de cada interlocutor. O interesse autêntico e a disposição dos participantes em compartilhar suas experiências foram cruciais para enriquecer e direcionar os rumos da pesquisa.

Foi utilizado um caderno de campo que auxiliou na coleta desses dados (JOVCHELOVITCH; BAUER, 2008). Por fim, mas não menos importante, destaca-se que, somente mediante a autorização prévia dos entrevistados, os materiais como gravadores e câmeras foram utilizados(as), de modo que facilitou as transcrições enriquecendo os dados obtidos em campo. A realização do registro fotográfico revelou-se fundamental para enriquecer a dissertação, uma vez que possibilitou a elaboração de comparações entre as narrativas dos interlocutores, as reportagens veiculadas na imprensa e as observações efetuadas no campo.

### **1.3. A Pesquisa de Campo**

A pesquisa anterior abordou o tema "Tem um fóssil no meu quintal: a comunicação da coleção de fósseis dos surfistas da praia do Atalaia e Farol Velho como uma estratégia para o desenvolvimento local". Com base nisso, dei início à pesquisa de campo em Salinas. Na cidade, realizei uma entrevista com o Sr. Sebastião, um surfista que mantinha uma coleção de fósseis em seu quintal. Durante a conversa, o Sr. Sebastião mencionou que os fósseis estavam sendo furtados do quintal, o que o levou a recolhê-los para dentro de casa. Nesse mesmo dia, tive a oportunidade de conhecer a esposa do Sr. Sebastião, Raquel Calado que compartilhou informações sobre a luta da comunidade de Ponta da Sofia pela preservação dos conhecimentos tradicionais e pela proteção ambiental do território, destacando a importância desse local. Foi nesse contexto que Raquel me convidou a visitar a Ponta da Sofia.

Como museóloga que trabalha com relações que envolvem cultura, patrimônio, meio ambiente, e os comunica por meio de exposições em geral, destaco que, devido aos eventos

relacionados aos fósseis e diante dessa descoberta envolvendo uma comunidade de pescadores, discuti a situação com minha orientadora e mudamos a pesquisa. A partir desse ponto, optamos por redirecionar a pesquisa, proporcionando-me assim a oportunidade de entrar em contato com esse universo e suas problemáticas.

Partindo da mudança do tema da pesquisa comecei a manter contato através do WhatsApp com a Raquel Calado e assim no dia 18 de dezembro de 2022, um domingo, às 17 horas estava marcada a entrevista com a Raquel Calado, esposa do seu Sebastião, na praia da Ponta da Sofia. Para conversar com ela, fiz um roteiro com perguntas breves, sobre quem é ela, sua resistência, e as grandes dificuldades encontradas em sua comunidade (LAVILLE; DIONNE, 1999). Utilizando um caderno de campo, uma caneta e um gravador, a entrevista foi registrada mediante autorização da entrevistada. A chegada à Ponta da Sofia apresentou complexidades, pois a comunidade se localiza em uma área distante, no terceiro trecho da praia, onde o fluxo de indivíduos é substancialmente inferior em comparação à via principal conhecida como primeira rota de acesso. Os próprios residentes alertaram sobre a complexidade dessa área, especialmente para visitantes desavisados, devido à presença de armadilhas denominadas 'bufetes'. Estas armadilhas constituem artefatos artesanais utilizados por caçadores ilegais não pertencentes à comunidade, os quais são implantados nos manguezais para abater animais. Portanto, fomos prontamente alertados sobre este risco. Seguindo a orientação da Sra. Raquel, tracei o percurso no caderno de campo durante o trajeto e elaborei um mapa para facilitar minha localização.

A entrevistada indicou um ponto de referência, um ônibus conhecido como 'Bar Mad Max', situado no término da rota do terceiro acesso. Com base nessas informações, eu e Rayana Silva<sup>2</sup> embarcamos no ônibus que percorre a rota pela praia. Ao chegar ao destino, deparamo-nos com algumas placas (Apêndice B) e mensagens de preservação ambiental (Apêndice C). Seguindo essas orientações, atravessamos as dunas e alcançamos o ponto de encontro.

Raquel havia agendado o encontro para as 17 horas, momento em que a temperatura da areia se apresentava mais amena. No entanto, houve um pequeno atraso em sua chegada. Ao chegar, ela nos convidou a acompanhá-la até sua residência, sugerindo que lá teríamos um ambiente mais propício para a conversa, e assim procedemos. Nossa interação não se prolongou, pois precisávamos monitorar as condições da maré. Durante o encontro, Raquel

---

<sup>2</sup> Museóloga, pesquisadora do programa de capacitação institucional do Museu Paraense Emílio Goeldi. Mestre em Ciências do Patrimônio Cultural. Desenvolve pesquisa sobre patrimônio natural, especificamente o patrimônio paleontológico da Praia do Atalaia, Salinópolis, Pa.



apresentou-me seus filhos e sua mãe, indicou as vias de saída da comunidade e abordou algumas preocupações dos residentes locais. Além disso, mostrou-me diferentes pontos relevantes da comunidade, como antigas residências de pescadores e áreas de lazer, incluindo um campo de futebol onde ocorria um torneio, atraindo grande parte da população local. Tentamos também estabelecer contato com outra pessoa, porém ela não estava disponível naquele momento.

Considerando o avançar do horário e a proximidade da última passagem do ônibus, Raquel gentilmente nos acompanhou, juntamente com seu filho e seu esposo Sebastião, até o ponto de ônibus. Durante o percurso, Raquel encontrou um conhecido, apresentando-nos e mencionando o propósito da pesquisa que estávamos conduzindo na comunidade. Nesse momento, fiz minha apresentação, enquanto o indivíduo se identificou como Francisco Afonso Duarte, mais conhecido como Junior Oásis, proprietário do estabelecimento Bar Mad Max. Caminhamos cerca de 2 km em direção ao ponto de ônibus localizado na praia, uma área ligeiramente escura que se iluminava ocasionalmente com os faróis dos veículos em trânsito. Raquel explicou que, em determinadas situações de maré alta, o ônibus não consegue transitar pela praia, sendo redirecionado para uma rota alternativa, que, apesar de mais próxima da comunidade, não alcança o ponto de ônibus na praia. Posteriormente, Raquel nos deixou no ponto de ônibus, e retornamos.

A viagem de campo subsequente foi conduzida nos dias 14, 15 e 16 de fevereiro de 2023. Nesses dias, devido à indisponibilidade de Raquel para me acompanhar até a comunidade, decidi realizar a visita em conjunto com meu amigo Leonardo Silva<sup>3</sup>. Chegamos à Ponta da Sofia por volta das 16h30, num período marcado por condições climáticas desfavoráveis, com chuvas persistentes. Mesmo diante dessas condições, prosseguimos em direção à comunidade. Durante o trajeto, tive um encontro fortuito com Francisco Afonso, conhecido como "Junior Oásis". Ele estava coletando cocos nas dunas. Após as devidas apresentações, expus os objetivos da pesquisa e perguntei se ele gostaria de participar. Junior prontamente aceitou o convite, interrompendo suas atividades para preparar um ambiente adequado. Ele providenciou cadeiras em uma de suas barracas localizadas na praia, a fim de iniciar nossa conversa. Enquanto isso, uma música dos anos 80 tocava em sua caixa de som no bar, estabelecendo um clima durante a entrevista. Durante o diálogo, Junior compartilhou que chegou à comunidade em 1998 e atua como trabalhador autônomo.

Um aspecto que desperta nossa atenção é a notável familiaridade de Junior Oásis com a natureza local e seu comprometimento com a preservação ambiental. Antes de abordá-lo,

---

<sup>3</sup> Doutorando do Programa de Pós-Graduação, Comunicação, Cultura e Amazônia e integrante do grupo de pesquisa Narramazônia (PPGCOM/UFPA).

observamos de longe suas ações: ele estava envolvido no plantio de mudas de plantas e na coleta de resíduos que eram depositados pelas águas nas proximidades das dunas. Essa postura demonstra seu cuidado e zelo pelo ambiente. A entrevista ocorreu sob condições climáticas adversas, com chuva persistente. Durante o diálogo, Junior indicou alguns residentes mais antigos da comunidade, sugerindo que poderíamos entrevistá-los. Ele também alertou sobre a necessidade de cautela ao transitar em certas áreas das dunas, vegetação densa e manguezais, que possuem armadilhas específicas para capturar cotias por meio de armas de fogo. Apesar da intenção de visitar a comunidade, as condições climáticas desfavoráveis e o agravamento do tempo nos impediram de prosseguir. Optamos por capturar imagens e retornar. Nos dias subsequentes, ficamos impossibilitados de sair devido às fortes chuvas que persistiram na região.

Retornamos para mais uma etapa de atividade de campo entre os dias 23 e 25 de maio, acompanhados por Rayana e eu. Em específico, no dia 24, realizamos uma entrevista previamente agendada com a Secretaria Municipal de Meio Ambiente (SEMMASAL), buscando obter informações relevantes sobre a região onde está localizada a comunidade. Além disso, participamos de uma reunião organizada pelo convite de Junior Oásis com a secretária de Turismo. Nesse encontro, Junior nos apresentou sua amiga Therly Cruz fie, uma moradora da comunidade da Ponta da Sofia, envolvida no projeto chamado Ecobiblioteca Gibi Saúde. Este projeto tem por objetivo promover educação social, envolvendo arte, música, alfabetização e fomentando a cultura local entre as crianças da Ponta da Sofia. A partir das apresentações realizadas durante essa reunião, convidei Therly para integrar o projeto de pesquisa. Ela aceitou prontamente, e obtive seus contatos para possíveis entrevistas futuras.

À tarde, deslocamo-nos para a Ponta da Sofia, onde nossa interlocutora, Raquel, já nos aguardava para proceder à assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido<sup>4</sup>. Ela me conduziu até a residência de Jaqueline Oliveira, onde nos apresentou e discorremos sobre os objetivos da pesquisa na comunidade. Nesse contexto, indagamos se ela estava interessada em participar. Raquel havia mencionado anteriormente Jaqueline em nossas conversas prévias, destacando sua história de vida. Em virtude disso, dirigimo-nos à casa de Jaqueline para que pudesse compartilhar sua trajetória conosco. Na ocasião, Jaqueline estava em casa com seus dois filhos, enquanto seu esposo estava ausente, dedicado à atividade pesqueira. Sentamo-nos

---

<sup>4</sup> Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Resolução de 2017). Na área das ciências sociais e humanas, especialmente em Comunicação, há uma discussão significativa sobre os requisitos que são comparados com os da biologia. De qualquer forma, é necessário passar pela Plataforma Brasil para conseguir aprovação e conduzir a pesquisa que envolve contato com pessoas. <https://cep.ib.usp.br/submissao-de-projetos/plataforma-brasil-area-de-ciencias-humanas-e-sociais.html>

e iniciamos uma conversa sobre sua vivência na comunidade. Ao final da conversa, seu esposo retornou da pescaria acompanhado por um amigo.

No dia 25, chegamos à Sofia por volta das 9 horas da manhã e dedicamos metade do dia a acompanhar Junior em suas atividades cotidianas. Após o almoço, exploramos pela primeira vez toda a extensão da comunidade. Durante o percurso, adentramos o manguezal, os igarapés e a mata nativa da região que pertence ao MONA. No retorno, Junior gentilmente nos ofereceu carona em um carrinho de passeio que ele mesmo construiu, movido a energia eólica é pertinente salientar que toda a ocorrência foi documentada e registrada mediante a devida autorização do entrevistado. No referido dia, lamentavelmente, ocorreu à perda substancial de dados armazenados em meu celular, infelizmente o celular caiu na praia sem eu perceber na hora do passeio de carrinho, Junior gentilmente auxiliou-me na busca, entretanto, infelizmente, o dispositivo não foi recuperado.

Mantendo contato regular com meus entrevistados, Junior Oásis indicou-me alguns moradores mais antigos da comunidade com os quais eu poderia buscar um contato para conversas adicionais.

Durante alguns meses, estabeleci comunicação pelo aplicativo de mensagens WhatsApp com Therly Cruz fie e agendamos uma entrevista para uma data posterior. Com base nisso, planejamos um retorno ao campo, desta vez acompanhados por Leonardo, Aymee Marçal<sup>5</sup> e eu, com a intenção de prolongar nossa permanência de 23 a 28 de outubro.

No dia 23 de outubro, regressamos ao campo, já tendo agendado previamente a entrevista com Therly Cruz para o dia seguinte, 24, por meio do aplicativo de mensagens WhatsApp, conforme combinado. Chegamos à comunidade por volta das 9h30. Durante o trajeto, Therly informou que se atrasaria um pouco, pois ainda estava na cidade. Nesse tempo, aproveitamos para observar e fotografar a comunidade desde o seu ponto inicial, próximo ao terceiro atalho. Durante esse período, notamos a presença de atividades de construção, com sons de marteladas indicando a edificação de novas residências e reformas em outras já existentes ao longo do caminho. Presenciamos pessoas retornando das compras na cidade, especialmente do supermercado líder, assim como crianças voltando das escolas, algumas localizadas no Farol e outras no centro de Salinas. Também observamos rondas policiais e um caminhão de coleta de entulho removendo resíduos.

Decidimos fazer uma pausa para nos alimentar sob uma árvore de Ajuru, aproveitando os frutos, uma vez que já estávamos sentindo fome. Nesse momento, a areia encontrava-se

---

<sup>5</sup> Museóloga, Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Ciências do Patrimônio Cultural (PPGPatri/UFGA).

bastante aquecida pelo sol. Foi quando Therly avisou que já havia chegado em sua residência, então nos dedicamos a encontrar o local com base nas indicações fornecidas por ela. Therly nos convidou a adentrar sua casa e a entrevista transcorreu conforme planejado. Durante a conversa, ela me indicou a pessoa de seu Geraldo, um pescador antigo que já não residia mais na comunidade. Entretanto, Therly ainda mantinha contato com ele e sua família. Solicitei a ela que mencionasse sobre minha pesquisa e pedi permissão para entrar em contato com seu Geraldo, e assim procedemos.

No dia 24, partimos em busca da residência de seu Geraldo, localizada após a ponte que leva ao Atalaia, conforme indicado por Therly. Utilizamos dois pontos de referência: uma panificadora chamada Libra e uma barraca de peixe à beira da estrada, como nos orientou Therly. Após inserir as informações no aplicativo de mapas, percebemos que as coordenadas indicadas nos levavam a um local diferente. Prosseguimos com a busca até encontrarmos a panificadora Libra, cuja placa estava apagada, aparentando estar fechada. No entanto, logo atrás, no lado direito, avistamos uma placa indicando 'Peixaria do Geraldo'. Ao nos aproximarmos e batermos à porta, uma senhora chamada Odacir, esposa de seu Geraldo, veio atender. Ela estava trajando um avental e informou-nos que seu esposo havia saído recentemente para realizar um trabalho de pintura em uma canoa próximo à Ponta da Sofia. Odacir mencionou que seu Geraldo havia aguardado nossa visita na tarde anterior, porém, não conseguimos chegar no horário combinado.

Apresentamos o propósito da pesquisa a Dona Odacir e questionamos se ela gostaria de participar. Ela prontamente aceitou. Enquanto Dona Odacir preparava um peixe para o jantar, perguntamos se nossa presença atrapalharia, ao que ela assegurou que não. Providenciou cadeiras e nos sentamos no pátio de sua residência, onde havia mais de cinco redes de pesca e alguns isopos. Durante a entrevista, chegaram clientes interessados em comprar peixe. No entanto, Dona Odacir explicou que não tinha peixe para venda há alguns dias, pois Seu Geraldo não havia conseguido pescar o suficiente para a comercialização. A entrevista foi concluída por volta das 16h30, mas Seu Geraldo ainda não havia retornado. Para não atrapalhar, informamos que daríamos uma volta até o Farol Velho e retornaríamos às 18h00. Retornamos à residência de Seu Geraldo por volta das 18h30, mas ele ainda não havia chegado. Dona Odacir ofereceu-se para que esperássemos e nos forneceu cadeiras. Por volta das dez para as sete da noite, Dona Odacir avistou a chegada de Seu Geraldo em sua bicicleta e nos informou. Ele nos cumprimentou cordialmente ao chegar e entrou em casa. Dona Odacir destacou nosso interesse em conversar com ele, e Seu Geraldo prontamente se juntou a nós para compartilhar sobre sua vida na comunidade da Ponta da Sofia.

Após uma conversa com Junior por mensagens, ele mencionou a possibilidade de eu contatar Seu Pinduca, um dos primeiros moradores da comunidade. Seguindo essa indicação, busquei inicialmente a residência de Seu Pinduca conforme orientação de Therly, situada duas casas próximas à residência dela. Ao abordarmos a residência, nos deparamos com Dona Maria José na frente da casa, que prontamente informou ser a responsável por Seu Pinduca e explicou que ele estava descansando naquele momento. Dona Maria José, esposa de Seu Pinduca, disponibilizou seu contato para posterior comunicação, explicando o processo da pesquisa e possibilitando a marcação de um dia para conversarmos.

No dia 26 de outubro, por volta das 13h45, chegamos à residência de Seu Pinduca. Fomos recebidos por Dona Maria José, com quem havia falado previamente pelo WhatsApp. Seu Pinduca é conhecido na comunidade como um dos residentes mais antigos da região. Ele destaca que, após sua chegada, outros moradores notáveis foram o Tarzan, já falecido, e Seu Geraldo, que se mudou da comunidade. O nome de batismo de Seu Pinduca é João Batista, e ele enfatiza sua residência na Ponta da Sofia por mais de 33 anos.

Com a ajuda de Therly, consegui agendar uma entrevista com Seu Antônio e Dona Tereza, por meio do contato de sua filha chamada Samanta. O horário disponível para a entrevista era somente às 18 horas, quando Seu Antônio estaria em casa. Aproveitando o tempo, após as entrevistas com Seu Pinduca e Dona Maria José, dedicamos um período para fotografar toda a comunidade.

Próximo ao término da Ponta da Sofia, um residente, seu Cezar, nos convidou a visitar sua casa e apreciar o artesanato feito por sua esposa. Cezar 46 anos, morador da comunidade há exatamente cinco anos, é um pescador associado à colônia de pescadores Z29. Conhecemos seu espaço de artesanato juntamente com sua esposa Adriana Ribeiro, e ao explicarmos nosso propósito na região, ele concordou em participar da pesquisa, iniciando assim a entrevista. Retornamos por volta das 17h30 do extremo da Ponta da Sofia e seguimos para a residência de Seu Antônio, de 77 anos, e Dona Tereza, de 59 anos, proprietários da barraca chamada "Mangue Bar". Ambos são residentes há 43 anos nesse local. Seu Antônio mencionou que na época em que chegou, não existia a comunidade como hoje conhecida, era apenas uma ponta de praia. Ele foi contratado para zelar por aquela área e, ao longo dos anos, testemunhou o crescimento da população na região.

#### **1.4. Os interlocutores da Ponta da Sofia**

A primeira entrevistada e também o meu primeiro contato no local de pesquisa foi com Raquel Calado, uma mulher de 40 anos (Figura 1) residente na Ponta da Sofia há quase duas

décadas. Raquel se identifica como ativista e destaca seu constante envolvimento nas questões da comunidade, buscando estar sempre atualizada sobre as reuniões e encontros que ocorrem na região.

Figura 1: Raquel Calado na frente da sua casa.



Fonte: Rayana Alexandra (2023).

Para o também residente na região, Francisco Afonso de Duarte, conhecido localmente como Júnior Oásis, de 44 anos de idade, é um conhecedor experiente da área e vive na região desde 1998. Afonso (Figura 2) é proprietário de um bar chamado "Mad Max", que opera em um ônibus localizado na faixa de areia da praia, em frente à comunidade. Além disso, é dono de quatro carrinhos à vela, usados para passeios mais focados no ecoturismo.

Figura 2: Júnior Oásis assando peixe para vender.



Fonte: Arquivo pessoal (2023).

A interlocutora Jaqueline Oliveira, de 26 anos (Figura 3), reside na Ponta da Sofia há mais de 13 anos e se destaca por ser a única mulher pescadora na comunidade. Jaqueline se identifica como natural de Salinas e atualmente acompanha seu marido nas atividades de pesca.

Figura 3: Jaqueline e seu esposo Manoel exibindo sua rede de pesca.



Fonte: Arquivo pessoal (2023).

Therly Cruz Fie, 40 anos, reside na Ponta da Sofia por mais de 13 anos, desempenha um papel multifacetado na comunidade. Além de gerenciar uma barraca na praia e oferecer serviços de culinária por encomenda, ela também se dedica voluntariamente a dois projetos comunitários essenciais. Um deles é o Suruanã, com foco na preservação das tartarugas marinhas na área específica da Ponta da Sofia, reconhecida como local de reprodução dessas espécies.

O segundo projeto é a Ecobiblioteca Gibi Saúde, uma iniciativa de educação socioambiental voltada para alfabetização e consciência ambiental. Essa iniciativa abrange desde aulas de artes até atividades físicas, envolvendo regularmente 11 crianças locais na Ecobiblioteca. Vale ressaltar que a ideia de fundar a Ecobiblioteca surgiu de Elizabeth Yamasaki, uma antiga veranista que costumava passar suas férias na região, especificamente na Oca do Tarzan, localizada na Ponta da Sofia. Com o tempo, Elizabeth percebeu a falta de oportunidades de atividades locais para as crianças da comunidade e adquiriu um terreno para estabelecer a Ecobiblioteca. Atualmente, Therly (Figura 4) está liderando as operações e atividades da Ecobiblioteca, assumindo a responsabilidade de realizar as atividades da escola juntamente com sua filha.

Figura 4: Therly Fie retirando o excesso de lixo deixado na Praia.



Fonte: Foto enviada da interlocutora via WhatsApp (2024).

Dona Odacir Silva, uma aposentada de 70 anos (Figura 5), recebeu sua aposentadoria por meio da Associação dos Pescadores. Ela é uma ex-moradora da Ponta da Sofia, tendo deixado a comunidade há 15 anos, embora tenha sido uma das primeiras residentes da região juntamente



com seu marido, Geraldo. Dona Odacir relembra que já vivia na Ponta da Sofia desde os anos 1980, desempenhando o papel de dona de casa. A vida na comunidade sempre foi desafiadora, mas apesar das dificuldades, ela conseguiu criar seus filhos.

Figura 5: Odacir Silva na cozinha de sua casa.



Fonte: Leonardo Silva (2023).

Seu Geraldo Silva, um pescador respeitado de 69 anos (Figura 6), é reconhecido na comunidade da Ponta da Sofia como uma das pessoas mais experientes naquela região. Chegou à Ponta da Sofia em 1973 e foi um dos pioneiros na construção dos primeiros currais na localidade, em colaboração com outros dois amigos. Atualmente aposentado, ele administra uma venda de peixes em sua residência. Mudou-se da comunidade há mais de 15 anos e estabeleceu moradia próximo à ponte que facilita o acesso à região do Atalaia.

Figura 6: Geraldo Silva no pátio de sua casa atrás está sua rede de pesca.



Fonte: Leonardo Silva (2023).

João Batista, de 52 anos, conhecido como Pinduca, e Maria José, de 56 anos (Figura 7), são moradores da Ponta da Sofia há 33 anos. Pinduca é reconhecido na comunidade como um pescador aposentado e é considerado o primeiro morador da Ponta da Sofia. Ele reside em uma barraca com sua esposa, Maria José, e juntos têm filhos e netos. Dona Maria José contribui para o sustento da família participando da pesca de mariscos e peixes ao lado de seu marido. Nos momentos em que não estão pescando, ela ajuda na preparação de alimentos em uma barraca na praia, realizando tarefas diárias na cozinha para seu cunhado.

Figura 7: Maria José e João Batista (Pinduca).



Fonte: Leonardo Silva (2023).

Cezar Batista, um pescador associado à Colônia de Pescadores Z29, reside na Ponta da Sofia há cinco anos. Sua presença frequente em Salinas desde 1993 o levou a se estabelecer na comunidade. Ele se considera o pescador mais jovem na área e possui uma variedade de habilidades. Anteriormente, trabalhou como bereiro, mas não se adaptou completamente a essa ocupação. Nos períodos sem atividades de pesca, atua como carpinteiro, contribuindo para a construção de residências na comunidade. Cezar teve um papel importante ao liderar iniciativas para fornecer água à comunidade, coordenando a coleta de recursos entre moradores e conhecidos. Ele também tem planos de transformar sua residência em um hostel no futuro (Figura 8).

Figura 8: Cesar Batista e sua esposa Adriana Ribeiro.



Fonte: Leonardo Silva (2023).

Dona Tereza Brito e Antônio Monteiro (Figura 9), são moradores da Ponta da Sofia desde 1988. Seu Antônio, com 77 anos, foi um antigo vigia contratado para evitar a construção de moradias em um local conhecido por ele como "Cocal", propriedade de João Felício. Atualmente, ele administra uma barraca localizada na entrada principal da comunidade. Sua esposa, Dona Tereza, de 59 anos, cuida das atividades domésticas e juntos mantêm uma mercearia em sua residência, oferecendo produtos como arroz, entre outros itens. Além de suas responsabilidades como barraqueiro, como membro da Associação dos Barraqueiros do Atalaia, Antônio trabalha como carpinteiro na cidade, expandindo suas atividades para além da comunidade.

Figura 9: Tereza Brito e Antônio Monteiro em sua casa.



Fonte: Leonardo Silva (2023).

Na abordagem, a pergunta inicial para alguns deles (as) começou com questões simples como "Qual é o seu nome?" e, em seguida, indagando sobre a visão pessoal do entrevistado sobre o significado da Ponta da Sofia para você? Essa abordagem pôde proporcionar diferentes perspectivas sobre a comunidade, permitindo que os entrevistados compartilhassem tanto aspectos mais objetivos da vida na Ponta da Sofia, quanto suas experiências pessoais e subjetivas sobre o local. Faz-se necessário ressaltar que as mulheres que acompanhavam seus cônjuges frequentemente apresentavam uma relutância em participar ativamente nas interações verbais. Esta tendência era notável, uma vez que, em diversas ocasiões em que questionamentos eram dirigidos a elas, seus esposos tendiam a interrompê-las. Entretanto, é pertinente observar que, em alguns segmentos específicos das entrevistas, as mulheres expressaram suas opiniões, embora uma significativa porção tenha optado por não falar muito.

A pergunta inicial sobre o nome dos entrevistados é uma forma comum de estabelecer identificação e criar uma atmosfera de conversa mais informal, o que pode constatar é quando eu falava: "Fulano de tal" me mandou vim até você. O entrevistado ficava mais seguro em responder as questões. Já a questão sobre o significado da Ponta da Sofia para cada um, quando perguntado as expressões faciais mudavam, e vinham à tona as relações emocionais, culturais e individuais que os moradores têm com o lugar, fornecendo uma compreensão mais profunda sobre a importância e o valor atribuído à comunidade por cada entrevistado. Essa variação na

abordagem pode ter enriquecido a pesquisa ao capturar diferentes aspectos e nuances da vida na Ponta da Sofia através das diversas perspectivas dos entrevistados.

### 1.5. A análise dos dados

A partir dessas narrativas, foi realizada a análise e interpretação dos dados obtidos nas entrevistas com os onze participantes. Foi elaborado um quadro (Quadro 1) detalhando pontos essenciais muitas vezes negligenciados durante as entrevistas que quando se para destrinchar com mais detalhes percebe-se como é essencial e muitas vezes deixamos passar, e a partir dessa forma foram examinadas cada entrevista minuciosamente.

Quadro 1 – Análise das Entrevistas

Categorias	Entrevistados									Análise de Conteúdo		
	Raquel	Jaqueline	Junior	Therly	Odacir	Geraldo	César	Pinduca e Maria José	Antônio e Tereza			
1. O passado na Ponta da Sofia: memórias	Adjetivações relacionadas a categoria									Análise comparativa das vozes	Premissas	Núcleo Apontamentos
2. Território e comunidade: entre afetos e desafios												
3. A relação com a Natureza	Capítulos 3 e 4											
4. Crenças e encantarias												
5. Disputa pela área de preservação ambiental												
6. O engajamento ativo da comunidade na preservação Ambiental												
7. As práticas de resistência												

Fonte: Elaborado pela autora (2024).

Esse processo destacou categorias específicas, com ênfase na abordagem do autor Romeu Gomes (2007). A realização da análise e interpretação dos dados na pesquisa qualitativa é importante, pois, por meio das informações fornecidas, é possível examinar as histórias, identificar padrões e significados presentes nas narrativas dos participantes da pesquisa. A partir dos passos descritos pelo autor Romeu Gomes (2007) realizamos a análise com as seguintes categorias:

(a) decompor o material a ser analisado em partes (o que é parte vai depender da unidade de registro e da unidade de contexto que escolhemos); (b) distribuir as partes em categorias; (c) fazer uma descrição do resultado da categorização (expondo os achados encontrados na análise); (d) fazer inferências dos resultados (lançando-se mão de premissas aceitas pelos pesquisadores); (e) interpretar os resultados obtidos com auxílio da fundamentação teórica adotada (GOMES, 2007. p. 88).

Compreendemos que desde o momento em que os entrevistados respondem às perguntas, a forma como eles dão as respostas é influenciada por suas experiências de vida, representando, assim um resultado da interpretação pessoal deste. Isso permite perceber categorias enriquecedoras que surgem, a partir dessas análises. Portanto a partir dessas categorias formou-se tópicos específicos dos temas.

O foco principal dessa análise foi compreender as diversas visões e interpretações que as pessoas têm sobre um determinado tema, dando destaque especialmente às representações sociais presentes. Gomes (2007) destaca ainda que, devido à natureza qualitativa da pesquisa, é praticamente impossível não encontrar divergências de opiniões nas narrativas analisadas. Para ele:

“Na pesquisa qualitativa a interpretação assume um foco central, uma vez que "é o ponto de partida (porque se inicia com as próprias interpretações dos atores) e é o ponto de chegada (porque é a interpretação das interpretações)" (GOMES et al., 2005).

Compreendemos que desde o momento em que os entrevistados respondem às perguntas, a forma como eles dão as respostas é influenciada por suas experiências de vida, representando, assim um resultado da interpretação pessoal deste.

Com base nos exemplos apresentados abaixo (Quadro 2) sobre a organização das categorias pela autora Vânia Torres Costa (2022), identificamos as seguintes categorias discursivas.

Quadro 2 – Categorias encontradas

Categorias
1 - O passado na Ponta da Sofia: memórias
2- Território e comunidade: entre afetos e desafios
3- A relação com a Natureza

4- Crenças e encantarias
5- Disputa pela área de preservação ambiental
6- O Engajamento Ativo da Comunidade na Preservação Ambiental
7- As práticas de resistência

Fonte: Elaborado pela autora (2024).

Com base nas categorias mencionadas, que representaram os postos-chave identificados, procedemos à elaboração das discussões apresentadas a seguir. A fase inicial compreendeu a transcrição das narrativas e a subsequente seleção de categorias temáticas. Como mostra o exemplo acima na ilustração em destaque, identificamos seis categorias denominadas:

**a. O Passado na Ponta da Sofia:**

Nessa categoria, os moradores abordam sobre o passado na Ponta da Sofia. Para alguns, há um sentimento de nostalgia em relação a um tempo de abundância e prósperas atividades, como as vendas de peixe. Por outro lado, alguns veem o presente como um período positivo.

**b. Território e Comunidade: Entre Afetos e Desafios:**

Este tópico destaca os afetos presentes na comunidade, como a união para auxiliar os necessitados e o sentimento de pertencimento ao ambiente. Entretanto, os desafios incluem a dificuldade de viver no local, dada a distância de serviços essenciais, como saneamento básico e escolas de ensino fundamental.

**c. Relação com a Natureza**

Nessa categoria os moradores expressam um respeito pelo ambiente em que vivem, e destacam as preocupações ambientais presentes.

**d. Crenças e encantamentos**

Os moradores compreendem que a praia é encantada e detalham suas experiências.

**e. Disputa pela Área de Preservação Ambiental**

Nesta categoria, são explorados os conflitos entre a comunidade, ocupação desordenada de novos moradores e os resorts em relação à área de preservação ambiental.

**f. Engajamento ativo da comunidade na preservação ambiental:**

Aqui, são analisadas as diversas formas de engajamento ativo da comunidade na preservação ambiental.

**g. Práticas de Resistência:**

Nesta categoria, são identificadas e discutidas as práticas de resistência adotadas pelos moradores para garantir sua permanência no local.

É importante ressaltar que essa análise de conteúdo foi aplicada a todas as onze entrevistas. Na etapa de adjetivação, foram selecionados trechos específicos das narrativas dos interlocutores que estavam relacionados ao tema da categoria escolhida e se interligavam. Logo depois disso foi realizada uma análise do conteúdo de temáticas dividido em quatro pontos sendo estes: 1) Análises comparativas das vozes, que são como essas vozes se interligavam sobre o assunto; 2) Já para o subtópico das premissas são as proposições básicas amparadas pela base teórica como as ideias iniciais sustentam o raciocínio; 3) O subtópico núcleo de sentidos identificados significa o ponto central dos significados encontrados; 4) e por último os apontamentos de temas com base nos núcleos identificados que serve para observar ou anotar algo sobre os tópicos específicos com base no ponto central.



## Capítulo 2

### A Comunidade da Ponta da Sofia: Atalaia



## **2 A Comunidade da Ponta da Sofia: Atalaia**

O capítulo em questão se propõe a abordar um breve panorama histórico do município de Salinópolis, situado a cerca de 200 quilômetros da cidade de Belém, na região do Salgado Paraense. Este município é reconhecido como um dos destinos turísticos mais populares no estado do Pará, conforme informações do (IBGE). No passado, Salinópolis foi habitada pelos Tupinambás, considerados os primeiros habitantes dessa região. Atualmente, a cidade é reconhecida como um polo turístico em constante desenvolvimento. Destaca-se por suas deslumbrantes praias, sendo a Praia do Atalaia uma das mais procuradas e disputadas pelos visitantes. É nessa praia, mais precisamente no terceiro atalho, que se encontra a Ponta da Sofia, o foco de estudo desta pesquisa.

### **2.1. A cidade de Salinópolis: da aldeia longínqua ao balneário mais visitado no nordeste paraense**

Popularmente conhecida como Salinas, como mostra conforme a imagem abaixo (Figura 10) a cidade fica a mais de 200 km da região metropolitana de Belém, ao lado dos municípios de São João de Pirabas e Maracanã. É uma das localidades mais antigas da região do Salgado, no nordeste paraense, e está inserida na zona costeira do estado do Pará (SOUZA, 2014). Salinas ou Salinópolis é uma microrregião cujas coordenadas é de 00°36'40' de latitude do lado sul e de longitude oeste é 47°18'30. De acordo com o Instituto Brasileiro Geografia e Estatística (IBGE), sua área territorial abrange aproximadamente 226,120 km<sup>2</sup> com população estimada em 41.164 pessoas (CARDOSO, 2001; IBGE, 2023).

A cidade atualmente é vista como um dos balneários mais visitados principalmente nos feriados prolongados, finais de semana e férias escolares, pois possui uma paisagem de clima-botânico amazônico bem às margens do Atlântico, de belezas exuberantes com vegetações, fauna e flora ricas. O instituto de Desenvolvimento Econômico, Social e Ambiental do Pará (IDESP) salienta que o município de Salinópolis possui grandes elementos que compõe sua paisagem como as praias do Maçarico, Farol velho, Atalaia, Marieta, Corvina, Fortaleza, do Castelo, dos Inajá-Pilões, Areião, Maria Baixinha e a Praia do Porto.

Seus rios, igarapés, furos, mangues e dunas dentre eles se encontra o famoso lago da Coca-Cola, com águas escuras, geladas e doces, sendo um dos grandes diferenciais da região, entretanto tem épocas que esse lago seca, restando apenas dunas (IDESP, 2011). Algumas áreas são vistas como reservas e patrimônio natural, protegidas pelo Ministério do Estado do Pará

(MPPA); IDEFLOR-BIO órgão gestor do MONA (Monumentos Natural Atalaia); Secretária Estadual de Meio Ambiente e Secretária Estadual de Desenvolvimento Urbano e Obras (SEDOP); Secretária Estadual de Segurança Pública, Comando da Polícia Militar e Corpo de Bombeiros; Secretária de Meio Ambiente e Trânsito do Município de Salinópolis; Superintendência do Patrimônio Público da União no Pará (SPU) (RECOMENDAÇÃO MINISTERIAL, 2023).

Figura 10: Mapa da região de Salinópolis.



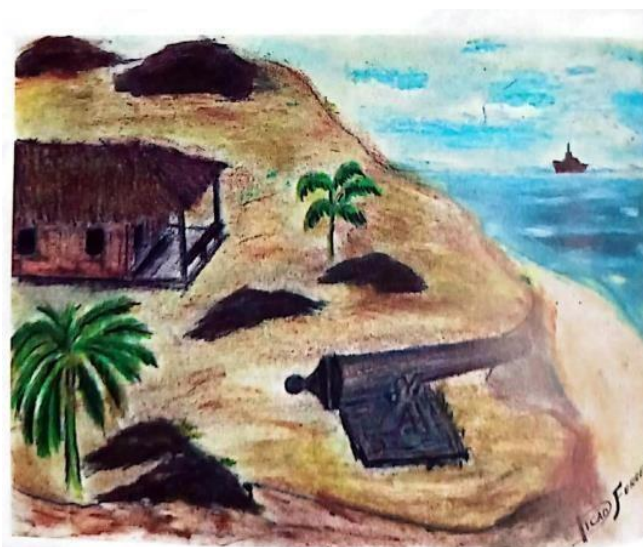
Fonte: Adaptado de MELO, 2008.

No contexto histórico a cidade de Salinópolis teve seu surgimento por meio de uma antiga comunidade indígena Tupinambás, que habitavam a esta região inexplorada. E desta natureza utilizavam apenas o básico para a sua sobrevivência (SOUZA, 2014; MARINHO, 2017). Isso permitiu um acúmulo de conhecimentos acerca do ambiente costeiro amazônico, de onde, sem promover grandes transformações na natureza, produziam e retiravam os víveres indispensáveis à reprodução social, viabilizada, principalmente, através da caça, extrativismo, pequenas roças, pesca e salga do peixe (MARINHO, 2017. p. 268). Podemos ressaltar que os colonizadores europeus e sua ocupação nesse local e em diversos outros, são grandes responsáveis pela fundação de várias cidades em diferentes regiões, principalmente no nordeste e norte do estado do Pará (SOUZA, 2014; MARINHO, 2017, CARDOSO, 2001).

De acordo com registros da época o Governo do Capitão- General do Maranhão e Pará,

André Vidal de Negreiros em 1656, determinou uma missão para o Capitão-mor Feliciano Correa, que era necessário ter uma atalaia<sup>6</sup>, sinalizando aos navegantes que percorriam o caminho de Belém - Maranhão. Com tiros de canhão durante o dia alertariam sobre os perigos marítimos na área de navegação e aproximação dos arrecifes, devido vários naufrágios que ocorriam na costa paraense. E sinalizariam contra as invasões e interesse dos holandeses e franceses pela região. As fogueiras que serviam como sinalizadores não estavam dando resultados durante o dia, somente pela parte da noite, possuíam mais utilidade e guiavam as embarcações. Sendo assim instalaram um canhão em uma ilha próximo a baía de Virianduba<sup>7</sup>. Neste local havia um morro onde eram feitas as fogueiras chamadas de Mirigalha<sup>8</sup>, com trinta metros de altura. E assim se sucedeu a instalação desse canhão e uma casa em estilo guarita, que era utilizada para abrigar os vigias. Consequentemente a ilha passou a se chamar Atalaia devido ao posto de vigia criado. (CASTANHAL, 2002; PAIXÃO, 1991; DUBOI, 1949; FERREIRA, 2010) (Figura 11)<sup>9</sup>.

Figura 11: Ilustração do canhão de Bombarda que servia de alerta na atalaia.



Fonte: Didão Ferreira (2010)

---

<sup>6</sup> Lugar alto estilo uma guarita que servia para vigiar/ avisar (FERREIRA. 2010).

<sup>7</sup> Nome dado pelos indígenas tupinambás que significava: lugar de muitos pássaros, pois existiam diversas espécies como maçaricos, tucanos, bem-te vis, garças entre outros (CASTANHAL, 2002; CARDOSO. 2001).

<sup>8</sup> Era uma espécie de peixe comum pela região durante essa época (FERREIRA. 2010).

<sup>9</sup> A ilustração abaixo se encontra no livro Salinópolis da Memória do escritor Didão Ferreira (FERREIRA, 2010).

Rogério Marinho (2017) evidencia que não era um objetivo criar a cidade de Salinópolis, mas sim garantir um local seguro para a navegação e para as pessoas que realizavam esse transporte de cargas, da cidade de São Luís para Belém e vice-versa. Castanhal (2002) destaca que os nativos salineiros Tupinambás da época foram os primeiros práticos<sup>10</sup> pois estes conheciam os rios sendo perfeitos navegadores e possuíam habilidades como nenhum outro, principalmente na extração do sal marinho encontrado nas salinas. As salinas passaram a ser exploradas com mais frequência pelo governo imperial, sendo transportada diretamente para o Maranhão. Com o constante crescimento do comércio do sal, a região passa a ser destaque pela sua navegação costeira, tornando-se centro de praticagem no Pará, pois as embarcações eram conduzidas em segurança nas entradas e saídas dos portos. Devido à libertação dos nativos em meados dos anos de 1700, as salinas passam a dar alguns sinais de falência pela falta de mão-de-obra, Vidal Negreiros então contrata outros homens vindo de outras regiões, e assim começa a nascer um povoado com barracos de frente para o mar, perto da atalaia (PAIXÃO, 1991; CASTANHAL, 2002).

Benjamin Cardoso (2001) expõe que o canhão Bombarda construído no morro do Mirigalha foi soterrado com o passar dos anos pelo avanço do mar, e necessitava de uma nova sinalização na costa salinense. O canhão por mais de 39 anos ficou soterrado na praia e somente na década de 30 durante algumas escavações de atividades da especulação imobiliária, foi encontrado e recolocado na praça da igreja matriz em 1969, depois reimplantaram na Av. Beiramar, conhecida como praça dos pescadores. E novamente uma erosão ocorreu no local, fazendo com que o canhão voltasse ao seu lugar de origem no Destacado, lugar de moradia dos primeiros práticos e permanece até os dias de hoje em frente ao hotel Solar (FERREIRA, 2010; CARDOSO, 2001). (Figura 12).

Figura 12: Canhão de bombardarda recolocado no local de origem, morro do Destacado, próximo ao hotel Solar.

---

<sup>10</sup> Pessoas que serviam para orientar os navegantes, naturalmente eram os indígenas e caboclos (CARDOSO, 2001).



Fonte: Livro —Salinópolis a cidade mais querida do Pará de Benjamim Cardoso (2001).

No ano de 1849 começa a construção de um farol, e no dia 08 de março de 1852 instalaram o primeiro farol náutico construído com materiais de pedra, tijolos e sarnambis<sup>11</sup> para fazer a cal. O farol tinha 20 metros de altura e funcionou até o ano de 1938. As casas começaram a ter suas estruturas construídas com o mesmo material do farol (FERREIRA, 2010).

Em 1916 o segundo farol foi inaugurado, já em 1937, o terceiro farol foi e o quarto registro do farol é de 2021. Vale ressaltar que as construções dos faróis sempre tinham como objetivo a substituição dos anteriores, devido à quebra dos morros pelo avanço do mar (Figura 13).

Figura 13: Antigo Farol Velho destruído pelo avanço do mar

---

<sup>11</sup> São pequenos moluscos bivalves que são encontrados na costa brasileira, vive enterrado na areia da praia, a cerca de 20 cm de profundidade (SANTOS et al. 2014).





Fonte: Aymee Marçal (2023)

Os moradores (portugueses, práticos, pescadores e lavradores) da atalaia observaram que o lugar não serviria para ser o centro de uma povoação, então se mudaram para um espaço de planalto que intitularam de Viriandeuá outros de Virianduba, mas logo quando se iniciou o povoado chamaram de Destacado em homenagem aos pilotos designados para o local (CASTANHAL, 2002; CARDOSO, 2001).

Castanhal (2002) enfatiza que em 1774, bem antes da separação dos estados do Maranhão e Pará, Salinas era integrada a capitania do caeté, sob o decreto imperial descrito em fevereiro de 1652, este decreto incluía uma distância de 50 léguas o equivalente aos dias de hoje 210 quilômetros, que abrangia o rio Gurupi até o Guamá. Segundo Deiliany Souza (2014) no Pará em regiões do município de Vigia até Viseu era frequente encontrar grandes salinas em vários pontos do percurso. Devido ao comércio de sal, o Governador e General José de Nápoles Teles de Menezes em 1781 muda o nome de Virianduba ou Destacado para Salinas (Organização Comercial Estrela LTDA, 1977; SOUZA, 2014).

O lugar recebeu a denominação de Salinas, em 1781 devido à presença de jazidas e extração do sal (sal de cozinha-NaCl) na região. Foram os jesuítas que inicialmente utilizaram a mão-de-obra indígena para desenvolver esta atividade, visto que aqueles nativos já possuíam costumes, como a prática de salgar o peixe. O governo colonial intensificou a prática da extração do sal construindo várias salinas no litoral paraense, como por exemplo, na localidade de Joanes no município do Marajó (BRITO. 2004. p. 26).

Podemos descrever que Salinas vivenciou momentos positivos e negativos, devido ser conhecida como uma freguesia na época, esta que se tornou vila, entretanto retrocedeu novamente e passou a ser chamada de freguesia. Até que no ano de 1882 sob decreto lei de número 1.081 de 2 de novembro, a denominaram novamente de vila, entretanto pertencente ao município de Maracanã. (CARDOSO, 2001; BRITO, 2004; ORGANIZAÇÃO COMERCIAL ESTRELA LTDA, 1977).

No ano de 1884 no dia 7 de janeiro ocorreu sua instalação municipal, porém somente por meio da Lei estadual de nº 997 no dia 22 de outubro de 1901, dezessete anos depois passa a ter os privilégios de cidade. Entretanto no ano de 1930, foi novamente desligada como cidade sendo inserida novamente ao município de Maracanã. Três anos depois no dia 20 de janeiro de 1933, a região de salinas passa a ser restabelecida como cidade. Quatro anos mais tarde no dia 30 de dezembro de 1937, por meio do Decreto Estadual nº 4.505, no governo de Getúlio Vargas, ocorreu à alteração do nome da cidade de Salinas para Salinópolis. E passou a ser sancionada na Assembleia Legislativa durante o ano de 1966, pelo então governador Coronel Alacid da Silva Nunes, a lei de nº 3. 778, tornando o município de Salinópolis como Estância Hidromineral, tendo suas instalações decretada oficialmente em 11 de fevereiro de 1967. O município permaneceu como Estância Hidromineral até ano de 1985 (CARDOSO, 2001; BRITO, 2004; SOUZA, 2014; ORGANIZAÇÃO COMERCIAL ESTRELA LTDA, 1977).

Percebe-se que existem dois marcos temporais relevantes no contexto histórico da cidade. Primeiro é que as cidades litorâneas como Salinópolis a população ia se desenvolvendo em torno dos rios, pois esses eram as vias mais rápidas de acesso entre outros perímetros. Já em meados do século XX essa realidade muda com as migrações, muitas advindas por trabalhos em meio às construções de rodovias e grandes projetos. Essa população passa agora a habitar em torno dessas rodovias, criando ruas e invasões, ou seja, reconfiguram o espaço urbano gerando uma grande densidade demográfica, juntamente com a especulação imobiliária que passa a caracterizar esses espaços (MARINHO, 2017; CARDOSO, 2001).

Conforme destaca Souza et al (2016) na década de 1960 e 1980 ocorreram diversas modificações relacionadas à urbanização de Salinópolis e o trecho que liga a sede do município ao Atalaia onde se localiza a Ponta da Sofia.

O espaço urbano de Salinópolis reorganizou-se de forma acelerada e passou a apresentar certo desenvolvimento em sua estrutura física, como ruas pavimentadas, reestruturação no serviço de abastecimento de água, na rede elétrica, no setor de comunicações e nos transportes, com aumento de ônibus intermunicipais, assim como as inúmeras construções, tanto na área urbana como nos loteamentos recém-implantados. A partir da década de 1980, o município de Salinópolis



caracteriza-se cada vez mais pelo intenso avanço das formas de uso relacionadas à lógica urbano-mercantil, pautadas no valor de troca, motivando o aumento de novas formas de apropriação do espaço. (SOUZA *et al*, 2016, p.113).

## 2.2. A cidade turística balnear

Atualmente as praias de Salinópolis estão entre as praias mais visitadas no estado do Pará. Rita Mendonça (2001) comenta que quando uma cidade se torna referência para uma região juntamente com ela o turismo passa a fazer parte, é como uma empresa que se instala em um lugar, mas para que isso se concretize, ocorre também à exploração desse ambiente. É um ciclo sem fim, sendo que consta nele duas vertentes. Uma passa a ser vista como algo moderno, ou seja, um desenvolvimento para o local e a outra é a forma de degradação que chega juntamente com a modernidade. A autora compara como uma indústria de agricultura, ou seja, tem seus pontos positivos e negativos para o local em que é inserido (MENDONÇA, 2001).

O turismo começa a ser inserido nas políticas públicas para Amazônia a partir da década de 1970, especificamente no Plano de Desenvolvimento da Amazônia elaborado pelo Ministério do Interior tendo a Superintendência do Desenvolvimento da Amazônia (SUDAM) como organizadora e executora. O principal segmento do turismo estimulado nas políticas pública desse período era aquele baseado no turismo ecológico denominado ecoturismo (SOUZA. 2014. p. 30).

Em meados da década de 1970, a cidade de Salinópolis começou a passar por um processo de urbanização e turistificação com a criação de grandes empreendimentos, visando fomentar o turismo (SOUZA, 2014.p.28). Corroborando com o que diz Mesquita (2011) de que a Amazônia sempre foi por excelência território do grande capital dominado por grandes predadores que atuam em escala global e, portanto, apáticos a questões locais, internas e pequenas, como desenvolvimento local ou mesmo aspectos de longo prazo como questões ambientais e a biodiversidade.

A implantação de mais um grande projeto segue uma tradição estabelecida na Amazônia, na qual o Governo Brasileiro utiliza a potencialidade natural da região como fonte permanente de exploração nacional. Para isto os governos, desde as etapas iniciais do processo que visava o seu desenvolvimento, elegeram algumas atividades básicas para viabilizá-lo e impulsioná-lo, sendo elas: a exploração madeireira, combinada com a pecuária extensiva,

desenvolvida em pastos abertos após a derrubada ou queima da biodiversidade florestal; distribuição de abundantes incentivos fiscais, abertura de estradas rasgando florestas, terras, e aldeias indígenas e a exploração de minérios, uma vez que a região apresenta-se como a maior e mais diversificada província mineral do planeta (LOUREIRO, 2019).

Maristella Svampa (2016) ressalta que o extrativismo passou a ser uma opção política, nos tornando cada vez mais exportadores e miseráveis dentro do nosso próprio território, como se um dia essa fonte não fosse se esgotar. Atualmente uma das grandes consequências são os conflitos socioambientais, principalmente em áreas demarcadas como terras indígenas, quilombolas e ribeirinhas. Concordando com o pensamento de Muniz Sodré (2017), tal processo propiciou uma dessacralização nos modos de vida de muitos moradores, que até então moravam à beira da praia e foram realocados para outros lugares (BRITO, 2004.p.30). Como resultado ocorreu à destruição das suas estruturas socioeconômicas, dos seus saberes e de suas formas de vida (AMORIM, 2021).

Porém, para que exista desenvolvimento em uma região concordo com Bueno Sánchez (1990) quando afirma que para uma região ou país se desenvolver a qualidade de vida da população também deve crescer junto, não o contrário. E para isso deve ser feito uma análise na região na qual o processo de desenvolvimento encontra-se em planejamento, pois se a população não crescer junto com a região, falar que a região é um local desenvolvido será uma falha (SÁNCHEZ, 1990). Foi o que aconteceu em várias regiões da Amazônia e especificamente em Salinópolis.

Tal ação mudou não somente o cenário local, mas também os territórios e as atividades culturais nele praticada (CORRÊA, 1999. p. 38). Devido aos grandes investimentos dos governos a cidade ganhou orlas, vias asfaltadas e casarões de luxos, visando o lucro. Ou seja, como destaca Cruz (2006) a atividade que provê o turismo quando imposta em uma região ela passa a gerar capital e lucro para o lugar, mas não está atrelada a melhorias para a qualidade de vida da população nativa da região, mas o contrário. Sendo assim muitos (as) moradores(as) da beira de praia foram perdendo espaço para os novos e grandes empreendimentos (SOUZA, 2014. p.29). Muitos desses moradores passaram a trabalhar como beireiros<sup>12</sup> (Figura 14) para os turistas e empresários vindo de outras regiões.

---

<sup>12</sup> São trabalhadores da praia, muitos deles nativos da região, que trabalham na beira da praia como garçons, frentistas ou ambulantes (Raquel Calado, informação verbal, 2022).



Fonte: Elaborado pela autora (2022).

O residente César destaca os desafios associados à atividade de beireiro, ressaltando como, em algumas circunstâncias, os indivíduos que exercem essa profissão enfrentam dificuldades para manter sua subsistência.

“Ser beireiro lá na praia não é só levar comida, você tem que levar todo o material pra beira da praia, 10 mesas, 40 cadeiras, é lona. Tem que carregar isso nas costas pra lá. Isso a galera não ver, porque quando você chega lá, já ta armado, e quando você vem embora é que se tira” (César Batista, informação verbal, 2023).

A citação destaca que muitas vezes esses esforços não são visíveis para as pessoas, já que o cenário está montado quando os clientes chegam, e a desmontagem ocorre após a partida deles. Isso evidencia os bastidores e o esforço físico envolvido na profissão de "beireiro" na praia. E muitos moradores principalmente os idosos não conseguem realizar essa atividade.

O turismo gradualmente deteriora a paisagem local<sup>13</sup>, provocando mudanças nos hábitos da população nativa. Para que o desenvolvimento ocorra, são necessárias alterações significativas, como evidenciado na transformação da cidade de Salinópolis. A ascensão do município como um dos destinos mais destacados na região e uma referência turística no estado do Pará foi acompanhada por mudanças substanciais. Isso incluiu a construção de infraestrutura rodoviária, mas também acarretou consequências adversas, como desmatamento, degradação do solo, processos erosivos, extinção de espécies da fauna e flora locais, deslocamento da população

<sup>13</sup> Paisagem é a estrutura territorial, vista como resultado do processo de transformação do ambiente no decorrer do

nativa e aculturação resultante da interação com visitantes externos (MENDONÇA, 2001, JUNIOR *et al.*, 2001).

O turismo também dá início ao processo de especulação imobiliária que, ao valorizar novas áreas, faz com que suas características ambientais se tornem completamente secundárias, ocorrendo uma padronização das cidades. Desse modo, o aterro de mangues e de lagunas, a eliminação de áreas de florestas originais, a ocupação de dunas e a construção sobre altas declividades são perfeitamente possíveis e extremamente frequentes, em todo o nosso litoral (MENDONÇA, 2001. p. 22). A mudança na paisagem é fortemente percebida com o decorrer do tempo em Salinópolis, principalmente nas faixas de areia da praia do Atalaia em tempo de férias, percebe-se grande acúmulo de lixo nas praias e todo ano é o mesmo cenário, vale ressaltar que ocorre o fluxo muito grande de automóveis circulando na praia causando a compactação do solo, prejudicando dessa maneira a biologia praiana. Algo nítido em algumas partes nas areias são os esgotos e fossas a céu aberto, que saem diretamente das barracas e hotéis indo para a praia e contaminando tanto ao público presente, quanto o próprio ecossistema do mar como relatado na imagem abaixo (Figura 15).

Em entrevista com a Secretária de Meio Ambiente de Salinópolis (SEMMASAL), pergunto quais as estratégias que a secretária utiliza para evitar que essa contaminação possa continuar ocorrendo, em resposta.

Existe o despejo e a coleta dos lixos em lugares adequados que são encontrados nas praias, a secretária realiza ações para o turista principalmente durante o veraneio sobre usufruir da praia, mas também que esse possa recolher o seu lixo, claro que nem todos atentam pra isso. Já sobre o esgoto estamos criando meios de fazer uma drenagem pluvial, esta que é realizada com a água da chuva, conhecido como drenagem urbana, onde vamos tratar essa água e ela irá ser reutilizada, vamos criar também tubulações dessas barracas para subir diretamente para as vias (SEMMASAL, informação verbal, 2023).

---

tempo, compondo uma unidade passível de interpretação e representação gráfica. Pode-se dizer que, a cada momento, os atributos da paisagem assumem uma configuração diversa, já que os processos de transformação (naturais e sociais) são dinâmicos (PROJETO ORLA, 2002.p.35).

Figura 15: Esgoto saindo das tubulações e desaguando diretamente na praia do Atalaia.



Fonte: Elaborado pela autora (2022).

No jornal Diário do Pará no dia 11 de julho de 2007 a notícia que saiu no caderno regional sobre o município de Salinópolis, tinha como tema principal o resultado de uma análise executada pelo Centro de Perícia Renato Chaves, este apontava que foi encontrado Coliformes Fecais na água de algumas áreas de Salinas. Sendo assim se tornava imprópria para o consumo, essa análise foi feita no mês de abril do mesmo ano. O estudo foi realizado nas barracas das praias do Atalaia, e em algumas fontes e orlas. De acordo com o laudo tinha que te um grande reordenamento territorial e ações como de coleta de lixo seletiva e um sistema de esgotamento sanitário que não contaminasse mais a praia do Atalaia.

De acordo com os relatos dos entrevistados a coleta de lixo seletiva está ocorrendo normalmente, entretanto como relatado acima o esgoto sanitário não teve nenhuma mudança continua indo diretamente para a praia. Destaco que já faz 16 anos desde o ano dessa publicação em 2007 (Figura 16).

Figura 16: Diário do Pará. Caderno Regional - Ano 11/07/2007.

**ANALISE>> Estudo do Renato Chaves mostra que a água de algumas áreas é imprópria para consumo**

## Laudo aponta coliformes em Salinas

**A** água de algumas áreas de Salinas será imprópria para consumo humano por estar contaminada por coliformes. Este foi o resultado das análises realizadas pelo Centro de Perícias Científicas Renato Chaves em abril e maio, em barracas na praia de Anaila, na orla e nas fontes de Carandá e Caracalzinho.

Os exames foram feitos a pedido da Gerência Regional do Patrimônio da Litoral (GRPL), que também solicitou um levantamento técnico para descobrir quais áreas são de prestação permanente no município. "Há muitas pedras de regularização na área, mas não podemos fazer nada por quem ocupa áreas de prestação permanente", fala Renato Miranda, titular da GRPL.

O laudo é assinado por três técnicos do CPC. Foram coletadas sete amostras de água de poços das barracas, de 200 metros entre pontos. Ainda foram coletadas três amostras à montante da orla, duas fontes de Carandá e Caracalzinho e outra na Cosmopa. Miranda conta que em

na proximidade. E ainda há o esgoto sem tratamento que é lançado diretamente na orla", informa.

De acordo com Miranda, o laudo reforça a ideia de reordenamento territorial em Salinas. "Essa ideia vem sendo discutida e pode ser auxiliada com ações como coleta seletiva de lixo, sistema de esgotamento sanitário que não contamine a praia", fala Miranda, que ainda cita o Projeto Orla, com uma das ações para a área. "Seria a implantação de uma gestão da orla com participação da comunidade e do Conselho Gestor".

Um plano de cooperação técnica está sendo formalizado entre o GRPL e o CPC para análise de mais áreas. Outras

barracas que já estão sendo fiscalizadas são Marapanim, Calares, Maracá, Barro Preto, Sore, Salveira, Biquença e algumas áreas de Araguaia-Tocantins. O laudo do estado de Salinas será enviado para órgãos ambientais e para a Prefeitura do Município.

**VERANEO** - Saliópolis, um dos mais badalados redutos de verão de Brásils, tem um grande martelo para preparar a cidade para o verão. Cerca de 200 pessoas trabalham em várias frentes: reforma da praia, de praças, melhoramento de vias, iluminação pública, etc. O recolhimento de lixo foi reforçado. A maioria das barracas da praia de Anaila foi revitalizada.

**100%**  
das sete amostras coletadas em pontos da orla tinham coliformes totais

Fonte: Dados coletados na Biblioteca Arthur Viana (2023)

De acordo com as considerações de Deilany Sousa (2014), o crescimento desordenado da cidade, resultado dos grandes empreendimentos e do turismo exacerbado, gerou várias problemáticas. Essa expansão ocorreu frequentemente devido à escassez de recursos locais e à especulação imobiliária. Consequentemente, houve o deslocamento da população nativa, a destruição da vegetação original, um aumento significativo na poluição das praias e das áreas urbanas. Essa conjuntura também contribuiu para o aumento dos preços dos bens, tornando a vida difícil para os habitantes locais, resultando no distanciamento dessas comunidades. Esses novos grupos sociais causaram uma divisão espacial no território, enquanto os residentes locais enfrentam segregação social e são remanejados para regiões mais distantes das praias. Isso acontece à medida que as residências tradicionais perdem espaço para habitações de luxo, resultando na desvalorização das primeiras (SOUZA, 2014, p. 29). Um grande contingente populacional optou por habitar áreas de baixa altitude e desprovidos de infraestrutura sanitária, contrastando com a presença predominante de propriedades luxuosas na região. Esse contexto tem desencadeado modificações significativas nos hábitos das populações nativas locais.

A emergência desses novos elementos sociais resultou na segmentação do espaço territorial, enquanto os residentes locais enfrentam marginalização social e são deslocados para áreas distantes das praias. As áreas costeiras, anteriormente habitadas pelos moradores tradicionais, agora são substituídas por residências de alto padrão, o que desfavorece a aceitação de moradias convencionais no contexto das novas construções de prestígio (SOUZA, 2014, p. 29). Consequentemente, os costumes das populações autóctones da região têm sido gradualmente modificados até os dias atuais (Figura 17).

Figura 17: Residenciais de alto padrão na praia, lado esquerdo de quem desce a rampa do Atalaia, são chamadas de casas de segunda residências.



Fonte: Elaborado pela autora (2022).

A matéria aborda a rápida transformação urbana experimentada pela cidade, decorrente da chegada e instalação súbita de grandes corporações comerciais o município de Salinópolis diariamente passa por transformações e ressignificações em sua paisagem, pois durante o percurso até a Praia do Atalaia, percebe-se a criação de diversos condomínios, resorts, empresas de turismo e lotes de terrenos para vender; ou seja, é um território que se encontra em constante mudanças para atender uma classe dominante que ali se faz presente (Figura 18 ).

Figura 18: Diversos condomínios na entrada do Atalaia.



Fonte: Aymee Marçal (2023)

### 2.3. A Comunidade da Ponta da Sofia

A localização da Ponta da Sofia está situada no terceiro atalho da Praia do Atalaia, compreendendo, conseqüentemente, o último trecho dessa praia no município de Salinópolis (Figura 19). As coordenadas geográficas da Ponta da Sofia foram determinadas em conformidade com a recomendação ministerial, são de N° 0001/2023-MP é 0° 35' 52,00" S 47° 17' 43,8 W (RECOMENDAÇÃO MINISTERIAL, 2023. p. 9).

Apesar da ausência de registros documentais oficiais sobre a fundação ou origem da comunidade da Ponta da Sofia, uma análise das fontes consultadas não revelou informações concretas a respeito desse tema. Em contato estabelecido com a Secretaria Municipal de Meio Ambiente de Salinópolis (SEMMASAL), ressaltou-se que a região é mais notável por sua condição como área de preservação ambiental. Designada como Monumento Natural do Atalaia (MONA Atalaia), essa área desempenha um papel de relevância singular na preservação e conservação do meio ambiente.

A comunidade possui mais de 30 anos, e não tem nenhum histórico ou registro sobre ela. O que falam é que um homem cujo apelido era “Tarzan” foi um dos primeiros moradores do lugar, ele criou um espaço para que seus amigos pudessem curtir um bom som e um ambiente agradável com a natureza, e com o passar do tempo começaram a chamar de cabeça de nego, e depois Ponta da Sofia (SEMMASAL, informação verbal, 2023).



Figura 19: Imagem realizada pelo Google Earth. A área circulado em vermelho é a comunidade da Ponta da Sofia.



Fonte: Google Earth (2023)

O nome se popularizou e as pessoas passaram a ir morar naquela região, como pescadores que pertencem à colônia z29 e outras pessoas que trabalham na praia.

A comunidade que nos ajuda com a desova e preservação das tartarugas, e hoje tem bastante gente que mora lá. A questão que mais chega pra gente aqui na secretaria é confusão por posse de terra, sabe que ali ninguém pode ter a posse de terra por pertencer a marinha e por ser uma área de preservação ambiental, mas tem algumas famílias que acabam vendendo suas casas pra outras pessoas mal intencionadas, ai tem a questão da especulação imobiliária também, é uma confusão toda. (SEMMASAL, informação verbal, 2023) (Figura 20 e 21).

Figura 20: Imagem da placa que se encontra na entrada da comunidade e o terceiro aatalho que é a entrada.



Fonte: Elaborada pela autora (2023)

Figura 21: Algumas casas da comunidade.



Fonte: Elaborada pela autora (2023)

O Instituto de Desenvolvimento Florestal e da Biodiversidade do Estado do Pará (IDEFLOR-BIO) é o órgão responsável pelo MONA cuja designação é de unidade de conservação com categoria de proteção integral. O decreto N° 2.077 de maio de 2018 no Art. 2º inciso I define que:

A garantia e proteção das belezas cênicas, das dunas, das restingas, dos manguezais e dos lagos; assim como a preservação das espécies da flora e da fauna residente e migratórias, que utilizam a área para alimentação, refúgio e berçário natural durante a época de reprodução;

II- Proteger amostras representativas dos ecossistemas costeiros, principalmente das áreas sobre grande pressão antrópica;

III- contribuir com o ordenamento do turismo;

IV- disciplinar o uso e a ocupação da área em seu entorno;

V- oportunizar a educação ambiental com fins turísticos e escolares, especialmente voltada às comunidades locais e usuários;

VI- assegurar a colaboração das comunidades locais, no exercício das atividades de fiscalização, de competência do órgão ambiental, relativas aos ecossistemas existentes;

VII- assegurar a participação das comunidades locais na elaboração e execução de programas de Educação Ambiental, como forma de preservar a Área de preservação permanente (APP);

VIII- preservar os ecossistemas e o patrimônio genético da Zona Costeira;

IX- elaborar e implementar planos, programas e projetos de Pesquisa Científica, Educação Ambiental, Recreação e Ecoturismo (DIÁRIO OFICIAL. 2018.p. 5).

Sendo assim, cabe ao IDEFLOR-BIO garantir a preservação de uma área de 256,58 hectares, onde se insere a comunidade da Ponta da Sofia. Estão inclusos, também, o famoso lago da Coca-Cola, pois nessa área também se encontra diversos elementos importante como as dunas, restingas, os lagos, praias e a presença de manguezais (IDEFLOR-BIO. 2023) (Figura 22).

Figura 22: Elementos presente na Ponta da Sofia como a desova das tartarugas, as dunas, a pesca abundante, o manguezal, seus nutrientes e a própria comunidade presente juntamente com os órgãos responsáveis na soltura dos filhotes de tartarugas na praia



Fonte: Elaborado pela autora (2022).

A partir de dados coletados na Biblioteca Arthur Viana de acordo com o livro “Salinópolis da Memória”, escrito por Dicão Ferreira em 2010, houve um incidente em 1835 envolvendo o navio Escuna Clio. O Navio ancorou perto do morro do Mirigalha, e seu

comandante desembarcou para encontrar práticos locais. No entanto, devido a problemas na região. Enquanto o comandante estava fora, o navio foi saqueado, resultando em mortes e roubo da carga. O navio ficou à deriva e encalhou na praia do Atalaia, onde parte da carga, incluindo cobre, foi saqueada pelos moradores. O autor ainda afirma que:

Anteriormente à incidência do Galeão com data ignorada, também uma barca denominada Sofia carregada de cebola, encalhou na praia derivando assim, praia da Sofia na ilha do Atalaia” (FERREIRA, 2010. p. 31).

Essa história pode estar relacionada à origem do nome “Ponta da Sofia”, mas as informações históricas podem variar, contribuindo para a formação da comunidade local ao longo do tempo. Existem várias narrativas de como surgiu o nome do lugar, a Ponta da Sofia tem sido atribuída a diversos relatos e origens, o que a torna uma denominação multifacetada. Uma versão sugere que era originalmente conhecida como Ponta do Pirizal, devido a um lago chamado de Pirizal situado na parte traseira da comunidade. O nome Pirizal deriva de uma madeira que foi muito abundante na região, conhecida como mirinzeiro.

Outra narrativa relata que o nome foi uma homenagem a uma menina chamada Sofia, que se afogou na praia e veio a falecer há cerca de 20 ou 30 anos, algumas pessoas em memória dela, passaram a chamar o local de Ponta da Sofia.

Há também uma história que envolve uma barca soterrada na areia, na qual se encontrava a inscrição “Sofia” na ponta da embarcação. Outros relatos indicam que o nome foi inspirado por uma antiga pescadora que se chamava Sofia que residia naquele perímetro. Essa variedade de histórias sobre a origem do nome da comunidade é o que a torna singular. É através dessas narrativas que a identidade da comunidade é construída e preservada ao longo do tempo.

Segundo relatos de antigos moradores, historicamente, toda região era conhecida como Ilha do Cocal devido ser uma ilha, antes da construção da principal ponte que agora oferece acesso à praia do Atalaia. Todo o terreno pertencia a um homem que tinha duas filhas, essas se casaram com João Felício e Modesto, e o pai presenteou cada uma com partes distintas da praia: uma ficou com a parte chamada Farol Velho e a outra com a área da Sofia. É por isso que os moradores se referem àquela área da praia como pertencente a dois donos distintos. Ainda de acordo com as narrativas dos moradores no ano de 1967, na praia atual, havia apenas duas referências conhecidas: o Farol Velho e a Sofia. A área da Ponta da Sofia compreendia toda à parte direita da rampa principal, enquanto o lado esquerdo era chamado de Farol Velho. Somente com a construção da ponte em 1973 e a abertura da estrada principal, que oferecia acesso direto à praia, é que o então prefeito decidiu renomeá-la para Atalaia. Com o tempo,



houve uma retomada do nome Sofia, no entanto agora é referida como Ponta da Sofia, localizando-se apenas a partir do terceiro atalho. Alguns moradores mais antigos a conhecem como “cabeça de nego”, devido a um monte de pedras visível na praia nesse perímetro durante a maré baixa. Além disso, outros relatos de moradores sugerem que antigamente existiam apenas três nomes nessa região são elas: Cocal, Pirizal e Viana como mostra o documento abaixo (Figura 23).

Figura 23: Documento que evidencia a denominação original da Ponta da Sofia, constatando que a mesma era previamente identificada como o bairro do Cocal.

Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão  
Secretaria do Patrimônio da União - SPU

**Certidão de Inteiro Teor do Imóvel**

Número RIP: [REDACTED]  
Regime de utilização: Ocupação  
CPF/CNPJ: [REDACTED]  
Responsável: [REDACTED]  
Endereço do imóvel: 1A AV BEIRA MAR, SIN  
Bairro: COCAL CEP: 66721-000  
Cidade: SALINÓPOLIS, PA

Características Técnicas do Imóvel  
Natureza: Rural Conceituação: MARINHA  
Fração Ideal: [REDACTED] Área Total do Terreno: 6.310.000,00 m2  
Área Total da União: 109.890,00 m2

Certifico que, sob o Registro Imobiliário Patrimonial (RIP) em epígrafe, está inscrito [REDACTED] como ocupante do terreno da União acima caracterizado.

Certificamos, ainda, que para o imóvel acima identificado estão comprovados os pagamentos das receitas patrimoniais devidas até a presente data.

Fica ressalvado o direito da Fazenda Nacional de inscrever e cobrar as dívidas a ser apuradas.

**Obs.: Esta Certidão não é válida para transferência e registro de imóvel junto aos cartórios, órgãos públicos e instituições financeiras.**

Data da emissão: 26/09/2007 Hora da emissão: 11:04:20  
Código de controle da certidão: [REDACTED]

A autenticidade desta certidão poderá ser confirmada na página da Secretaria do Patrimônio da União, no endereço: <http://www.spu.planejamento.gov.br/>

Imprimir

[http://atendimentovirtual.spu.planejamento.gov.br/Emissora/CertidaoCert\\_InteiroTeor...](http://atendimentovirtual.spu.planejamento.gov.br/Emissora/CertidaoCert_InteiroTeor...) 26/9/2007

Fonte: Documento cedido por um morador (2023).

Baseado nos relatos dos habitantes locais, observa-se que a comunidade é constituída por aproximadamente 72 a 73 famílias, das quais 40% estão envolvidas na atividade de pesca. Se retrocedêssemos exatamente cinco anos, essa mesma comunidade seria exclusivamente composta por pescadores, totalizando 100% de sua população. Durante visitas realizadas às

residências, constatou-se a presença de redes de pesca na varanda ou no quintal de todas as casas. Além de pescadores, outras ocupações profissionais que se destacam nessa comunidade são as de carpinteiro, eletricitista, artesão, vendedor de frutas, cozinheiro, barraqueiro, beireiro e estudante universitário.

A Ponta da Sofia é uma área que possui um menor índice de degradação ambiental e quase não recebem turistas. É um lugar com características rústicas e com pequena parte de sua população ainda tradicional. Alguns moradores realizam suas vendas em alguns perímetros da praia (RECOMENDAÇÃO MINISTERIAL, 2023. p. 9) (Figura 24).

Figura 24: Bar Oasis Mad Max- Proprietário Francisco Afonso de Duarte.



Fonte: Erika Mourão e Rayana Silva (2023).

Por ser uma área de preservação ambiental a Ponta da Sofia também faz parte de um plano de manejo de reserva extrativista (RESEX) pertencente ao Instituto Chico Mendes (ICMBIO). As reservas são denominadas como unidades de conservação fazem parte do Sistema Brasileiro de Unidades de Conservação da Natureza (SNUC, Lei Federal Nº. 9.985 de 2000) sob o conceito do Artº 18 da lei Nº. 9.985:

Uma área utilizada por populações extrativistas tradicionais, cuja subsistência baseia-se no extrativismo e, complementarmente, na agricultura de subsistência e na criação de animais de pequeno porte, e tem como objetivos básicos proteger os meios de vida e a cultura dessas populações, e assegurar o uso sustentável dos recursos naturais da unidade (PLANO DE MANEJO DA RESEX, 2012, p. 27)

Dentro dessa lei as RESEX possuem seguintes caracteres, estes de uso das populações tradicionais extrativistas, permitindo assim o uso dos recursos naturais de forma sustentável nas diversas áreas, tanto ambiental quanto socioeconômica (PLANO DE MANEJO DA RESEX, 2012).

Partindo dessas questões, ressaltamos que a comunidade da Ponta da Sofia, segundo alguns dos moradores com quem conversei, usam os recursos naturais de forma sustentável na comunidade, pois extraem da natureza somente o necessário, nada a mais que isso. Esse discurso se torna real quando observamos na prática sendo realizado, cito como exemplo as casas da comunidade de alguns pescadores, e moradores. Percebe-se que são construídas com madeira, outras tem em suas estruturas materiais do mangue, que de acordo com a narrativa do entrevistado, pode ser extraído este componente desde que seja utilizado para uso na própria comunidade e com cautela.

Além desse material que a comunidade extrai do mangue para uso próprio, o que mais chama atenção são os telhados muitos ainda de palha, ou seja, é também uma matéria orgânica que não agride o meio ambiente e não demora pra se decompor. A comunidade somente pode construir sobre as dunas se respeitarem os decretos exigidos e não utilizarem materiais que vão agredir a reserva natural ali presente. Existem alguns conflitos presente na comunidade e dentre eles destacarei as cercas das casas pois é proibido cercar, entretanto nem todos atendem a essa ordem e acabam demarcando seus espaços (Figura 25).

Figura 25: Residências de pescadores e moradores da Sofia, as fundações de algumas casas são feitas por materiais vindo do mangue.



Fonte: Erika Mourão e Rayana Silva (2023).

A comunidade é conhecida, também, por ser uma área de desova de ovos de tartarugas marinhas, auxiliando na manutenção do ecossistema marinho costeiro. A Tartaruga pode desovar em qualquer parte da praia, entretanto esse fenômeno acontece com mais frequência na Ponta da Sofia, pois a areia é fofa devido não haver muito movimento de automóveis nessa área. Diferente dos outros trechos do Atalaia que devido ao grande fluxo de automóveis na areia causa atritos e a compactação do solo, além da quantidade de lixo, dificultando para as tartarugas realizarem o processo de desova. No jornal Diário do Pará do dia 24 de abril de 2023 saiu a notícia que foram achados ovos de tartarugas na praia do Atalaia conforme a imagem abaixo (Figura 26).



Figura 26: Diário do Pará. 24/04/2023



Fonte: Dados coletados na Biblioteca Arthur Viana (2023)

A seguinte reportagem destaca que biólogos e pesquisadores do Projeto de Monitoramento de Desovas de tartarugas Marinhas (PMDTM) detectaram um novo ninho constando 122 ovos na praia do Atalaia. O local de identificação fica depois do bloqueio no terceiro atalho realizado pelo Instituto de Desenvolvimento Florestal e da Biodiversidade (Ideoflor-Bio), juntamente com a segurança pública da cidade, para que assim consigam garantir a proteção e segurança dos quelônios estes acabaram sendo transferidos para um berçário para que assim pudesse crescer e ser devolvido a natureza.

Aconteceu recentemente um fato intrigante na praia do Atalaia, um pouco próximo a rampa de acesso principal, a tartaruga não conseguiu realizar o processo de desova, devido a areia que estava compactada por causa dos veículos que trafegam diariamente na praia (Figura 27).

Figura 27: Tartaruga tentando realizar sua desova.



Fonte: Junior (2023)

Portanto para que esse problema seja resolvido o Ministério Público do Estado do Pará- 2ª Promotoria de Justiça de Salinópolis, formulou uma recomendação ministerial de Nº 0001/2023- MP 2ª PJ Salinópolis, de 2023, destacando que:

Considerando que o projeto Suruanã, desenvolvido pela Universidade Federal do Pará, trabalha a conservação das tartarugas marinhas no litoral paraense há 10 anos, identificou e monitorou na praia do Atalaia, Ponta da Sofia (Monumento Natural do Atalaia) e ilha de Maiandeuá, ninhos de tartarugas marinhas das espécies *Caretta Caretta*, *Lepidochelys olivácea*, *Chelonia mydas* e *Eretmochelys imbricata* (RECOMENDAÇÃO MINISTERIAL, 2023. p. 2).

Tendo como medida a proibição de veículos nas areias (Figura 28), no trecho do terceiro atalho, onde se encontra a Ponta da Sofia nos meses de fevereiro a setembro das 16 horas da tarde, até às 8 horas da manhã para prevenir a destruição dos ovos por pisoteio, esmagamento de veículos e pelos efeitos da maré (RECOMENDAÇÃO MINISTERIAL, 2023).

Figura 28: Fiscalização do Detran no perímetro do terceiro trecho na Ponta da Sofia, realizando a fiscalização e não permitindo que nenhum carro ultrapasse a faixa de areia pro lado da comunidade.



Fonte: Elaborado pela autora (2022)

Este decreto, apesar de trazer benefícios, também gera obstáculos para alguns residentes que realizam atividades comerciais nesse perímetro. Diante disso, os moradores afetados buscam estabelecer acordos com a Secretaria de Meio Ambiente para mitigar os impactos. Surge uma incompreensão sobre a implementação do bloqueio, suscitando o desejo de esclarecer as razões por trás dessa medida. Observa-se uma preferência evidente pelos comerciantes nos primeiros e segundos trechos do Atalaia, em detrimento dos comerciantes do terceiro trecho. Os residentes argumentam que as tartarugas não se restringem à área bloqueada, mas estão presentes em toda a costa do Atalaia. Isso levanta a sugestão de que o decreto deveria abranger toda a extensão da praia do Atalaia.

Além disso, a natureza presente na Ponta da Sofia e a maneira como a comunidade preserva esse ambiente e seus elementos são admiráveis. No entanto, contrasta com a situação no primeiro trecho da mesma praia, onde diversos elementos parecem estar subjugados em prol do capitalismo. Essa discrepância destaca a importância de uma abordagem abrangente e equitativa ao implementar medidas ambientais.

Então se a gente destruir essa ponta daqui ela acaba com a ponta de trás que seria parte do Atalaia. A ponta da Sofia ela é muito importante pro ecossistema dessa forma, tem que preservar ela, pra ela ser a defesa de quem tá atrás, já ouvir falar que os próprios condomínios já estão sufocando a Ponta da Sofia no campo do Pirizal né, eles tão praticamente colados ali, e possivelmente os animais se faltarem alimento, eles vão começar a subir pra cima dos condomínios lá e podem serem abatido (Junior Oásis, informação verbal, 2022).

Nesse relato, a voz do morador ecoa o incômodo em relação aos condomínios circunvizinhos, esta narrativa ressalta as dificuldades enfrentadas pelo ecossistema local,

tornando-se parte integrante da memória da comunidade, que se vê desafiada em sua permanência.

A presença crescente do capitalismo, evidenciada pelas logomarcas de algumas barracas e o apoio da Gav Resorts, adiciona mais um elemento à narrativa que se desenha na Ponta da Sofia. A chegada de moradores de fora, em busca de espaços na comunidade, conforme relatado pela Secretária Municipal do Meio Ambiente de Salinópolis, revela não apenas a preocupação atual, mas também a forma como esses acontecimentos se incorpora à história da comunidade, moldando sua identidade e perspectivas futuras.

## **CAPÍTULO 3**

### **Narrativas, memória e práticas culturais presentes na comunidade**



### **3 Narrativas, memória e práticas culturais presentes na comunidade**

Nesse capítulo abordaremos os diversos elementos presentes na comunidade da Ponta da Sofia, destacando as formas de interação simbólica dos moradores (as) com seu ambiente. Tal realidade pode ser percebida em cada elemento retratado na fala dos interlocutores, pois demonstra a relação do indivíduo e a natureza que sempre se faz presente no cotidiano, seja tirando material do mangue, pescando ou apenas em busca da tranquilidade e do pé na areia.

#### **3.1. Os interlocutores entre narrativas e interações**

Para o autor *Ciro Cardoso* (1942) narrar ou relatar envolve contar uma história, seja ela fictícia ou baseada em fatos reais, utilizando diversos meios. Em outras palavras, narrar implica em comunicar uma sequência de eventos, seja por meio da escrita, oralidade, audiovisual ou outros formatos, podendo variar entre narrativas imaginárias ou aquelas baseadas em experiências reais. A narrativa é uma forma fundamental de expressar e comunicar informações de maneira envolvente e significativa.

Narrar é contar sobre eventos que aconteceram em um determinado tempo e que tiveram ou não alguma conclusão. No processo narrativo forma-se a narratividade, que é basicamente o desenrolar que fazemos para dar sentido à narrativa que contamos que pode ter um término ou uma continuidade (MOTTA, 2013). A narrativa põe naturalmente os acontecimentos em perspectiva, une pontos, ordena antecedentes e consequentes, relaciona coisas, cria o passado, o presente e o futuro, encaixa significados parciais em sucessões temporais, explicações e significações estáveis (MOTTA, 2013, p. 71), ou seja, narrar é como contar vários acontecimentos que vêm ocorrendo ao longo do tempo, mas de forma sintetizada, ou seja, resumida. E essa narrativa pode ter prosseguimento ou ser interrompida.

Na dinâmica da narrativa, estamos constantemente sob observação, conforme argumentado por *Erving Goffman* (2009) A construção de nossa imagem está intrinsecamente ligada às interações e relações que desenvolvemos ao longo da vida. Ao nos inserirmos na sociedade, participamos de diversos contextos de interação, aprendendo a nos comportar de acordo com cenários específicos. A natureza do nosso eu varia dependendo do ambiente em que nos encontramos, adaptando-se às exigências específicas desse contexto.

Ao longo do tempo, observamos mudanças no cenário, nas atuações, nos figurinos, no contexto e nos comportamentos, influenciando também a forma como nos comunicamos

(GOFFMAN, 2009). Muitas dessas investigações compartilham a visão de que a narrativa não é simplesmente um novo tópico de estudo, mas sim algo que permeia várias esferas da vida. (BROCKMEIER, HARRÉ. 2003). As narrativas vão além do seu uso como método de pesquisa. Ela envolve diferentes perspectivas, além disso, são abordadas diversas maneiras de encarar as narrativas, seja como histórias, histórias de vida ou histórias sociais (JOVCHELOVITCH, BAUER. 2008).

Para o autor José Luiz Braga (2012) é por meio do processo comunicacional que passamos a observar a sociedade. Ainda segundo ele existem diversos elementos presentes nessa interação, sejam eles simbólicos ou não. O autor também destaca que não existe comunicação sem interação, e esta envolve diversos fatores e episódios (BRAGA. 2012). Já para Muniz Sodré (2014) é por meio da comunicação que passam a existir outros protagonismos, dependendo de cada realidade em que ela é inserida. Tal realidade pode ser percebida em cada elemento retratado na fala dos interlocutores, pois demonstra a relação entre o indivíduo e a natureza, que sempre se faz presente em seu cotidiano, seja tirando material do mangue, pescando ou apenas em busca da tranquilidade e do pé na areia. Onde esse sujeito passa a aprender, a preservar, a se alimentar, conviver e respeitar a natureza. Já para a autora Vera Veiga França (2001) “nós nos damos a conhecer, dizemos quem somos - e nós construímos e reconhecemos enquanto tais - através dos discursos que proferimos” (FRANÇA, 2001. pág. 4). E é por meio deles que passaremos a conhecer os interlocutores, trataremos também das relações das memórias vividas, das práticas culturais e os afetos dentro da comunidade.

Com base nas entrevistas realizadas, efetuamos a interpretação dos dados qualitativos, seguindo a abordagem proposta pelo autor Romeu Gomes (2007) e já detalhada no item 1.5. A partir de agora vamos analisar as falas dos nossos interlocutores tomando como base as categorias identificadas.

### **3.2. O passado na Ponta da Sofia: memórias**

Paul Ricoeur (2007) explora o conceito de memória, destacando três aspectos fundamentais: memória, história e esquecimento. Nessa reflexão, vamos focar apenas na memória. Para entender melhor esse conceito, Ricoeur se baseia nos filósofos Aristóteles e Platão da Grécia Antiga, assim como em Henri Bergson.

Segundo Platão, a memória envolve o conceito de rememoração. Ele via dois mundos distintos, o inteligível e o efêmero, sugerindo que nosso corpo é efêmero, enquanto a alma é eterna. Aristóteles destaca que a memória nos conecta ao passado, representando a sensação do tempo. Ele argumenta que somente os seres humanos têm a capacidade de entender o

passado, viver o presente e antecipar o futuro. Já para Bergson, a memória é uma habilidade inata em cada pessoa, permitindo a identificação e o reconhecimento próprio. Essa perspectiva é compartilhada por Ricoeur (2007), que amplia a compreensão da memória ao destacar sua natureza complexa e seu impacto na forma como percebemos o tempo e construímos nossa identidade.

Joel Candau (2012) destaca que, ao longo do tempo, a memória não apenas nos influencia, mas também é influenciada por nós, transformando-se em histórias. Ele denomina esse processo de "dialética da memória". Em outras palavras, à medida que recordamos e interpretamos eventos passados, estamos constantemente dando forma à nossa memória, e, por sua vez, a memória contribui para a construção das histórias que contamos sobre nós mesmos. Portanto, como ele destaca, essa relação dinâmica entre memória e narrativa se torna uma parte intrínseca de nossa identidade.

Partindo disso, a interação entre memória e narrativa se reflete nas narrativas dos onze entrevistados, conforme observado nesta pesquisa. No entanto, apenas três participantes se aprofundaram significativamente no assunto. As narrativas revelam uma complexa miscelânea de sentimentos, percepções sobre o ambiente, vivências individuais e coletivas, além das relações familiares, de amizade, inimizade, e aspectos econômicos e políticos. A temporalidade também se destaca em cada relato que aproxima, mistura e distancia o passado do presente e do futuro. Para o autor a temporalidade é fundamental para a nossa vivência e que a nossa compreensão está atrelada à habilidade narrativa. Ricoeur aborda uma diferença entre o tempo cronológico e o narrativo. Para ele o tempo cronológico se trata da medida objetiva do tempo, enquanto o tempo narrativo já se vincula à construção de histórias e os significados que atribuímos por meio das nossas experiências ao longo do tempo. Paul Ricoeur ressalta que a nossa compreensão do tempo é influenciada por nossas narrativas pessoais e pela maneira como interpretamos eventos passados, presentes e futuros (RICOUER, 2007).

Na narrativa abaixo nota-se a experiência vivida pela interlocutora:

É a minha vida, né! Aqui eu **amadureci** e aqui eu tive os meus filhos, aqui eu passei **várias histórias de lutas**, para tentar ficar aqui, né! As dificuldades, como eu falei no princípio, também me ajudaram a ter **a experiência que tenho hoje**, né! É, me trouxe muita coisa boa, muitas pessoas maravilhosas, e é isso, é a minha vida. (Raquel Calado, informação verbal, 2022).

No relato da Raquel percebe-se que ao longo da sua jornada, o lugar se tornou mais do que apenas um espaço físico; é o palco onde sua vida se desenrolou em todos os seus altos e baixos. Pois lá ela cresceu e amadureceu, enfrentando os desafios que a vida lançou em seu



caminho. Percebe-se que cada obstáculo superado foi um degrau em direção ao seu amadurecimento pessoal e à construção de grandes experiências. Na Ponta da Sofia ela viu nascer e crescer seus filhos, testemunhando o milagre da vida e assumindo a responsabilidade de guiá-los pelo mundo. Cada riso, cada lágrima, cada momento de alegria e preocupação contribuiu para moldar quem ela é hoje. As dificuldades, embora por vezes esmagadoras, revelaram-se como oportunidades disfarçadas, impulsionaram-na a desenvolver resiliência e a aprender valiosas lições que não teria aprendido de outra forma. Elas foram como mestres severos, esculpindo sua compreensão da vida.

Mas não foram apenas os desafios que moldaram sua jornada. A comunidade presenteou-a com inúmeras bênçãos: amizades duradouras, apoio mútuo e momentos preciosos compartilhados com as pessoas ali presentes e cada experiência, boa ou ruim, contribuiu para a tapeçaria intrincadamente tecida de momentos significativos e experiências transformadoras, pois cada capítulo, cada página, é um reflexo de sua jornada de autoconhecimento, crescimento e descoberta.

Situação semelhante é percebida no relato do Junior, quando ele relembra como era a Ponta da Sofia. Ele é um grande conhecedor da área, pois vive na região desde 1998, e segundo ele:

Desde 98, 99 eu vim pra Salinas em 2000 eu já tava na praia, vim como artesão, né! Eu comprei o rancho<sup>14</sup> do pescador lá no final da praia e comprei mais outro do lado, porque esse primeiro rancho caiu, aí passei pra esse segundo e refiz o antigo que era do seu Lauro. Aí com isso daí, **com essa vivência da praia comecei a aprender muitas coisas**, buscando essas informações de pescadores do pessoal mais antigo comecei a fazer uma pesquisa histórica de Salinas da Cultura e principalmente da praia. (Junior Oásis, informação verbal, 2023).

A experiência que o interlocutor compartilha desde sua chegada a Salinas em 1998 ou 1999 até seu envolvimento com a vida na praia desde 2000 é rica em aprendizado e desenvolvimento pessoal. Sua jornada como artesão, adquirindo e reconstruindo ranchos na praia, não apenas reflete sua habilidade em adaptar-se às circunstâncias, mas também evidencia um profundo interesse na história e cultura local. Ao investir tempo e esforço em aprender com os pescadores mais experientes e realizar pesquisas históricas sobre Salinas e sua cultura costeira, ele demonstra um compromisso genuíno em compreender e preservar as tradições e

---

<sup>14</sup> É uma casa, é uma casa coberta de palha, feito de madeira, como é que se diz? rústica né? e passa 2 anos, 3 anos, larga e vai embora, esbandalha e cai e o pessoal passa a tocar fogo, aí já vem outros, e faz outro, isso que é rancho (Geraldo Silva, informação verbal, 2023).

conhecimentos transmitidos ao longo das gerações. Essa busca por conhecimento não apenas enriquece sua própria experiência, mas também contribui para a preservação e valorização da identidade cultural da região. Seu envolvimento ativo na comunidade costeira de Salinas não se limita apenas a atividades econômicas, mas também abraça uma missão mais ampla de conexão com suas raízes e contribuição para a preservação do patrimônio cultural local.

Essa dedicação à pesquisa histórica e cultural não só enriquece sua própria jornada, mas também pode inspirar outros a valorizar e celebrar a riqueza cultural de Salinas. Portanto, sua história é mais do que uma simples narrativa de conquistas pessoais; é um testemunho do poder transformador do conhecimento, da conexão com a comunidade e do compromisso com a preservação da identidade cultural. Sua jornada exemplifica como o aprendizado contínuo e a dedicação à preservação das tradições podem enriquecer não apenas a vida individual, mas também a comunidade como um todo. Na narrativa do interlocutor percebe-se o que Joel Candau (2012) destaca. Segundo ele as identidades coletivas esta que é o modo como as comunidades constroem e mantêm um entendimento compartilhado de quem são. Ou seja, a identidade coletiva é a maneira como um grupo de pessoas se percebe sendo diferentes e mesmo assim compartilham características culturais, históricas e sociais. O autor percebe como as comunidades vão construir suas narrativas e símbolos que vai fortalecer sua identidade coletiva com o decorrer do tempo.

Para o autor Maurice Halbwachs (2006) em comunidade ou grupos de seres humanos são construídas as memórias compartilhadas, passada entre gerações, e essa memória passa a ser essencial para construção desses indivíduos. A memória para o autor se trata de uma construção que com o tempo vai se atualizando. A memória é a identidade em ação, mas ela pode, ao contrário, ameaçar, perturbar e mesmo arruinar o sentimento de identidade (CANDAU, 2012. 18). Para Krenak (2021), as comunidades estabelecem laços significativos com a memória e percebem aspectos imateriais e essenciais desses locais, onde residem.

Assim, diríamos que cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva, este ponto de vista muda segundo o lugar que ali ocupa e que este mesmo lugar muda segundo as relações que são mantidas com outros ambientes (HALBWACHS, 2006, pag. 69).

Eu tinha contado uma vez pra ti a história dos sarnambis, né?! Que a gente sentava assim na beira da maré, que **aqui na frente era tudo rio**, ai tinha uns barrancos, a gente sentava e ficava jogando a água, ai vinha uns sarnambizinhos assim e começávamos a pegar uns sarnambis pra consumo. O povo começou a descobrir, vinha gente até da cidade e tiravam, sacos e sacos de sarnambis (Raquel Calado, informação verbal, 2022).

Raquel relembra como era no passado, quando ela se sentava bem na beira da maré e conseguia coletar os mariscos bem na frente de sua casa, pois era tudo rio, foi quando outras pessoas da cidade souberam dessa facilidade e passaram a retirar vários sacos de sarnambis. Com o passar do tempo isso se acabou. Hoje se fosse pra depender só disso não daria, pois tem a baixa temporada, ressaltava Raquel. Para o autor Halbwachs (2006) a memória do indivíduo, essa que é a parte essencial do ser, muda de acordo com o ambiente em que se encontra, pois cada pessoa tem sua própria memória tanto individual quanto coletiva (HALBWACHS. 2006). Já para o autor Jacques Le Goff (1990) a memória é o que chamamos e nos identificamos como nossa identidade que varia de indivíduo para indivíduo dentro da sociedade.

**O ser humano ele se adapta a tudo**, às vezes o que é ruim pra um é bom pra outro, no caso eu consegui me adaptar. Já tive situações de morar com pescador e passar semanas sem tirar um peixe da rede, mas também quando dá, já dá bastante. Assim, ai tu vai te aguentando, pega um cipózinho ali e faz um chá pra passar a fome, e vai levando... Ai quando pinta um peixe, tu pega o peixe, já vende ou troca com farinha, não pode faltar farinha, começa se adaptando mais. Vai se adaptando, **assim a gente consegue sim sobreviver aqui** (Junior Oásis, informação verbal, 2023).

A memória é de fato mais um enquadramento do que um conteúdo, um objetivo sempre alcançável, um conjunto de estratégias, um estar aqui que vale menos pelo que é do que pelo que fazemos dele (CANDAU, 2014. p. 7). Ninguém preserva melhor seu ambiente do que a própria pessoa que o habita e sabe a importância dele. Concordo com Pojo *et al* (2014. p. 178) quando ressaltava que somente os próprios moradores possuem a experiência necessária para com a natureza em que vivem. Sobre o passado na comunidade, dez entrevistados contribuíram com suas narrativas. O único morador que ficou de fora é um morador recente. Das dez narrativas coletadas, cinco foram consideradas na análise.

Dona Odacir Silva compartilhou suas recordações com profunda emoção, rememorando os dias de sua vida na comunidade, destacando que sua mudança da Ponta da Sofia ocorreu há 15 anos. Ela descreveu os desafios enfrentados ao criar seus filhos naquela região, enfatizando que, na época de sua chegada, a Ponta da Sofia ainda era uma área desabitada, e ela e seu esposo foram os pioneiros. O esposo, Seu Geraldo, construiu o rancho naquela área conhecida por ela como "cabeça de preto", e juntos enfrentaram as adversidades da vida. Ao lembrar as dificuldades e alegrias que viveram juntos, suas palavras eram acompanhadas de lágrimas que escorriam pelo rosto, evidenciando a intensidade dessas experiências marcantes.

“eu fico com saudade de lá, eu já trouxe planta que ainda era minha, eu tenho plantado aqui atrás.... Outro dia quando eu falei de brincadeira pro meu marido que a gente até podia voltar pra lá, porque só de alvará e licença que a gente tem. Ah, mas eu sinto saudade desse tempo! Oh! meu Deus, era muito bom. Muito bom, muito bonzinho que era só gente, né?” (Odacir Silva, informação verbal, 2023).

A citação de dona Odacir parece expressar uma nostalgia e carinho por um tempo passado. Ela menciona sentir saudade de quando morava na comunidade logo no início quando era só ela e sua família ela indica que já trouxe plantas daquele local e continua a plantar algo semelhante em sua localização atual. A menção ao alvará e licença pode sugerir que, embora haja uma vontade de retornar para a Ponta da Sofia pode haver barreiras burocráticas. O tom geral da fala é positivo, destacando que o tempo passado era muito bom e que era um ambiente onde predominava a presença de pessoas amigáveis. A referência ao cônjuge indica que a ideia de voltar para a comunidade da Ponta da Sofia foi mencionada em tom de brincadeira, mas também pode sugerir uma vontade real de reviver aqueles momentos especiais.

Diferente para o Seu Geraldo ele retrata que passou muitas dificuldades, ele menciona que trabalhava no curral que tinha montado de pescaria lá na Ponta da Sofia e morava no Cocal, pois na Ponta da Sofia, não morava ninguém, não havia habitação na época. Ele ressalta que a área estava relativamente desabitada e que a única presença eram algumas cabeças de gado pertencentes às pessoas que viviam em Salinas. Ele afirma que só depois de muito tempo fez uma construiu sua barraca “naquele atalho quando decidiu morar novamente, por volta de 1973. Ela destaca que, naquela época, a região estava praticamente vazia, sem eletricidade e com a praia ainda desocupada. Somente a partir de 1973, mais pessoas começaram a se estabelecer na área, transformando a paisagem e marcando o início da comunidade local.

Geraldo menciona que nunca deixou de trabalhar, especificamente em barracas, mas sempre esteve envolvida na pesca e na construção de currais. Ele explica que seu rancho na Ponta da Sofia (anteriormente mencionada), era muito distante do curral, então tinha um rancho naquela área.

Seu Geraldo Silva expõe que naquela época era uma prática comum que algumas pessoas, aparentemente visitantes ou pescadores de Belém, tinham o costume de construir ranchos temporários para suas atividades de pesca. Esses ranchos eram utilizados por um tempo e depois eram abandonados quando as pessoas iam embora. Antes da chegada do fluxo de turistas no Atalaia, a construção de casas não era comum, sendo mais frequente a criação de ranchos temporários. Ele nos explica que, inicialmente, a construção de ranchos era uma prática mais temporária, usada apenas para a pesca, e esses ranchos eram de sua propriedade. No entanto, ele menciona que o pessoal de Belém foi quem começou a construir casas na região, representando uma mudança nesse padrão anterior de construção de estruturas temporárias.

E quando perguntamos se ele sentia saudade desse passado, seu Geraldo responde:

“Nem pensar em **voltar aquela época**. Mas rapá, nem pensar isso, que nem o pessoal fala que o tempo bom já passou, quem fala isso, tu podes dizer não é certo da cabeça não. Tu tiras por ti quantos anos tu tem? Poise tu tem 29 eu tenho 70, quando tu tinha 7 anos, tu já te alembra pra cá? Eu não sei de que tu viveu, mas tu queria viver agora?” (Geraldo Silva, informação verbal, 2023).

A entrevista do seu Geraldo traz uma perspectiva diferente da dona Odacir. Pois, parece descartar a ideia de voltar ao passado, enfatizando que não é algo que ele sequer considere. Ele reage à ideia de que "o tempo bom já passou", argumentando que quem pensa assim não está certo da cabeça. Também destaca a diferença de idade entre ele e o interlocutor, mencionando que tem 70 anos e questionando o pesquisador sobre lembrar-se da época quando tinha 7 anos. Ele parece estar destacando a diferença de perspectiva entre gerações e talvez sugerindo que as experiências de vida moldam nossa visão sobre o passado e o presente.

Beatriz Sarlo (2007) afirma que quando as pessoas revisitam o passado, nem sempre experimentam uma libertação das memórias, mas, em vez disso, vivenciam um evento ou captura do presente. Isso implica que a recordação do passado não é apenas uma reconstrução histórica, mas pode ter um impacto significativo no momento atual e essa dinâmica é observada nas memórias dos moradores ao narrarem suas experiências. Portanto, ao relembrar eventos passados, eles não apenas recordam, mas também incorporam essas lembranças de maneiras que afetam o presente. Portanto é como uma interconexão entre passado e presente, onde as lembranças não são simplesmente eventos isolados, mas influenciam ativamente a experiência atual dos narradores.

**Todas as entrevistas abordam mudanças na paisagem e na infraestrutura**, como a especulação imobiliária, construções e a influência da natureza. Isso sugere uma preocupação compartilhada em relação aos impactos ambientais e às transformações na área. Há uma presença de nostalgia nas entrevistas, com referências a um passado percebido como mais simples e positivo. Ao mesmo tempo, observa-se uma consciência das mudanças ocorridas ao longo do tempo, tanto na natureza quanto nas condições de vida.

Falar sobre o passado é difícil. Existem duas maneiras de olhar para o passado: através das lembranças pessoais (memória) e através dos fatos históricos mais amplos. Essas duas maneiras muitas vezes discordam. A história quer ser objetiva, mas não confia sempre na memória pessoal. Por outro lado, a memória desconfia das histórias que não levam em conta coisas importantes, como a importância da vida, justiça e como cada pessoa vê as coisas. Em resumo, é complicado representar o passado porque é difícil equilibrar os fatos com as experiências pessoais e subjetivas (SARLO, 2007). Essas relações indicam uma complexa interação entre fatores sociais, econômicos, ambientais e culturais na comunidade. As

entrevistas oferecem uma visão multifacetada das experiências e desafios vividos pela comunidade local diante das mudanças em seu ambiente e estilo de vida.

### **3.3. Território e comunidade: entre afetos e desafios**

Muniz Sodré (2002) expõem a noção de território e ressalta a sua relação com a identidade e a ligação com o espaço presente. O território, nesse contexto, representa o espaço onde essas trocas acontecem e onde a identidade grupal se desenvolve ao longo do tempo. O autor define o território em quatro tópicos sendo estes: 1) território público, que abrange ruas, praças, ônibus, teatros etc.; 2) território da casa ou privado, ou seja, qualquer lugar nomeado como "lar", ou então o espaço particular da sala de trabalho; 3) território interacional, definido pelas áreas de acesso restrito a pessoas legitimadas, como, por exemplo, os estudantes inscritos numa universidade; 4) território do corpo, relacional o com o espaço pessoal, como o próprio corpo e o espaço adjacente - esta é uma delimitação invisível do espaço que acompanha o indivíduo, sendo capaz de se expandir ou contrair-se de acordo com a situação e caracterizando-se, portanto, pela flexibilidade (SODRÉ, 2002. p. 39).

Tais classificações e definições, nos ajudam a compreender como os diversos tipos de territórios impactam as interações sociais e a dinâmica espacial, proporcionando uma base conceitual para abordar a relação com o espaço e o ambiente. O território é apresentado como o cenário exclusivo e organizado no qual essas interações ocorrem, desempenhando um papel crucial para a construção da identidade coletiva da comunidade (SODRÉ, 2002).

A comunidade para Ferdinand Tönnies (1973) é vista como relações sociais inventadas pelo ser humano e essas relações se dão por pura vontade humana. Já para Martin Buber (1987) toda vida nasce de comunidades e aspira a comunidades. “Ela é fim e fonte de Vida. —Vida e comunidade são os dois lados de um mesmo ser” (BUBER, 1987. pag. 34). Para o autor é dentro da comunidade que se encontra o real valor, o sentimento e o poder necessários para se manter em comunidade.

As relações estabelecidas entre comunidades e suas terras tradicionais transcendem a mera ocupação física. Ao qualificar esses espaços como "território", destaca-se a complexidade intrínseca dessas relações, incorporando elementos culturais, espirituais e históricos. Tais lugares são reconhecidos como mais do que simples áreas geográficas ou recursos econômicos, possuindo um valor intrínseco que abrange a identidade cultural, a herança ancestral e as práticas tradicionais (C. FILHO; MENDES, 2014). Os autores ainda ressaltam que o termo "território" sugere que se reconhece a importância não apenas dos recursos naturais, mas também da sustentabilidade ambiental, preservação da biodiversidade e transmissão de

conhecimentos tradicionais. Em resumo, a concepção é de que esses lugares desempenham um papel fundamental na preservação da integridade cultural e ambiental das comunidades, transcendendo considerações puramente econômicas (C. FILHO; MENDES, 2014).

O território implica dimensões simbólicas. No território estão impressos os acontecimentos ou fatos históricos que mantêm viva a memória do grupo; nele estão enterrados os ancestrais e encontram-se os sítios sagrados; ele determina o modo de vida e a visão de homem e de mundo; o território é também apreendido e vivenciado a partir dos sistemas de conhecimento locais, ou seja, não há povo ou comunidade tradicional que não conheça profundamente seu território. (C. FILHO; MENDES, 2002, p.13). Ou seja, o território passa a influenciar o modo de vida da comunidade, determinando suas práticas diárias, economia e tradições. A relação profunda que as comunidades tradicionais têm com seus territórios envolve um conhecimento íntimo, não apenas geográfico, mas também enraizado nos sistemas de sabedoria locais. Em resumo, o território é um espaço impregnado de significados culturais, históricos e espirituais, essenciais para a identidade e existência das comunidades tradicionais.

Para Maristella Svampa (2021) os territórios são definidos como uma forma de valorização pois se conecta a várias dimensões sendo que incluem as relações familiares, as comunitárias e as ancestrais, ou seja, é um território herdado, que possui uma conexão das pessoas que ali habitam com o local por meio da herança familiar essa herança pode ser entendida como um patrimônio. Além disso, Svampa ainda expõe que muitas vezes essa valorização do território ela se aplica a algumas pessoas que optam por se afastar dos grandes centros urbanos, escolhendo assim lugares que atualmente, enfrentam ameaças. Essas pessoas são impulsionadas pela busca por uma melhor qualidade de vida e ou outro estilo de vida, que a autora classifica como território escolhido.

Isso sugere que, seja por herança, escolha pessoal ou afinidade cultural, as pessoas estabelecem uma ligação profunda com o território em que residem (SVAMPA, 2021). Nesse contexto, o território e a comunidade tornam-se um elemento crucial, como enfatizado por Zygmunt Bauman (2003), que associa a noção de comunidade à sensação de segurança. O autor também destaca que há um preço a pagar pelo privilégio de viver em comunidade e ele é pequeno e até invisível só enquanto a comunidade for um sonho. O preço é pago em forma de liberdade, também chamada autonomia, direito à auto-afirmação e —à identidade. Qualquer que seja a escolha, ganha-se alguma coisa e perde-se outra (BAUMAN, 2003. pag.10).

**Não tem assalto**, não tem o trânsito da cidade grande, você não fica com medo, a gente larga o moleque aqui né, fala pra tomar cuidado com cobras (risos) tem que ensinar pra eles: Olha não entrar dentro do pirizal, porque pode ter o ninho de caba. Tem as piras que dá nessa época de verão, as coceiras de maruim e muito carapanã. **É um contato total com a natureza né! É o pé no chão é o não estresse da**

**poluição do trânsito da cidade.** Aqui as crianças costumam que só para adoecer, diferente das crianças da cidade grande. **É bom morar aqui em Salinas pois pra onde você corre tem emprego, em outros locais como no interior é mais ainda dificultoso o emprego. É dificultoso a educação aqui, é dificultoso a escola, é dificultoso a saúde, mas a gente sempre dá um jeito** (Jaqueline Oliveira, informação verbal, 2023).

Jaqueline destaca os pontos positivos e negativos de se viver na Sofia entre os quais o local não tem assalto, trânsitos, a criança pode brincar à vontade e quase não adoecer, não existe muita poluição como na cidade grande e sempre tem emprego de várias formas. E os pontos negativos para ela são: de não haver escolas na comunidade, unidade básica de saúde, supermercados e a distância entre outros. No momento da entrevista o marido da Jaqueline tinha saído para pescar, quando findado a entrevista seu Moisés apareceu juntamente com um amigo trazendo peixes em uma vara de madeira (Figura 29).



Figura 29: Momento do retorno da pesca.



Fonte: Elaborado pela autora (2023).

Assim como seu Marido, Jaqueline também é pescadora na comunidade. Ao percorrer a comunidade, observou-se que aproximadamente 90% das residências possuíam redes de pesca e canoas em seus quintais, ou nas varandas (Figura 30). Essa predominância chama a atenção, indicando que a maioria dos moradores da comunidade está envolvida na prática da pesca.

Figura 30: Casas com canoas, redes de pescas nos quintais e varandas.



Fonte: Elaborado pela autora (2023)

Essa predominância chama a atenção, indicando que a maioria dos moradores da comunidade está envolvida na prática da pesca. De fato, a unidade e a possibilidade de uma **comunidade** das vontades humanas se apresenta, em primeiro lugar e de maneira mais imediata, nos laços de sangue; em segundo lugar na aproximação espacial e na aproximação espiritual. É nesta classificação, portanto, que devemos procurar as raízes de todas as relações (associações). Daí nós construímos as leis principais da comunidade (TÖNNIES, 1973, p. 104). O autor destaca a teoria da comunidade que se fundamenta tanto no próprio território como pelos laços de sangue, ou pelos afetos criados dentro da comunidade.

É notório um sentimento de preocupação e afeto presente nos modos de pensar em atender necessidades básicas coletivas, especialmente dos mais necessitados de recursos. Junior já fez parte da **colônia de pescadores da comunidade** por ter um rancho e por já ter exercido a atividade da pesca. Hoje ele tenta montar no rancho um espaço para criação de ostras, e vem realizando pesquisas para isso. A ideia inicial é montar esse empreendimento de ostras **para ajudar alguns moradores da comunidade** que são mais carentes a ter uma renda. Esse empreendimento que o Júnior irá propor será dentro do poço do Ismério (Figura 31).

Figura 31: Afonso Duarte no Poção do Ismério uma área de reprodução do mangue na Ponta da Sofia



Fonte: Elaborado pela autora (2023)

Ismério foi o nome que os pescadores deram para um poço que se forma dentro do mangue. Este que é o elemento principal para a comunidade, e é uma verdadeira estância que alimenta a comunidade de diversas formas. Sobre o poço do Ismério na Ponta da Sofia:

É uma área de reprodução que impera e tem um mistério que quando a maré está seca, esse poço aqui começa a borbulhar água. Começa a encher, embora a água do mar não esteja entrando, ele começa a encher. Possivelmente há uma ligação por pedra que vem lá da cabeça de nego pra cá, aí acontece esse efeito e ele nunca seca, o sedimento vem mais ele nunca consegue secar. (Junior Oásis, informação verbal, 2023).

Na narrativa, Junior Oásis destaca o mistério desse poço, pois não há uma entrada óbvia de água do mar. No entanto, a explicação sugere uma possível conexão subterrânea, uma ligação por pedras que se estende desde a distante "cabeça de nego" até esse local específico. Essa ligação aparentemente cria um efeito notável, fazendo com que o poço comece a se encher, resistindo ao escoamento normal da maré. O mais surpreendente é que, mesmo com a presença de sedimentos, o poço nunca seca completamente. A continuidade do fenômeno sugere uma

relação única entre os elementos subterrâneos, tornando essa área não apenas um espaço de reprodução, mas também um enigma geológico que desafia as convenções naturais.

Além de ter um bar na praia Junior também realiza passeios turísticos mostrando a ponta da Sofia em seu carrinho a vela que comporta cinco pessoas.

Eu sobrevivo dos carrinhos a vela né, faço passeio turístico com os clientes só que eu já tou numa idade que tou um pouquinho velhinho aí já não tou com mais idade pra rodar no carrinho devido a minha coluna, se eu rodar muito nos finais de semana a minha coluna fica, eu fico muito dolorido, devido a trepidação dos bancos né, eu tenho quatros carrinhos a vela né, tenho um restaurante que é minha outra fonte de renda quando o carrinho não dá né, quando para o vento aí eu já me seguro, as vezes um ajudando o outro pra se manter (Junior Oásis, informação verbal, 2023).

Junior conta com os carrinhos a vela (Figura 32) para conduzir passeios turísticos, uma atividade que, embora gratificante, tornou-se desafiadora devido à sua idade e problemas na coluna. A trepidação dos bancos durante os passeios afeta sua saúde, levando-o a buscar alternativas. Como parte de sua abordagem diversificada, ele estabeleceu um restaurante, proporcionando uma segunda fonte de renda. Isso funciona como um suporte quando as condições para os passeios de carrinho não são ideais, como em dias sem vento. Essa combinação de atividades não apenas reflete sua adaptação às circunstâncias, mas também destaca sua resiliência, encontrando equilíbrio entre suas paixões e o cuidado com seu bem-estar.

O carro foi construído por ele mesmo, utilizando matérias como: cadeiras de plásticos, rodas de carro, ferros e lonas. O passeio dura em média 20 minutos pela praia do Atalaia e possui um valor acessível de 25 reais.

Para Raquel quando perguntamos o que significa a comunidade da Ponta da Sofia ela responde:

**É um lugar que eu sou louca, apaixonada, né,** por esse local aqui, e tenho muitos conhecidos, muitos vizinhos. **A gente vive bacana, vive bem e é legal.** Como vocês conseguiram ver, né! Apesar da distância, apesar do areal, do calor, né! E algumas necessidades, mas eu ainda estou firme e forte aqui... Por que eu vim parar aqui? **Porque eu estava atrás da tranquilidade, da natureza, do pé na areia. É a minha vida né!** (Raquel Calado, informação verbal, 2023).

Figura 32: Carrinho a vela onde leva os turistas para conhecer a Ponta da Sofia.



Fonte: Elaborada pela autora (2023)

Na comunidade existem diversas dificuldades como a distância do centro da cidade, falta de escolas, saneamento básico, e hospitais. Apesar de tudo isso a Raquel ainda permanece no lugar. Desse modo, cabe destacar que no território estão impressos os acontecimentos ou fatos históricos que mantêm viva a memória do grupo; nele estão enterrados os ancestrais e encontram-se os sítios sagrados; ele determina o modo de vida e a visão de homem e de mundo; o território é também apreendido e vivenciado a partir dos sistemas de conhecimento locais, ou seja, não há povo ou comunidade tradicional que não conheça profundamente seu território (C. FILHO; MENDES2014. pág. 12). Apesar da comunidade não se intitular como tradicional, eles realizam práticas vistas como tradicionais como seus modos de fazer, de ser e viver na Ponta da Sofia, pois possuem formas de sustentabilidade e de sobrevivência de suas tradições na comunidade.



Jaqueline nos conta que não foi fácil aprender a pescar, fora os preconceitos que existiam por ela ser mulher dentro da embarcação ela menciona que, enquanto seu marido Moisés ia para a maré, ela ficava sozinha em casa pensando sobre sua situação. Sentindo-se sem compromissos familiares, sem filhos, ela toma a decisão de acompanhar ele nessa atividade.

**Eu aprendi vendo ele fazer**, observava virar a agulha pra um lado e pro outro aí peguei um pedaço de rede, aí ele ia pra maré e ficava só eu na casa aí eu pensava Pow! Que que eu tou fazendo não tenho nada que me prenda, não tenho filho nem nada eu vou é com ele. O irmão dele não aceitava mulher dentro da embarcação. Viemos de Pirabas pra trabalhar pra cá, na beira de berreiro, né! (Jaqueline Oliveira, informação verbal, 2023).

A narrativa destaca a influência da observação e o desejo de se envolver em uma **atividade tradicional**, mesmo enfrentando obstáculos familiares. Jaqueline revela que sua sobrevivência está diretamente ligada a essa atividade, alternando entre a pesca e o berreiro. Às vezes, eles obtêm ganhos da pesca ou da beira, e, quando não há sucesso em uma frente, precisam procurar em outra. Ela menciona indiretamente que essa relação com a natureza é fundamental para sua sobrevivência, embora ela ressalte que tenha pouco conhecimento sobre o assunto. A conexão com o mar e as atividades de subsistência são aspectos centrais de sua vida. Tal prática é realizada de forma esporádica por grande parte dos moradores da comunidade.

Os residentes têm uma forte conexão emocional com a comunidade, considerando-a não apenas um local de residência, mas parte essencial de suas identidades. As experiências vividas na região contribuem significativamente para a formação de quem são. A comunidade enfrenta desafios socioeconômicos, incluindo conflitos com empresas e autoridades, além de ameaças à preservação ambiental devido à especulação imobiliária. Esses desafios impactam diretamente a qualidade de vida e a sustentabilidade local.

As mudanças físicas, como a expansão de construções e o impacto ambiental resultante, afetam a dinâmica da comunidade. A especulação imobiliária e o desenvolvimento têm implicações significativas na forma como os residentes vivenciam e percebem seu espaço

Junior Tralha fala que muita gente sobrevive da comunidade e isso é perceptível em sua narrativa:

**É a minha fonte de renda**, não só a minha como de muita gente que mora aqui e sobrevive daqui, acho que ela é uma base, uma base da do topo do meio ambiente. Por que ela é uma base? Porque tudo se forma de onde vem o vento, o vento se vem daqui, então daqui vem todo o sedimento de rio, sedimento de mangue. Então **se a gente**

**destruir essa ponta daqui ela acaba com a ponta de trás que seria parte do atalaia. A Ponta da Sofia ela é muito importante pro ecossistema dessa forma, tem que preservar ela,** pra ela ser a defesa que ta atrás, que o vento vem daqui dessa direção e joga todo sedimento pra lá né, se um dia destruírem a ponta da Sofia, automaticamente vai destruí o atalaia e os prédios tudinho (Junior Oásis, informação verbal, 2023).

Em várias entrevistas, os falantes expressam **uma conexão profunda com o local**, descrevendo-o como parte integrante de suas vidas. Isso está relacionado à formação de identidade, maturidade e às experiências vividas na comunidade. Há uma discussão recorrente sobre desafios enfrentados pela comunidade, como conflitos com empresas e autoridades, lutas pela preservação ambiental e mudanças na dinâmica local devido à especulação imobiliária.

Vários trechos enfatizam **a importância da paz e tranquilidade na comunidade**, ao mesmo tempo em que reconhecem os desafios associados a eventos e agitação sazonal.

Embora cada entrevista traga perspectivas individuais, esses temas comuns fornecem um panorama unificado das experiências e preocupações compartilhadas pelos residentes na região.

Os residentes têm uma forte conexão emocional com a comunidade, considerando-a não apenas um local de residência, mas parte essencial de suas identidades. As experiências vividas na região contribuem significativamente para a formação de quem são. A comunidade enfrenta desafios socioeconômicos, incluindo conflitos com empresas e autoridades, além de ameaças à preservação ambiental devido à especulação imobiliária. Esses desafios impactam diretamente a qualidade de vida e a sustentabilidade local.

As mudanças físicas, como a expansão de construções e o impacto ambiental resultante, afetam a dinâmica da comunidade. A especulação imobiliária e o desenvolvimento têm implicações significativas na forma como os residentes vivenciam e percebem seu espaço.

A tranquilidade é altamente valorizada pelos moradores, que veem a comunidade como um refúgio de paz. Há uma preferência pela manutenção desse ambiente tranquilo, apesar das pressões sazonais e eventos que podem perturbar essa paz.

Essas premissas refletem a complexidade das experiências e desafios enfrentados pelos residentes, destacando suas **preocupações comunitárias, ambientais e socioeconômicas**.

### **3.4. A relação com a natureza**

**A preservação do meio ambiente**, incluindo manguezais e praias, é uma preocupação central para os residentes. Eles reconhecem a interdependência entre o ecossistema local e o bem-estar da comunidade.

A casa da Raquel é uma casa toda construída em madeira, sendo grande parte desta retirada do mangue. É proibido ter construções de alvenaria na comunidade, nem todos os

moradores respeitam esse decreto<sup>15</sup>, pois existem casas de alvenaria que as janelas possuem vidros, ar-condicionado e outros tipos de telhados, essas casas são de novos moradores. Na casa da Raquel as paredes e os esteios são de madeira do manguezal.

Os manguezais emergem como ecossistemas altamente produtivos em escala global, desempenhando um papel fundamental na preservação de diversos serviços ecossistêmicos. Sua importância se destaca na eficiente captura e armazenamento de carbono, tanto na biomassa quanto no solo. O processo de sequestro de carbono em áreas de manguezais é comparável ao observado em outras florestas tropicais úmidas. Ao considerar o carbono contido na biomassa acima do solo, essa semelhança persiste. Contudo, ao abranger o estoque total de carbono no sistema, incorporando a biomassa subterrânea e o armazenamento no solo, os manguezais tropicais revelam um estoque de carbono por unidade de área significativamente superior aos encontrados em outras formações florestais, incluindo as florestas tropicais úmidas, a exemplo da Amazônia (SOAVINSKI; MARETTI, 2018).

“Eles veem uma casa como a minha sabendo que é de reforço de restauração, né! Material reciclado, né! Reciclado isso, por uma questão econômica sim, mas também por uma questão de entendimento, de discernimento (Raquel Calado, informação verbal, 2023)”.

O material do mangue serve como uma loja de material de construção para a comunidade, e é permitido utilizar esse recurso natural de forma sustentável de acordo com o plano de manejo da Resex, principalmente para os moradores que não possuem recurso algum para comprar material de construção na cidade.

Além da **pesca** que é uma atividade presente na comunidade e da estância que o manguezal produz, na Ponta da Sofia também existem diversas espécies de árvores frutíferas que servem como meio de fonte de renda de alguns moradores. Os moradores destacam que existe uma senhora conhecida apenas como “Tia do ajuru” que nos finais de semana por volta das sete horas da manhã, esta senhora vai até a comunidade coletar as frutas e vender na cidade. Essa era a única fonte de renda que sustentava sua casa durante anos, ninguém soube informar

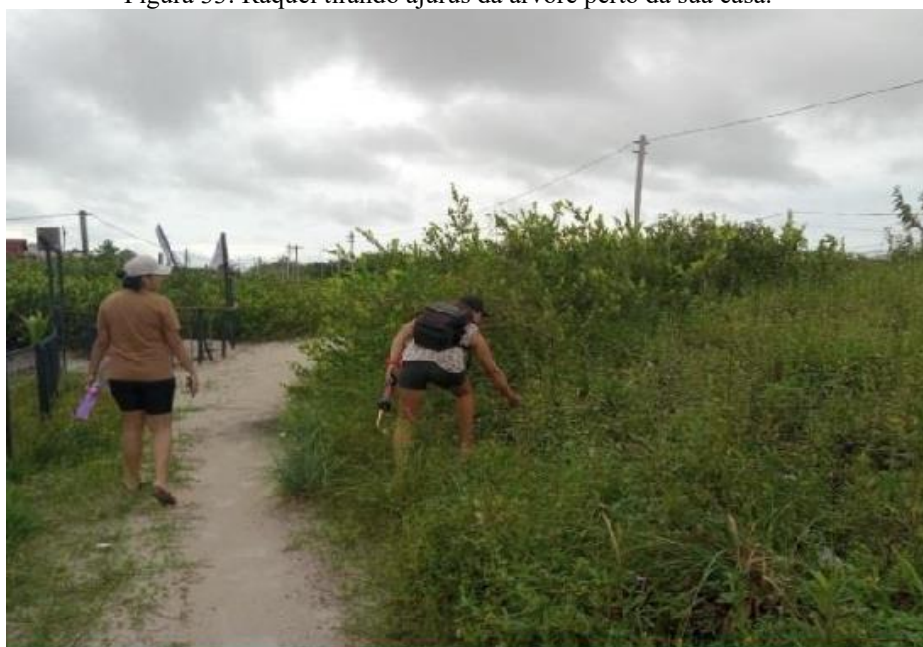
---

<sup>15</sup> Criado pelo Governo do Estado do Pará em 2018. Essa área está inserida na categoria de gestão de Monumento Natural, estabelecida pelo Decreto Estadual Nº 2.077 em maio de 2018. Classificada no grupo de Proteção Integral, sua finalidade é proporcionar um ambiente propício para a realização de estudos e pesquisas científicas, práticas de ecoturismo, recreação e lazer, além de atividades voltadas para a educação ambiental e a preservação da natureza. É importante ressaltar que essa área não permite atividades de moradia e tampouco a exploração de recursos naturais (Diário do Pará, 2018).



seu nome. Na (Figura 33) **Raquel retira da árvore** umas frutas de ajuru e come no decorrer do caminho, na comunidade esse fruto é o mais frequente de se encontrar.

Figura 33: Raquel tirando ajurus da árvore perto da sua casa.



Fonte: Elaborada pela autora (2023).

Dos onze entrevistados três deles destacaram a importância do mangue para a comunidade e da esperança de que ele possa trazer algo bom novamente. Em destaque abaixo se encontra uma citação da narrativa de um morador da Ponta da Sofia que com o passar do tempo percebeu a mudança da natureza naquele ambiente.

é esse mangue não tinha, porque na verdade a gente mora numa ilha né, e aí eu falo pra minha mulher aqui que esses pessoal vão fazendo prédios e prédios um dia essa praia não vai suportar, porque não vai suportar? porque essa área que eu tou vendo aqui né é a mesma que eu tou vendo aqui atras, era tudo areia (Pinduca, informação verbal, 2023).

As pessoas estão discutindo a **dinâmica natural do manguezal**. Eles estão observando como o manguezal está gradualmente se reestruturando e expandindo para a área em que estão,

e reconhecem que eventualmente a própria natureza os forçará a mudar para outro lugar devido a esse ciclo natural do mangue.

O que se percebe é que existe todo um conhecimento sobre esse mangue e que ele é novo e já está se aproximando novamente e que tudo que estiver na frente dele vai ser arrastado, porque ele já fez essa ação anos atrás.

Há uma preocupação expressa nas narrativas é-sobre a construção contínua de edifícios na região, levando à preocupação de que, eventualmente, a praia não conseguirá suportar essa expansão. **A preservação do ambiente** é uma preocupação central em algumas entrevistas, destacando a importância ecológica da região, especialmente quando se trata de ecossistemas, como manguezais e praias. A explicação sobre como o vento e os sedimentos contribuem para a formação da paisagem destaca a interconexão entre os elementos naturais da região.

A preocupação expressa com a possibilidade de destruição da Ponta da Sophia e suas consequências negativas para o Atalaia e os condomínios vizinhos reforçam a importância da preservação ambiental. Os falantes discutem as transformações na comunidade ao longo do tempo, mencionando desde o crescimento de construções até os efeitos ambientais negativos resultantes de certas atividades.

### 3.5 Crenças e encantarias

No que se refere a esse tópico específico da **religiosidade**, ao indagar os entrevistados, a maioria deles declarou seguir a fé evangélica ou católica, não tendo vivenciado situações relacionadas ao tema em questão. Apenas três dos interlocutores compartilharam relatos sobre as encantarias, ressaltando a importância significativa dessas práticas nas tradições locais.

“A gente ia pescar, expor a rede assim, só que a gente escorou a rede na beira da praia no córrego para cima, o carro pode passar por cima da rede que fica o peixe nela, então a rede estava assim. Aí nós fomos, aí a gente se abaixou deu uns 5 peixes lá. Aí a gente começou quebrar os ferrão do peixe, e eu em pé, olhando para o mar. Aí a maré veio outra vez, cria aquela água, né, que escorre. Acho que ela batia pelo joelho. Aí eu olhei, surgiu aquele homem, tudo de branco aí ele vinha andando pro nosso rumo. Aí ele disse assim, lá vem um homem de branco e eu e eu fiquei olhando. Ele veio, veio, depois dobrou, sumiu andando para cima, ele some, tu pode ficar olhando mais ele some. Mas ele disse: eu vi também aqui o homem na minha frente” (Maria José, informação verbal, 2023).

“olha que o pessoal fala mais é lenda não é? Que aparece muito eu que digo pro pessoal, que aparece muito aí nessa praia, é uma sereia diferente aí o pessoal diz e o boto também. Essa lenda da praia da Sofia, dizem que foi uma menina que veio e morreu tomando banho aí, e o nome dela era sofia e morreu afogada. Então tudo é lenda a gente conta essas histórias e tal. E

o pessoal acha graça. Sim aí porque, Sofia? porque era aqui ponta do pirizal, depois dessa disque foi.. eu nem me lembro, mas acho que foi a uns 20 anos ou 30 anos atras que morreu uma menina ai afogada e o nome dela era sofia, ai botaram o nome de Ponta da Sofia, é terrível. Tem tudo haver, não é?” (Antônio Monteiro, informação verbal, 2023).

Ambas as narrativas evidenciam a **presença de entidades sobrenaturais**, como o "homem de branco" na primeira história e a sereia e o boto na segunda. Esses relatos estão intrinsecamente ligados a lendas locais, desempenhando um papel fundamental na construção da identidade cultural e histórica da comunidade. A relevância dessas lendas transcende a mera narrativa, conferindo significados profundos e estabelecendo conexões essenciais com o ambiente em que os moradores estão inseridos.

As duas narrativas compartilham elementos trágicos, como o afogamento da menina chamada Sofia na segunda história e a aparição misteriosa na praia na primeira. Na segunda narrativa, destaca-se como as lendas podem influenciar a toponímia local, exemplificado pela Ponta da Sofia, nomeada em decorrência da história da menina Sofia. Em ambas as histórias, observa-se uma interação complexa entre crença e ceticismo, com alguns membros da comunidade aderindo às lendas enquanto outros as encaram como meras histórias folclóricas.

Esses relatos revelam pontos de convergência e distinção entre as narrativas. Importante ressaltar que eventos trágicos podem tornar-se parte da memória coletiva da comunidade, associados a lendas que atravessam as gerações. Em síntese, esses relatos destacam a riqueza da cultura local, evidenciando que mitos e lendas não apenas refletem a imaginação da comunidade, mas também desempenham um papel vital na construção de sua identidade e na interpretação de eventos significativos.

No território, também se menciona a presença de encantarias ou entidades espirituais, e na comunidade da Ponta da Sofia, essa realidade não é diferente. Os encantados podem se referir a seres míticos ou espirituais que habitam a natureza, rios, florestas, entre outros lugares. Esses seres muitas vezes são considerados mágicos ou sobrenaturais e desempenham papéis variados nas histórias e crenças locais. Por exemplo, na região amazônica, existem lendas sobre "encantados" associados a seres mágicos da floresta. Já em algumas tradições afro-brasileiras, como o Candomblé e a Umbanda, "encantados" podem ser referências a entidades espirituais que se manifestam durante rituais religiosos (SILVA, 2014).

Na ponta da Sofia um casal de moradores ambos pescadores relata que acredita que ali é uma **praia encantada**, pois por ser beira de praia existe muitos seres e espíritos de pessoas que já morreram:

“A praia é, eu acho que é bem encantada, né? Já morreu muita gente aí nessa praia, porque o pessoal morria pra acolá, só que a maré jogava tudo pra cá e encostava, aí a gente carregava tudo morto, tinha vez que eram três, quatro mortos, aí já morreu muita gente nessa praia (Pinduca, informação verbal, 2023)” Seu Pinduca e dona Maria José nos relatam que já avistaram muitas visagens e seres encantados.

Eu e o meu marido nós morava lá embaixo numa barraca. Aí o irmão dele veio chamar que outro irmão dele estava brigando, aí ele desceu. Aí eu sentei e fiquei a esperar sempre que a barraca tinha negócio, né? Aí eu fiquei olhando pro mar, aí eu vi como daqui pro o Coqueiro aí, eu vi aquela mulher de branco. Ela surgiu assim, apareceu, eu disse: égua! aí eu pensei assim, que era a cunhada dele, né? Será que a Bernadete até foi ver a briga. Aí ela lá veio andando, veio, veio e quando eu vi que eu não conhecia, eu entrei para dentro, fechei a porta, ela veio então na beira da escada, aí desceu. Foi, eu vi (Maria José, informação verbal, 2023).

A narrativa sugere uma atmosfera de suspense e mistério, especialmente com a aparição inesperada da mulher de branco. A reação da narradora ao se sentir desconfortável e decidir entrar na barraca, fechando a porta, adiciona um elemento de tensão à história. A narrativa transmite uma mistura de eventos cotidianos e uma experiência inusitada, destacando a curiosidade e a sensação de surpresa diante do desconhecido.

## CAPÍTULO 4

### ESTRATÉGIAS DE RESISTÊNCIAS



## 4 Comunidade: Estratégias de resistências

No quarto capítulo, abordaremos as formas ativas que a comunidade destaca para a preservação ambiental, em meio às disputas atuais. Exploraremos como a biodiversidade na Ponta da Sofia serve como ponto de união para a comunidade, examinando como ela se empenha na preservação dessa diversidade biológica. Além disso, analisaremos como a comunidade, por meio dessa biodiversidade, fortalece sua resistência no território, investigando as práticas específicas que compõem esses esforços de resistência.

### **4.1 Disputa pela área de preservação ambiental**

Este tópico emerge como um dos temas mais recorrentes nas entrevistas conduzidas com os onze participantes. Notadamente, apenas três narrativas foram selecionadas devido à sua riqueza de detalhes e profundidade, proporcionando uma abordagem mais aprofundada e abrangente por parte desses moradores.

De acordo com a 2ª Promotoria de Justiça de Salinópolis, dois promotores abriram uma ação civil pública legal, para fazer um pedido de tutela antecipada contra o Estado do Pará e o Instituto de Desenvolvimento Florestal e da Biodiversidade do Estado do Pará (IDEFLORbio) em 24 de novembro. Pois foram encontradas diversas irregularidades na gestão do Monumento Natural do Atalaia (MONA). Essas irregularidades foram apuradas durante o Inquérito Civil. A Ação Civil Pública é uma medida legal que busca compelir o Estado e o IDEFLOR-bio a tomar providências específicas em relação à gestão inadequada do Monumento Natural do Atalaia, e o pedido de tutela antecipada sugere a solicitação de medidas imediatas antes da resolução final do caso (MPPA. 2023).

O Ministério Público solicitou também que o Estado do Pará tome as providências necessárias para permitir que o IDEFLOR-bio execute os procedimentos destinados à elaboração e publicação do Plano de Manejo, à regularização fundiária do Monumento Natural do Atalaia (MONA) e ao planejamento administrativo essencial para estabelecer medidas eficazes de controle da ocupação irregular de áreas dentro do MONA. Isso inclui o exercício do poder de polícia em relação a atividades que não estejam alinhadas com os objetivos do MONA.

É importante ressaltar que as ações de proteção, iniciadas com a demarcação do MONA e a interdição parcial do acesso à praia, precisam ser expandidas com urgência. O dano ambiental persiste e se intensifica dentro da unidade de conservação, sem avanços

significativos na implementação das soluções mencionadas na ação. Essa ampliação é crucial para garantir efetivamente a proteção integral da Unidade de Conservação (MPPA. 2023).

A praia do Atalaia, destaca-se como um dos principais destinos turísticos, evidenciando uma tendência de expansão. Contudo, essa expansão tem resultado em uma ocupação desordenada, impulsionada pela lógica econômica do turismo, acarretando impactos significativos nos ecossistemas protegidos da região. A dinâmica de urbanização desordenada, observada especialmente em áreas de preservação permanente ao longo da zona costeira, resulta na remoção da vegetação em dunas, restingas e manguezais. Essa prática tem consequências negativas, acelerando os processos erosivos e culminando na redução da faixa de praia, recuo da linha de costa, perda do potencial paisagístico, de habitats e, inclusive, na qualidade de vida. Esse panorama reflete não apenas desafios ambientais, mas também implicações socioeconômicas, destacando a necessidade urgente de abordagens mais sustentáveis para o desenvolvimento turístico na região (MPPA. 2023). Sobre essa ação do MPPA, o entrevistado ressalta que:

“Não adianta eu querer bater contra o sistema, né? Porque o sistema é grande e é sujo. Tem político no meio, sei que vão legalizar. Já não é mais área ambiental, já tá virando condomínio. Mas não adianta eu querer bater de frente, né? Aí a coisa tá rolando, tá deixando, tá acontecendo lá, tá virando, já virou um loteamento, ainda tão brigando por espaço de terra, os portes já chegaram lá, já perdeu aquele brilho, né? Aí eu digo, é, quer saber? Eu não vou mais ficar brigando contra isso daí, que eu não vou ganhar nada, vou ganhar inimizade” (Junior Oásis, interação verbal, 2023).

Junior expressa uma sensação de desânimo e resignação diante do que percebe como um sistema injusto. Ele menciona a presença de políticos no processo, sugerindo uma corrupção institucionalizada, e antecipa a legalização de ações que afetam o meio ambiente. A referência a uma área ambiental que está se transformando em um condomínio e loteamento indica uma mudança no uso da terra, aparentemente prejudicial ao meio ambiente. Ele compartilha a percepção de que lutar contra esse sistema pode ser ineficaz e até prejudicial, mencionando a inevitabilidade de perder a batalha e ganhar inimizades. Mas ele expressa a sensação de que lutar contra isso é inútil e pode resultar em inimizades. Ele opta por não mais resistir ao processo.

E segundo as narrativas dos moradores não são apenas as ocupações desordenadas que preocupam os moradores, mas sim a presença do apoio dos ressortes para alguns barraqueiros.

“aí é uma briga também com o resort pela área, porque eles querem tornar a Ponta da Sofia uma praia privada deles. Só que não pode, porque a Ponta da Sofia está dentro do monumento da Atalaia, que é o MONA, né, que pega lá do lago, toda essa região

aqui. É justamente com o Felício<sup>16</sup> que ele briga, que ele fala que a terra é dele, e que ele quer que o governo passe os valores que ele não foi repassado para ele, mas na verdade a briga é essa, eles querem tornar isso aqui privado para os resorts. Aí os moradores novos já visam isso, né? Ah, eu já estou aqui, vão querer tirar, então é tipo isso, essa briga entre eles” (Therly Fie, interação verbal, 2023).

Segundo a narrativa da Therly, o resort pretende transformar a Ponta da Sofia em uma praia privada, mas enfrenta desafios devido à localização dentro do Monumento Natural da Atalaia. A disputa é intensificada pelas reivindicações de João Felício sobre a terra e sua demanda para que o governo repasse valores devidos. A situação reflete uma tensão entre os interesses do resort em privatizar a área e a resistência da comunidade local, que percebe a ameaça à sua permanência.

“Pra não invadir mais nada, assim a última bandeira na última bandeira lá, é o acordo lá, aquela branca lá, lá é o último rancho. De lá pra lá é intocável ninguém mexe, vamos se comprometer diante do idelflorbio, órgão gestor nosso, pra não deixar que ninguém invada mais, você sabe que a Especulação Imobiliária quer ficar nessa área toda, pra por os resorts, e o que o governo decidir é, que ele que decidi. É isso que eu percebo que é o medo de muitos moradores aqui sabe sobre isso sobre os resorts ganharem isso daqui porque praticamente o plano é tirar nós daqui” (César Batista, interação verbal, 2023) (Figura 34 ).

Figura 34: Último rancho da Ponta da Sofia com a bandeira branca.



Fonte: Elaborado pela autora (2023)

<sup>16</sup> Segundo os relatos dos moradores Dr. João Felício, era o dono o cocal que representa o perímetro da comunidade da Ponta da Sofia (Narrativas dos moradores, informação verbal, 2023).



Parece que há uma preocupação entre os moradores em relação à preservação da última área não invadida, representada pela última bandeira branca. Existe um compromisso proposto em relação a essa área, visando protegê-la contra invasões, com o órgão gestor, o Idelflorbio, sendo a autoridade responsável, entretanto como discutido anteriormente o Idelflorbio pode ser que esteja envolvido em alguns tramites que venha favorecer a presença de certas ocupações na comunidade.

O temor é que o governo possa decidir a favor desses interesses, resultando na remoção dos moradores. Se por acaso vier acontecer no futuro e o governo decidir a favor dos interesses da especulação imobiliária e dos *resorts*, isso poderia resultar no deslocamento forçado dos moradores locais. Isso não apenas afetaria a vida cotidiana e as relações comunitárias, mas também poderia ter implicações emocionais e sociais para as pessoas diretamente afetadas. Ocorreria a construção de resorts levando à transformação da área, alterando seu caráter e impactando o meio ambiente local. Isso pode resultar em perda de biodiversidade, mudanças no ecossistema e outras consequências ambientais. E não só isso o deslocamento forçado e a transformação da região podem acarretar desafios econômicos para os moradores removidos, bem como para aqueles que permanecem. A chegada de resorts ou de outras pessoas pode trazer mudanças econômicas na área, incluindo desequilíbrios no emprego, custo de vida e acesso a recursos e principalmente o desequilíbrio ao meio ambiente.

A situação levantaria preocupações sobre justiça social, especialmente se os interesses econômicos prevalecerem sobre os direitos e necessidades da comunidade local. Pode haver debates sobre quem se beneficia mais com o desenvolvimento proposto e quem suporta as consequências negativas. A comunidade local pode enfrentar perdas culturais se for removida de sua área tradicional. A preservação de tradições, conhecimentos e identidade cultural pode ser desafiadora em meio a mudanças significativas no ambiente circundante.

A decisão do governo em relação a essa questão pode ter implicações políticas, levando a debates e discussões mais amplas sobre o papel das autoridades na gestão do desenvolvimento local e na proteção dos direitos das comunidades.

As entrevistas mencionam um conflito entre os moradores locais e resorts ou empreendimentos imobiliários. Existe uma narrativa comum de desigualdade, na qual os moradores mais pobres enfrentam a ameaça de serem removidos de suas terras devido a interesses econômicos.

Outra ênfase notável nas narrativas reside na importância atribuída à documentação e legalidade como salvaguardas para a proteção das terras dos moradores. Esse destaque sugere uma inquietação compartilhada em relação à segurança jurídica de suas residências e

propriedades. Um ponto crucial é a presença de políticos e alegações de corrupção sendo esses elementos comuns em todas as entrevistas. Os interlocutores expressam descontentamento com a influência política e a corrupção, sugerindo um padrão de percepção generalizada desses problemas.

Os moradores desejam reafirmar o direito de permanecer em suas terras e vivenciar sua cultura como um direito intrínseco. Neste contexto, tanto o Estado quanto o mercado não possuem o direito ou autoridade para determinar esse aspecto. Contrariamente, a entidade estatal e o mercado, que estão cada vez mais presentes e influentes na vida cotidiana, não detêm mais o poder exclusivo de determinar como os povos podem habitar um local específico (KRENAK, 2021).

A preocupação conjunta com a preservação ambiental também se evidencia nas entrevistas, ressaltando a degradação ambiental resultante da especulação imobiliária, que inclui a remoção de recursos naturais e a transformação de áreas ambientais em complexos habitacionais. Além disso, destaca-se a manipulação dos moradores por meio de promessas vazias, revelando uma estratégia recorrente da especulação imobiliária para angariar apoio.

É nítido em algumas entrevistas, um senso de orgulho e resistência entre os moradores, destacando que não são simplesmente "pobres", mas sim trabalhadores que resistem aos desafios impostos pelos interesses econômicos e políticos.

Esses pontos de convergência refletem uma narrativa comum entre os entrevistados, revelando as pressões enfrentadas pelas comunidades locais decorrentes da especulação imobiliária, influência política e desafios ambientais. A voz coletiva ressalta a luta incessante contra esses elementos para a preservação não apenas de suas residências, mas também de seus meios de vida.

Essa análise busca proporcionar uma compreensão mais aprofundada dos desafios enfrentados pelas comunidades locais, destacando elementos essenciais presentes nas narrativas coletadas.

As premissas extraídas das entrevistas refletem uma conjuntura complexa entre os moradores locais e empreendimentos imobiliários, destacando uma narrativa de conflito territorial e legal. Essa dinâmica é consistente com as formas de gentrificação e disputas de terra, onde comunidades locais enfrentam ameaças à sua permanência devido a interesses econômicos. Representam uma disputa, tanto em termos simbólicos quanto práticos, relacionada ao direito à moradia, à configuração urbana e ao uso de propriedades urbanas. Além disso, destaca a importância do fortalecimento comunitário como meio de resistência. No entanto, salienta que as experiências vividas pelos moradores dessas comunidades são

permeadas por complexidades e limitações, indo além de uma resistência, caracterizando os moradores como participantes complexos e orientados pelo pragmatismo em suas ações (MEDEIROS; IDO, 2018).

“Se tiver um coletivo que decidiu viver numa determinada orla, numa praia ou na beira de um vulcão; se eles decidiram reivindicar o direito de viver ali, existe hoje resguardo para esse direito. Isso é que é bacana, isso que é importante. É o ser humano estar protegido, podendo recorrer a meios que permitam a ele o seu exercício livre da cultura, e que talvez seja o contato mesmo com a espiritualidade, a coisa da alma. Os humanos não são portadores de necessidades materiais, mas são reconhecidamente seres criativos, criadores e portadores de dons transcendentais (KRENAK, 2021. p, 28)”. Krenak destaca a importância do direito coletivo de escolher viver em locais específicos, ele valoriza o respeito a esse direito como algo significativo e fundamental. A ênfase é na proteção do ser humano, permitindo-lhe exercer livremente sua cultura, ele sugere que, além das necessidades materiais, os seres humanos possuem uma natureza criativa e transcendental, enfatizando a importância de garantir espaço para essa expressão.

#### **4.2 O Engajamento Ativo da Comunidade na Preservação Ambiental**

O termo "biodiversidade" é sinônimo de "diversidade biológica", representando a ampla variedade de formas de vida. O artigo 2 da Convenção sobre a diversidade Biológica (CDB), do ano de 2008 ressalta que a: “Diversidade biológica” significa a variabilidade de organismos vivos de todas as origens, compreendendo, dentre outros, os ecossistemas terrestres, marinhos e outros ecossistemas aquáticos e os complexos ecológicos de que fazem parte; compreendendo ainda a diversidade dentro de espécies, entre espécies e de ecossistemas (CDB, 2008.p,13).

A preservação da diversidade biológica emergiu como uma prioridade essencial na conservação contemporânea. O conceito de biodiversidade busca abranger a totalidade da diversidade presente nos organismos vivos, em diferentes níveis. Expressar essa ideia de maneira precisa é desafiador devido à diversidade de enunciados existentes (Convenção sobre a Diversidade Biológica, 2008).

Com base neste conceito, abordaremos neste capítulo como a comunidade da Ponta da Sofia preserva a diversidade ali presente. Localizada entre dunas, mangues e o mar, a Ponta da Sofia, conforme mencionado no capítulo anterior, constitui uma comunidade inserida na Amazônia, que preservar os diversos biomas que o circundam. É pertinente destacar que a maneira como os residentes cuidam desse ambiente não repercute apenas localmente, mas

exerce impacto global, considerando a interconexão dos ecossistemas, vale ressaltar que somos parte dele.

Ailton Krenak (2019) afirma: “Eu não percebo onde tem alguma coisa que não seja natureza. Tudo é natureza. O cosmos é natureza. Tudo em que eu consigo pensar é natureza” (KRENAK, 2019.p,10). O autor expressa a ideia de que não consegue identificar algo que não seja considerado parte da natureza. Ele amplia essa concepção ao afirmar que tudo, incluindo o cosmos, é natureza. Em outras palavras, o texto sugere uma visão holística e integrada, na qual todos os elementos do universo são vistos como componentes da natureza. Essa análise ressalta uma compreensão profunda da interconexão entre todos os elementos existentes. Essa perspectiva é evidente nas narrativas dos interlocutores da comunidade, os quais não se dedicam à preservação apenas por uma compreensão utilitária da necessidade, mas, sobretudo, por uma identificação intrínseca de pertencimento com a natureza.

Eduardo Gudynas (2019) afirma que: “O termo natureza tem vários significados e distintos usos. Em alguns casos, é uma alusão a qualidades e propriedades essenciais, enquanto em outros sentidos refere-se aos meios ambientes, especialmente àqueles que não foram modificados pelo ser humano, ou o foram limitadamente” (GUDYNAS, 2019, p.134). Para o autor a palavra "natureza" pode ter diferentes significados, é versátil e pode representar coisas diferentes em diferentes situações, dependendo de como é usada. Às vezes, ela pode se referir a qualidades fundamentais ou propriedades essenciais, enquanto em outros casos pode estar relacionada a ambientes naturais, especialmente aqueles que não foram muito alterados pelo ser humano.

A comunidade da Ponta da Sofia demonstra compreensão acerca da importância de conduzir a coleta apropriada de resíduos sólidos na zona costeira, reconhecendo a relevância do manejo consciente do ecossistema do manguezal. Além disso, os membros da comunidade zelam pela fauna e flora local, enfatizando a educação ambiental para as novas gerações. Essas práticas, embora por vezes consideradas de impacto diminuto, constituem gestos singelos, e significativos, em prol do planeta Terra. Tais ações não só preservam a biodiversidade em escala local, mas também contribuem para a sustentabilidade global, demonstrando o comprometimento dos residentes com a preservação ambiental, bem como para o benefício próprio.

A comunidade da Ponta da Sofia não apenas testemunha a beleza natural que a cerca, mas também se torna uma protagonista ativa na preservação do seu ambiente. O envolvimento ativo dos moradores não é apenas uma resposta à necessidade urgente de conservação, mas reflete uma profunda identificação intrínseca com a natureza que os circunda. Nesta pequena

localidade entre dunas, mangues e o mar, os residentes desempenham um papel vital na proteção da biodiversidade, indo além de práticas convencionais para incorporar a sustentabilidade em seu cotidiano. Ao analisarmos de perto esse envolvimento, surge uma narrativa rica em iniciativas e ações concretas, revelando o comprometimento genuíno da comunidade com a preservação ambiental.

Iniciaremos destacando a dedicação da comunidade que é voltada à desova das tartarugas marinhas, uma narrativa compartilhada por 90% dos residentes que se comprometem como voluntários nessa missão. Muito antes de existir o projeto Suruanã como destaca os moradores Cesar Batista e Therly Fie nas narrativas abaixo:

“A tartaruga quem achávamos éramos nós, eu ligava pra Josie, olha, nós achamos uma tartaruga tá aqui e tinha a pisada, pá pá. Como é que o cara da moto vai achar? A tartaruga ela anda, uma hora, ela só anda o máximo é 20 metros. Quando a maré seca, ela seca quase 100 metros e o cara da moto passa aqui ó (ele aponta para uma direção), ela botou aqui ó. O cara da moto não vai ver, porque no inverno chove, e o rastro é apagado. Aí a gente que sai daqui do curral que acha elas. Você tem uma ideia esse ano foi uma baixa muito grande porque ninguém avisou, porque das oito, das dez espécies que ela alegou, oito tá em Salinas, e dentro do painel que tava a Ponta da Sofia nem tava mapeado, e falei aqui tem tartaruga eu já achei, sou pescador, só quero dizer que lá na ponta da sofia tem e é nós que cuidamo, se for para fazer um berçário nós vamos fazer” (César Batista, informação verbal, 2023).

César menciona que eles, como pescadores, são capazes de identificar e cuidar das tartarugas na região da Ponta da Sofia, mesmo quando as informações não estão devidamente mapeadas pelos órgãos competentes. Na narrativa é perceptível a ligação estreita da comunidade com o meio ambiente, especialmente no que diz respeito à preservação de tartarugas marinhas. O conhecimento local e a comunicação entre os membros da comunidade são elementos essenciais para garantir a proteção efetiva desses animais.

Em 2022 ou 2020 por aí, o Junior ligou quando eu que ainda trabalhava lá no início, a gente via sempre as tartarugas subir à noite, aí depois disso a gente não via mais, aí quando foi em Julho, o Junior falando: venha aqui em casa porque tem tartaruga brotando de tudo que é lado, aqui no meio dessa areia. Eu falei: tá, eu vou aí. Só me espera que eu vou chamar as meninas, Foi eu e as minhas duas filhas e mais o António. Então, tinha tartaruga, parecia baratinha brotando na areia eram vários ninhos. A gente fez todo o trabalho, tiramos tá, catamos até a última, botamos nas vasilhas, aí eu liguei pro meu amigo que é do corpo de bombeiro. Aí eu falei, como é que faz? Ele me explicou. Aí a gente colocava, as tartarugas na água, e elas voltavam. Ele perguntou: tem alguma luz por perto? Era o ônibus do Júnior, desliga o refletor porque elas acham que é dia e elas acabam voltando” (Therly Fie, interação verbal, 2023).

Na narrativa da Therly percebemos a colaboração para resgatar tartarugas recém-nascidas e garantir que elas tenham uma chance de sobrevivência ao serem devolvidas à natureza. Esse tipo de esforço é crucial para a conservação da vida selvagem e demonstra sensibilidade ambiental por parte de todos os envolvidos. Sempre que avistam tartarugas ou detectam atividades criminais ambientais, esses voluntários prontamente acionam as autoridades responsáveis, em especial o Instituto de Desenvolvimento Florestal e da Biodiversidade (Ideflor-Bio).

A (Figura 35) apresenta de que maneira os ovos são cuidadosamente ocultados, resguardando-os de predadores e indivíduos mal-intencionados. Destaca-se a criação de berçários específicos para a preservação das espécies. Importante ressaltar que as tartarugas depositam seus ovos nas areias em diversas partes da praia, sendo que o calor do ambiente contribui para o desenvolvimento embrionário. Em julho de 2023, foi oficialmente registrado na Polícia Civil, pelo Ideflor-Bio, o roubo de 60 ovos provenientes dos ninhos de tartarugas localizados na área de Unidade de Conservação (UC). Até o presente momento, os responsáveis pelo furto permanecem desconhecidos. É relevante observar que tal incidente ocorreu durante o período de férias, com a presença expressiva de turistas e várias barracas em funcionamento.

Figura 35: Berçário das tartarugas, situado na parte alta da duna, em frente a comunidade



Fonte: elaborado pela autora (2023).

O que é um berçário? A tartaruga botou ali, eu trago pra cá e pra perto da minha canoa, eu vou cercar com tela, vou até cobrir se for necessário e proteger do cachorro, do gavião, ou do caranguejo, que é uma espécie do caranguejo albino, ele come os ovos, ele cava até ele comer. Mas nós não mexe, ninguém come essas coisas” (César Batista, informação verbal, 2023).

Fica claro nessa explicação do entrevistado que a proteção visa garantir que os ovos tenham uma chance melhor de eclodir e que as tartarugas recém-nascidas tenham um ambiente seguro para começar suas vidas. A atitude de não interferir e não consumir essas tartarugas ou seus ovos demonstra um compromisso com a preservação e a sustentabilidade, evidenciando o respeito pela vida marinha e o reconhecimento da importância de conservar essas espécies. Essas práticas de conservação, especialmente quando realizadas localmente, podem ter um impacto significativo na preservação de espécies ameaçadas.

O berçário é delimitado por cercas de arame presas em paus e panos nas laterais, sendo revestido com materiais como madeira, pedaços de PVC e areia. Sua integridade é objeto de monitoramento constante, notadamente por moradores voluntários. Estrategicamente posicionado na porção mais elevada da duna, em frente à comunidade, o ninho é meticulosamente vigiado pelos residentes locais. Na presença de um indivíduo considerado

"estranho", um morador assume a responsabilidade de observar a situação e, em caso de emergência, aciona prontamente os órgãos responsáveis pelo celular. Esta prática visa garantir a segurança e a preservação adequada dos ovos de tartaruga.

Quando os filhotes de tartaruga estão prestes a eclodir, em conformidade com os cálculos da bióloga do Instituto de Desenvolvimento Florestal e da Biodiversidade do Estado do Pará (Idelflor-bio), a comunidade realiza uma ação conjunta e se uniu na praia para testemunhar esse momento de relevância na Ponta da Sofia. Uma dessas iniciativas foi realizada em 12 de julho de 2023, durante a tarde, quando mais de 275 filhotes foram liberados em direção ao mar (Figura 36).

Figura 36: Etapas realizadas até a soltura das tartarugas



1. Ovos na areia

2. Ovos armazenados para serem levados pro berçário

3. Comunidade chegando para a soltura

Fonte: Guardiões do Mona (foto 1 e 2) e Junior pelo WhatsApp (2023).

O convite foi estendido a toda a população do Atalaia. Therly, entrevistada e membro da ecobiblioteca-gibi saúde situada na comunidade, incentivou a participação das crianças da ecobiblioteca para esse momento proporcionando-lhes a oportunidade de aprofundar seus conhecimentos acerca do ambiente em que residem (Figura 37).



Figura 37: Figura 37- A comunidade da Ponta da Sofia na praia presenciando a soltura das tartarugas Marinhas.



Fonte: As imagens 1,2,3,4 e 6 fazem parte do Instagram [@@guardioes\\_do\\_mona](#); e a imagem 5 foi enviada pelo Junior no WhatsApp (2023).

Sobre esse momento Therly destaca:

Na hora da soltura, a gente solta elas assim uma boa distância da praia, porque a bióloga falou que ela tem que ter todo um campo magnético, porque a 11 ou 22 anos, ela volta pra se reproduzir. Então ela tem que ter todo aquele trajeto. Tem gente que fala: coloca ela mais perto, tadinha, tão cansando, não! elas tem que fazer todo aquele trajeto. Mas eu gosto de fazer esse trabalho e tem gente que critica, porém eu não ligo, podem me ligar a hora que seja, por amor as tartarugas, eu vou” (Therly Fie, informação verbal, 2023).

Refletir sobre o cuidado com as tartarugas marinhas durante sua soltura nos remete a uma série de considerações profundas sobre a interconexão entre as pessoas e os animais que também fazem parte da comunidade da Ponta da Sofia. Cada ação humana, por menor que seja, pode ter um impacto significativo no ciclo de vida desses seres marinhos majestosos. A decisão de soltar as tartarugas a uma boa distância da praia, como instruído pela bióloga, não é apenas uma medida de precaução, mas um gesto de respeito pela natureza intrincada de seu ciclo de vida. Esses animais possuem uma incrível capacidade de orientação, utilizando campos magnéticos para encontrar o caminho de volta à praia onde nasceram, décadas após sua primeira jornada marinha. Permitir-lhes percorrer esse trajeto sem interferências desnecessárias não apenas honra sua biologia e instintos naturais, mas também contribui para a preservação da espécie.

Embora algumas pessoas possam questionar a necessidade de manter essa distância, argumentando por um ato de compaixão imediata, é importante reconhecer que o bem-estar das tartarugas está intrinsecamente ligado à sua capacidade de seguir os padrões estabelecidos pela natureza. Cada passo em direção à conservação dessas criaturas é uma demonstração de nosso compromisso com a preservação da biodiversidade marinha e a manutenção do equilíbrio dos ecossistemas oceânicos. Para aqueles que se dedicam a esse trabalho, mesmo diante de críticas, sua dedicação é um exemplo de amor e cuidado pela vida marinha. É uma afirmação silenciosa de que, independentemente das opiniões divergentes, o respeito e a proteção das tartarugas marinhas prevalecem. É lindo ver como ocorre essa comunicação da comunidade com as espécies ali que habitam, pois cada esforço, por menor que pareça, contribui para garantir que essas criaturas magníficas continuem a enriquecer nossos oceanos e inspirar gerações futuras a cuidar do mundo natural com a mesma paixão e comprometimento.

A dedicação da entrevistada, mesmo quando realizados de forma voluntária, evidenciam sua forte ligação com esta tarefa. Mesmo diante de eventuais críticas, ela destaca seu apreço e dedicação ao cuidado das tartarugas. Therly, juntamente com outros residentes, criaram a página no Instagram intitulada "Guardiões do mona" (Figura 38), com o propósito de evidenciar as atividades desenvolvidas na comunidade em benefício do meio ambiente, focalizando especialmente na preservação das tartarugas marinhas.

Figura 38: Página no Instagram dos Guardiões do mona.  
Criado por alguns moradores da comunidade.



Fonte: Página @guardioes\_do\_mona (2023)

A comunidade local, demonstra uma abordagem proativa e consciente em relação à preservação ambiental. Os moradores não se limitam à preservação apenas por habitar uma área designada como preservação ambiental; ao contrário, eles reconhecem e compreendem sua integração e responsabilidade como parte fundamental desse ecossistema e que suas ações têm um impacto direto na saúde e vitalidade do ecossistema local.

Essa abordagem consciente não apenas evidencia um respeito pela natureza, mas também destaca a importância de uma coexistência harmônica entre a comunidade humana e o meio ambiente circundante. O reconhecimento da interconexão entre a comunidade e o ecossistema local representa um exemplo notável de preservação ambiental fundamentada em uma compreensão profunda e um compromisso ativo com a sustentabilidade. Essa perspectiva é expressa nas palavras de Junior, ao discutir o cuidado dedicado ao manguezal.

O pessoal fala: não pode usar material do mangue, mas quando é associável e tu usa madeira de forma pro seu auto sustento desde que você não crie clareira e nem venda comercialmente é permitido, que você possa usar madeira do mangue, você preserva a cultura. Que o pescador não tem casa de concreto na praia, a casa aqui é feita de mangue, de tinteiro e outras. O mangueiro é material que encontramos no local e você pode usar, mais só que, muita gente não tem essa informação e quando ver... ah! já tão tirando, já tá matando o mangue... calma eu sou associável, eu posso tirar, e falam: ah! mais tu não é ambientalista e já ta destruindo? Não! Se eu estivesse destruindo, é se eu tirasse cinco e duas árvores aqui, e deixasse um buraco. É tirado com manejo,

uma aqui e uma a quinze metros. É deixar que ela se recomponha. Essa é a forma correta de se usar a madeira do mangue ela é autossustentável, sem causar dano. É a forma mais correta de preservar nosso lar marinho que é o nosso manguezal. (Junior Oásis, informação verbal, 2022).

A narrativa destaca a relação entre a comunidade local e o uso sustentável dos recursos naturais, especialmente a madeira do mangue (Figura 39) enfatizando que a prática de utilizar essa madeira para construção é permitida desde que seja realizada de maneira consciente, sem causar impactos ambientais. Além disso, percebe-se a importância dessa prática para preservar a cultura local, evidenciada pelo uso tradicional desses materiais na construção das casas.

As unidades de conservação constituem áreas territoriais abrangendo seus recursos ambientais, dotadas de características naturais significativas. Seu propósito primordial é garantir a representatividade de amostras relevantes e ecologicamente viáveis das diversas populações, habitats e ecossistemas presentes no território nacional e nas águas sob jurisdição, com o intuito de preservar o patrimônio biológico existente. As áreas de conservação garantem às comunidades tradicionais o uso sustentável dos recursos naturais, promovendo uma abordagem racional em sua exploração. Adicionalmente, possibilitam às comunidades circunvizinhas o fomento de atividades econômicas sustentáveis. Tais regiões estão sujeitas a regulamentos específicos e são legalmente estabelecidas pelos governos federal, estadual e municipal, após a realização de estudos técnicos acerca das áreas propostas, incluindo, quando necessário, a participação da população local por meio de consultas (LEÃO *et al.* 2018).

O Entrevistado ressalta a consciência ambiental ao mencionar o manejo adequado, permitindo a regeneração da área afetada. Essa atitude assegura a autossustentabilidade do processo, evitando danos significativos ao ecossistema. Esse ato aponta para a falta de informação sobre essas práticas sustentáveis, indicando a importância de incentivar a comunidade e outros sobre a abordagem adequada ao utilizar os recursos do mangue, buscando dessa forma um equilíbrio entre a utilização dos recursos naturais e a preservação ambiental, com foco na sustentabilidade e respeito pelo meio ambiente local.

Figura 39: Mangue que rodeia toda a comunidade.



Fonte: Elaborado pela autora (2022 e 2023)

Junior se preparando para entrar no manguezal (Figura 40) da Ponta da Sofia:

“Esse manguezal tem dezoito anos, pra quinze anos mais ou menos ele é novo é um mangue primário, que aqui na Ponta da Sofia tem um ciclo de trinta a trinta e cinco anos e a maré vem é come tudo, leva tudo e refaz de novo. Agora ela tá vindo de lá da ponta da cabeça de nego pra cá, mais isso é um processo lento vem de tempo, mas ela vem refazer a praia de novo, possivelmente vão falar: ah! tem que tirar ele daí, não sei que mais... aí não se preocupe, a própria natureza vai me tirar daqui”. (Junior Oásis, informação verbal, 2023).

Fica claro na narrativa do Junior que existe um ciclo de renovação que ocorre a cada 30 a 35 anos, no qual a maré desempenha um papel importante na remodelação da paisagem do manguezal. O que se percebe é que a referência à maré vindo da "ponta da cabeça de nego" para a Ponta da Sofia sugere um movimento natural da água que faz parte do processo de transformação contínua da praia ao longo do tempo.

O termo mangue é empregue para designar um grupo floristicamente diverso de árvores tropicais que, embora pertençam a famílias botânicas sem qualquer relação taxonômica entre si, compartilham características fisiológicas similares. As adaptações especiais de que são dotadas permitem que tais espécies cresçam em ambientes abrigados, banhados por águas salobras ou salgadas, com reduzida disponibilidade de oxigênio e substrato consolidado. O



termo manguezal ou mangal é usado para descrever comunidades florestais ou o ecossistema manguezal, espaço onde interagem populações de plantas, de animais e de micro-organismos ocupando a área do manguezal e seu ambiente físico (NOVELLI. 2018, p. 18). A autora explora a diversidade, as adaptações e o ambiente completo em que as árvores de mangue crescem, destacando como esses elementos estão interligados no ecossistema do manguezal.

Além disso, Junior adota uma atitude de aceitação em relação às mudanças naturais e destaca que o ciclo natural da natureza determinará o curso dos eventos, indicando uma compreensão tranquila e respeitosa em relação às forças naturais que atuam na área.

Figura 40: Junior se preparando para entrar no mangue.



Fonte: Elaborada pela autora (2023)

Sobre os ciclos do manguezal Junior Oásis destaca que ainda é um mangue novo. Entretanto, durante alguns ciclos ele vai se expandido até tomar conta de tudo e que com o tempo e a continuidade dos ciclos naturais, o manguezal seguirá seu curso natural de expansão, possivelmente chegando até o local onde o ônibus está estacionado. Nesse sentido, Junior sugere que a própria natureza, através dos processos naturais do manguezal, eventualmente irá determinar a remoção ou deslocamento do ônibus, sem intervenção humana direta. Essa observação destaca a dinâmica constante e inevitável da natureza, onde os ecossistemas, como o manguezal, seguem seu ciclo de vida, crescimento e expansão, adaptando-se ao ambiente ao longo do tempo.

É perceptível essa mudança desses ciclos quando por volta das 18 da tarde percebe-se a maré invadindo a rua da comunidade e deixando alguns trechos com difícil acesso. Sobre esse assunto seu Pinduca tem um sonho para que a maré volte a bater em sua barraca novamente, ele e sua esposa dona Maria José possuem essa esperança.

Então eu penso num dia a maré vindo aqui, porque isso aqui é muito fácil pra ela vim, porque é areia, não é pedra nem barro né! Eu penso é muito fácil...porque eu penso assim, de onde ia a maré, ela vai até aí, né? Aí eu espero que um dia ela venha aqui, a maré, só isso. Eu espero. Aí eu vejo que a natureza ela faz e desfaz, aí eu penso, é alterações, mais depois que ela passou aqui era marzão, eu espero que ela venha, e que vire praia novamente (Pinduca, informação verbal, 2023).

Pinduca expressa à esperança de que, em algum momento, a maré alcance o local, transformando-o em praia novamente. A reflexão destaca a percepção da natureza como uma força em constante mudança, capaz de moldar e remodelar o ambiente ao longo do tempo (Figura 41).

Figura 41: Na imagem retrata o passado e o presente na Ponta da Sofia como não existia as dunas e nem o mangue na frente da comunidade, existia o mar que destruíra as barracas na beira.



1. Barraca que foi destruída pela força do mar, era a casa do seu Antônio. Na imagem ele está construindo novamente.



2. Barraca antiga do seu Antônio, quando a primeira barraca foi destruída pelo mar, ele passou a morar nessa segunda.



3. A barraca que estava em construção fica é a primeira casa da comunidade da Ponta da Sofia.



4. As duas barracas ficam entre o cruzamento do terceiro trecho e Comunidade.

Fonte: A imagem 1 e 2 é documento pessoal do Seu Antônio Monteiro que nos mostrou e autorizou a foto. A imagem 3 e 4 foram elaboradas pela autora (2023).

Nas imagens fornecidas pelo entrevistado, é evidente como o ambiente da comunidade opera em ciclos, nos quais a maré se forma e se dissipa. Muitos dos entrevistados compartilham experiências semelhantes, enfrentando dificuldades durante essa época específica na década de 70. O Sr. Pinduca, em particular, afirma ter reconstruído sua barraca mais de duas vezes no mesmo local, lidando constantemente com o avanço e recuo da maré (Figura 42).

Figura 42: Maré invadindo o território da comunidade.



Fonte: Elaborada pela autora (2023).

A figura acima ilustra a invasão da maré na comunidade, ocorrendo aproximadamente às 18 horas. Durante esse período, torna-se impraticável atravessar esse perímetro devido às enchentes na rua de acesso. Possivelmente, em algum momento futuro, a esperança do senhor Pinduca pode se concretizar da maré voltar a banhar por baixo da sua barraca.

### 4.3. As práticas de resistência

“Habitar pode parecer algo evidente à primeira vista. Habitariam aqueles que lá estão presentes, aqueles que povoam a Terra. Entretanto, aconteceu de modo completamente... O ocupante homem de uma dessas habitações é, então, chamado de “habitante”. Assim, o habitar colonial apoiou-se num conjunto de ações que determinam as fronteiras entre os que habitam e os que não habitam” (FERDINAND, 2019 p, 48).

Para o autor a ideia inicial é que a habitação ou presença em um local pode parecer óbvia ou simples à primeira vista, o ocupante homem de uma dessas habitações é chamado "habitante" este que é associado à pessoa que ocupa uma habitação. Isso sugere uma ligação entre ocupação e identidade. Para ele o habitar colonial apoiou-se num conjunto de ações que



determinam as fronteiras entre os que habitam e os que não habitam: A citação explora a complexidade do habitar em contextos coloniais. Indica que o ato de habitar, nesse caso específico, está intrinsecamente ligado a ações que estabelecem limites ou fronteiras entre aqueles que são considerados habitantes e os que não são, envolvendo as questões de poder, controle e exclusão.

Antônio Bispo dos Santos (2023) expõe um conceito de desterritorialização, um processo que desvincula o indivíduo ou a comunidade atacada de sua terra natal, quebrando suas conexões com identidade, cosmologia e aspectos sagrados. Isso é feito ao impor novos modos de vida e até mesmo renomear o território ou as pessoas afetadas. O autor sugere que essa mudança de denominação é mais do que apenas uma alteração superficial; é uma tentativa de apagar uma memória existente para que uma nova narrativa ou identidade possa ser imposta (SANTOS, 2023). Isso fica claro na narrativa da Raquel Calado quando esta destaca que:

“Porque o que, o que nas reuniões eu via é que a gente só vai conseguir ficar aqui, se a gente tiver uma serventia pro IDEFLOR-BIO, pro GRPU, seja lá pra quem né, então a gente tendo um treinamento ou algo assim se interar com isso daí era perfeito, a gente ta aqui, não precisa gastar ou trazer um técnico, tu entendeu? A gente ta aqui, e a gente o povo daqui ta disposta a isso, porque eles sabem da pesca, eles sabem como é que tem que fazer, como é que funciona pra preservar pra poder ter mais e o cara daqui não vai destruir, porque ele sabe que ele vai acabar com o recurso que ele tem, de sobrevivência dele, entendeste é isso que é a questão maior aqui” (Raquel Calado, informação verbal, 2022)

A comunidade se mostra disposta a colaborar para garantir a sustentabilidade dos recursos naturais, reconhecendo a importância de preservar esses recursos para a própria sobrevivência e sustento. “Eu, por dominar a técnica de adestramento, logo percebi que, para enfrentar a sociedade colonialista, em alguns momentos “precisamos transformar as armas dos inimigos em defesa”, como dizia um dos meus grandes mestres de defesa. Então, para transformar a arte de denominar em uma arte de defesa, resolvemos denominar também (SANTOS, 2023. p.3). O autor reflete sobre sua habilidade em dominar a técnica de adestramento e percebe que, para resistir à sociedade colonialista, é necessário, em alguns momentos, transformar as armas dos inimigos em defesa. O autor então menciona a arte de denominar como uma prática que, muitas vezes, é utilizada como uma forma de controle, mas que ele escolhe transformar em uma arte de defesa sendo usada como uma forma de resistência e autodeterminação.

Expor e defender os seus saberes frente ao que é imposto é uma forma de resistência, ou contra conduta por assim dizer. Apesar das visões negativas atribuídas à comunidade, as ações dos moradores são motivadas por uma compreensão mais profunda das necessidades

locais e da importância de práticas sustentáveis, tanto por questões econômicas quanto por um senso de discernimento em relação ao ambiente em que vivem. Raquel destaca que grande parte do material da sua casa é reciclado tanto pela questão econômica, quanto pelo entendimento que se tem sobre o lugar (Figura 43).

Figura 43: Manguezal e a madeira usada na estrutura da casa da Raquel.



Fonte: Erika Mourão e Rayana Silva (2023)

Raquel fala sobre o seu envolvimento com a preservação ambiental e de como os moradores da comunidade são alertados para não desmatar e construir casas em cima das dunas.

As dunas, de acordo com a definição de Guerra (1977), são elevações compostas predominantemente por areia, frequentemente de natureza quartzosa. Elas podem ser encontradas tanto em regiões do continente como nas costas e são constantemente remodeladas pela ação dos ventos. Dessa forma, as dunas costeiras resultam da interação complexa entre processos marinhos e eólicos, além de serem moldadas pela presença da vegetação, impacto humano e pelas características geomorfológicas específicas do ambiente. Assim, a configuração dessas dunas é determinada por diversos fatores, como a forma da costa, características da praia, padrões de ondulação, entre outros elementos relevantes (MEDEIROS, 2012).

Ela expõe que os moradores não costumam construir sob as dunas, pois não tem necessidade desse ato. Diferente de outras pessoas que já querem dominar toda uma área. Na

imagem abaixo (Figura 44) passando pelas dunas observamos as marcações dos ninhos das tartarugas.

Figura 44: Raquel sob as dunas mostrando as marcações dos ninhos das tartarugas.



Fonte: Elaborada pela autora (2023).

É assim, é o que eles, querem que a gente faça é não desmatar, não construir em cima de dunas néh! E a verdade é que a gente não faz esse tipo de coisa que nós não tem necessidade, quem tem necessidade. são os que tem os casarões que querem dominar todo uma área, entendestes? (Raquel Calado, informação verbal, 2023).

Essa fala aponta para uma preocupação com a preservação ambiental por parte da comunidade local, contrastando com práticas que podem ser mais associadas a interesses de propriedade maiores. Na comunidade passaram a ser oferecido cursos técnicos como o curso de guia turístico e de panificação para ajudar na renda dos moradores (Figura 45).

Figura 45: Seu Antônio mostrando o espaço cedido para o curso de panificação na sua barraca.



Fonte: Elaborado pela autora (2023).

A antiga gestora já falou que para dentro da ponta da Sofia ela só liberava essas trilhas pros moradores daqui para outra ordem ela não liberava. Aliás, ela falou que a gente tinha carta branca para fazer isso. Só que a gente precisava do certificado, de um condutor ambiental, a gente fez o curso, só que ainda não chegou o nosso certificado (Therly Fie, informação verbal, 2023)

A percepção dos cursos dentro da comunidade é considerada uma forma de resistência por eles, pois por meio dessas qualificações, eles têm a capacidade de estabelecer seus próprios negócios, seja em suas residências ou à beira da praia, entre outros locais.

Na comunidade existe um projeto chamado Ecobiblioteca Gibi Saúde (Figura 46) A Ecobiblioteca apresenta uma proposta de educação socioambiental voltada para alfabetização e conscientização ambiental. Essa iniciativa abrange uma variedade de proposta de educação socioambiental voltada para alfabetização e conscientização ambiental. Essa iniciativa abrange uma variedade de atividades, incluindo aulas de artes e exercícios físicos, beneficiando regularmente 11 crianças locais na Ecobiblioteca. diversas atividades, incluindo aulas de artes e exercícios físicos, e beneficia regularmente 11 crianças locais na Ecobiblioteca.

Figura 46: Ecobiblioteca





Fonte: Elaborada pela autora (2023).

É relevante ressaltar que a concepção da Ecobiblioteca foi idealizada por Elizabeth Yamasaki, uma antiga frequentadora de veraneio na região. Segundo o relato da entrevistada Therly, os pais dos alunos que frequentam a Ecobiblioteca sentem orgulho de seus filhos participarem desse projeto, considerando-o como um complemento à escola na cidade. Ou seja, pela manhã, os alunos frequentam a escola convencional e, à tarde, participam do reforço oferecido pela Eco (Figura 47). Há relatos de que algumas crianças já conseguiram alfabetizar seus próprios pais.

A manutenção desse projeto enfrenta desafios significativos, ressaltando a resistência necessária para sua continuidade, viabilizada principalmente por meio de voluntários. Além disso, os alunos têm a oportunidade de receber aulas de inglês com uma estudante de Belém, que visita a comunidade durante as férias para lecionar às crianças. As filhas de Therly conseguem contribuir quando estão de folga da faculdade, e grande parte das atividades ocorre regularmente aos sábados por volta das 14 horas. A Ecobiblioteca inaugurou novas salas onde funcionará aulas de músicas e corte costura para os moradores da comunidade dentre outros.

Figura 47: Espaços de recreação e sala de aula.



Fonte: Elaborada pela autora (2023)

Therly ressalta na narrativa abaixo com muita emoção a gratidão de poder colaborar com o projeto e ressalta a importância dessa iniciativa na comunidade:

É uma coisa que eles vão levar pra a vida toda. Vão levar o projeto pra vida, não vão esquecer disso. Né? Tipo assim, dentro do projeto, o ano passado foram as 5 crianças alfabetizadas. Eu falo, eles não vão esquecer disso nunca. Eu aprendi a ler lá numa escolinha que tinha dentro da comunidade onde eu morava pela professora tal ou pela professora tal. Tudo isso aí. Eu acredito que tem retorno... mas geralmente eu participo das aulas nessa parte que eu prego para as crianças da importância do nosso meio ambiente, das dunas, dos animais. Eu falo para as crianças também que a gente mora num Paraíso (Therly Fie, informação verbal, 2023).

Na narrativa da Therly fica claro que a comunidade está profundamente ligada ao local e ao projeto, o que torna as experiências marcantes e inesquecíveis para os residentes. A educação é destacada como uma parte valiosa do projeto, com o exemplo das cinco crianças que foram alfabetizadas no ano passado, algo que certamente ficará marcado em suas vidas. A preservação do meio ambiente é uma mensagem central transmitida às crianças, ressaltando a importância das dunas, dos animais e do ambiente local. A ideia de que moram em um paraíso reforça a conexão emocional e cultural com a região, sugerindo um desejo de preservar essas qualidades para as gerações futuras. Pensando nessa ação da comunidade de ter a Ecobiblioteca nesse ambiente em meio a resistência da comunidade enfatizo o que Paulo Freire (1970) expõem que “somente quando os oprimidos descobrem, nitidamente, o opressor, e se engajam na luta organizada por sua libertação, começam a crer em si mesmos, superando, assim, sua “convivência” com o regime opressor. Se esta descoberta não pode ser feita em nível puramente

intelectual, mas da ação, o que nos parece fundamental, é que esta não se cinja a mero ativismo, mas esteja associada a sério empenho de reflexão, para que seja práxis” (FREIRE, 1970, p. 33) ou seja, essa passagem destaca a importância da conscientização dos oprimidos em relação ao opressor como um passo crucial para sua libertação. A descoberta nítida do opressor leva os oprimidos a se envolverem em uma luta organizada pela sua própria libertação. Essa conscientização não é apenas intelectual, mas emerge da ação prática isso significa que a luta pela libertação não deve ser apenas um ativismo superficial, mas sim uma prática engajada e reflexiva, onde a ação e a reflexão se complementam mutuamente.

Na comunidade, a presença da Ecobiblioteca destaca-se como uma expressão de resistência e ativismo. Funcionando como um símbolo tangível da luta dos moradores pelo seu território e permanência, essa iniciativa não apenas simboliza a conscientização sobre as questões que afetam a comunidade, mas também se traduz em ações concretas. A Ecobiblioteca não é apenas um espaço físico; é um testemunho vivo da determinação dos moradores em defender e preservar sua comunidade.

## **5 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A dissertação promoveu uma análise profunda acerca da riqueza das experiências vivenciadas na localidade conhecida como Ponta da Sofia, destacando a intrínseca relação entre as práticas cotidianas, as memórias e as formas de resistência presentes nesse contexto. Importa frisar que o período de investigação compreendeu o segundo semestre do ano de 2022 até janeiro de 2024, durante o qual todas as informações apresentadas no estudo foram obtidas a partir das vivências dos residentes locais, por meio de entrevistas conduzidas com moradores e ex-moradores da comunidade. Ressalto, ainda, que há um vasto campo a ser explorado sobre a riqueza cultural e social dessa comunidade, que persiste diariamente em seu ambiente, resistindo às adversidades impostas.

Posso ressaltar que os objetivos da pesquisa foram concretizados pois ao explorar as narrativas dos moradores, ficou evidente a complexidade e a resiliência das práticas diárias adotadas pela comunidade para enfrentar os desafios socioeconômicos e ambientais. A pesquisa destacou as práticas tangíveis de preservação ambiental e cultural adotadas pela comunidade da Ponta da Sofia, revelando a importância dos saberes locais na proteção do ambiente natural. Ao ampliar as vozes dos moradores, foi possível compreender como as memórias coletivas e as ações de resistência estão intrinsecamente ligadas à identidade da comunidade da Ponta da Sofia, em resposta às transformações provocadas pelos empreendimentos turísticos.

Realizar essa pesquisa na região amazônica reveste-se de suma importância, pois até então a comunidade da Ponta da Sofia carecia de estudos concretos que abordassem sua realidade. A Ponta da Sofia, para além de sua beleza natural deslumbrante, revela-se como um cenário onde as vozes dos moradores se entrelaçam com as paisagens, memórias e desafios locais. A resistência demonstrada pela comunidade surge como uma resposta contundente às mudanças ocasionadas pelos empreendimentos turísticos, transcende os meros discursos e incorpora ações concretas de preservação e resistência cultural.

O aumento do turismo desordenado, mencionado nas narrativas, evidencia uma faceta sombria do desenvolvimento turístico na região, desafiando não apenas a sustentabilidade ambiental, mas também a coesão social e a autonomia comunitária. O dilema entre preservar as tradições e garantir o sustento econômico reflete uma encruzilhada complexa, transformando a Ponta da Sofia em um campo de batalha entre a identidade local e as pressões externas.

Ao assumir o papel de guardiãs das tartarugas e de seu ecossistema, a comunidade assume uma responsabilidade monumental, enquanto as legislações e políticas públicas carecem de efetividade para proteger esse patrimônio natural e cultural. A exploração comercial e a sobreposição de interesses econômicos frequentemente marginalizam as vozes da comunidade, destacando a urgente necessidade de uma abordagem mais equitativa no desenvolvimento local.

Este trabalho não apenas documenta as práticas sociais e culturais, mas também amplifica as vozes da Ponta da Sofia, ecoando as lutas e vivências que permeiam esse território. A busca pela compreensão das múltiplas camadas da realidade local revela não apenas a resistência da comunidade, mas também a riqueza e diversidade de suas histórias, que se entrelaçam com as dunas, manguezais e o mar.

A cultura local, representada por celebrações únicas e valores compartilhados, emerge como uma força unificadora. A comunicação dos moradores desempenha um papel vital na preservação e fortalecimento da identidade comunitária. A comunidade, ao vivenciar suas experiências únicas, contribui significativamente para a compreensão da complexidade da vida na Amazônia.

Este trabalho contribui não apenas academicamente, mas também para o registro e apreciação das complexidades da vida na Ponta da Sofia, destacando a importância de ouvir, observar, relatar e valorizar as narrativas muitas vezes negligenciadas.

Por fim, ressalto que a área de preservação do Monumento Natural (MONA) foi estabelecida apenas em 2018 pelo Governo do Estado do Pará. A comunidade reside no local desde a década de 70, conforme narrativas dos moradores locais. Há uma percepção de injustiça



na possível remoção de um pequeno grupo que desempenha papel ativo na preservação do local, cumprindo acordos específicos. No entanto, enfrentam significativa burocracia para permanecer na área.

É válido ressaltar que, se a retirada dos moradores da Ponta da Sofia for efetivada, isso deveria ser aplicado a todos, não apenas ao terceiro trecho. De acordo com o decreto, a área de proteção abrange desde o lago da Coca-Cola para frente, e o lago encontra-se próximo à rampa principal do Atalaia entre o primeiro e segundo trecho. A comunidade, caracterizada por sua humildade e dedicação à preservação, está sujeita às forças do mundo capitalista.

Como um entrevistado expressou, cujo nome irei deixar no anonimato: "não adianta a gente bater de frente com o sistema, que a gente vai amanhecer com formiga na boca. Infelizmente, é assim que funciona, manda quem tem dinheiro e obedece quem tem juízo". É importante ressaltar que a profundidade e a complexidade dessas questões sugerem que há ainda mais a ser explorado sobre essa comunidade resiliente, que persiste em seu ambiente diariamente, resistindo às adversidades que enfrenta.

## REFERÊNCIAS

- ABREU, MARTHA. **Cultura Popular, um conceito e várias histórias**. In: Abreu, Martha e Soihet, Rachel. Ensino de História, Conceitos, Temáticas e Metodologias. Rio de Janeiro, Casa da Palavra, 2003.
- ADRIÃO, D. G. S. **Pescadores de Sonhos**: um olhar acerca da mudança nas relações de trabalho e na organização social entre as famílias dos pescadores diante do turismo balnear em Salinópolis-Pa. Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas, v. 1, p. 1121, 2007.
- ALBUQUERQUE, B. P. de. **As relações entre o homem e a natureza e a crise sócio-ambiental**. Fundação Oswaldo Cruz Brasil - RJ - Rio de Janeiro - Dezembro – 2007.
- BAKHTIN, M. (V.N.Volochínov). **A interação verbal**. In: BAKHTIN, M. (V.N.Volochínov). Marxismo e filosofia da linguagem. São Paulo: Hucitec, 2006, p.112-130.
- BAUMAN, Zigmunt. **Comunidade: a Busca por Segurança no Mundo Atual**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.
- BENJAMIN, W. **O narrador**. Considerações sobre a obra de Nicolai Leskov. In: Obras escolhidas, v. I. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1985, p. 197-221.
- BRAGA, José Luiz. **Interação como contexto da Comunicação**. In.: Matrizes, São Paulo/SP, vol. 6, ed, 1, p. 25-41, julho-dezembro, 2012. ISSN:1982-2073. Edição eletrônica disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=143024819003>

- BRITO, F. M. O. de. **Salinópolis-PA: (Re)Organização Sócio-Espacial de um Lugar Atlântico-Amazônico**. Dissertação (Mestrado em Geografia CFH - Centro de Filosofia e Ciências Humanas) Florianópolis – SC, p.121.2004
- BOMFIM, Z. A. C. **Protagonismo social da psicologia no campo da circulação humana**. In: SEMINÁRIO NACIONAL DE PSICOLOGIA E POLÍTICAS PÚBLICAS: POLÍTICAS PÚBLICAS, PSICOLOGIA E PROTAGONISMO SOCIAL, 2., 2003, [s. l.]. Anais [...]. [S. l.]: [s. n.], 2003.
- BUBER, M. **Sobre comunidade**. São Paulo: Perspectiva, 1987.
- CARDOSO, Benjamin. **Salinópolis: A cidade mais querida do Pará**. 2001.
- CARDOSO, Ciro Flamarion Santana. Narrativa, sentido, história. Campinas, SP. Papirus. 1942.
- CANCLINI. N.G. **Culturas Híbridas: Estratégias para entrar e sair da Modernidade**. Tradução Heloisa Pezza Cintrão, Ana Regina Lessa- São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2003.
- CANCLINI. N.G. **As culturas populares no capitalismo**. São Paulo: Brasiliense, 1983.
- CANDAU, Joël. **Memória e identidade**. Tradução: Maria Leticia Ferreira. São Paulo: Contexto, 2011, 219p.
- CASTANHAL. **Salinas completa 101 anos com muita festa**. Jornal O Liberal. 2002.
- CORDEIRO, Ana. P. B. **VALORAÇÃO AMBIENTAL DA PRAIA DO ATALÁIA, SALINÓPOLIS, PARÁ**. Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Gestão de Recursos Hídricos e Ambientais. 2010
- CORRÊA, Sérgio R. M. **O Movimento dos Atingidos por Barragem na Amazônia: um movimento popular nascente de “vidas inundadas”**. Nera, vol. 12, n. 15, p. 34-65, 1999.
- COSTA, Gleimíria Batista da, CAMPOS, Heleniza Ávila **PRÁTICAS TRADICIONAIS EM RESERVAS EXTRATIVISTAS NO ESTADO DE RONDÔNIA**. VI Seminário Internacional sobre Desenvolvimento regional Rio grande do Sul. 2013
- CURY, M. X.: **Comunicação e pesquisa de recepção: uma perspectiva teórico-metodológica para os museus**. História, Ciências, Saúde – Manguinhos, v. 12 (suplemento), p. 365-80, 2005.
- DIAS. G. SOARES. A. L. R. **PATRIMÔNIO E MEMÓRIA: RELAÇÕES ALÉM DO DISCURSO OFICIAL**. Anais do XVII Encontro Estadual de História da ANPUH- SC. 2018
- DIEGUES, A. C. **O mito moderno da natureza intocada**. São Paulo: NUPAUB, 1995.

ESTEVEES, João Pissara. **Sociologia da comunicação**. Lisboa, Portugal: Fundação Calouste Gulbenkian, 2011.

FARIAS, K. S. da S. **Principais políticas de fomento do turismo na Amazônia: análise dos primeiros planos de turismo da Amazônia (PTA I e II) e do PROECOTUR**. Revista de Turismo Contemporâneo, [S. l.], v. 2, n. 2, 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/turismocontemporaneo/article/view/6511>. Acesso em: 14 mar. 2023.

FERNANDES. D. A. J; VITORINO. M. I; SOUZA. P. J. de. O. P; JARDIM. M. A. G.

**EFEITO DA RADIAÇÃO SOLAR SOBRE A REGENERAÇÃO NATURAL DE MANGUEZAL EM CUIARANA, SALINÓPOLIS, PARÁ**. RBCIAMB | n.49 | set 2018 | 108-122.

FERDINAND, Marlcon Uma ecologia decolonial: pensar a partir do mundo caribenho. São Paulo: Ubu Editora, 2022.

FERREIRA, L. G. ; BEZERRA, M. . **O Lugar do Passado no Presente: as narrativas dos Joanenses acerca de museu e patrimônio arqueológico, um estudo de caso na Ilha do**

**Marajó, Pará**. In: Granato, M.; Scheiner,T. (Org.). Museologia, Patrimônio, Interculturalidade: museus inclusivos, desenvolvimento e diálogo intercultural. 1ed.Rio de

Janeiro: Museu de Astronomia e Ciências Afins: Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro: Programa de, 2013, v. 1, p. 163-178.

FERREIRA, Raimundo dos Santos. **Salinópolis da Memória**. 2010

FERREIRA, João Carlos Vicente, 1954- **O Pará e seus municípios**. 2003

FILHO, A. C; MENDES, A. B .V. **Direitos dos povos e comunidades tradicionais**.

Programa Mapeamento de Povos e Comunidades Tradicionais em Minas Gerais. 1.d. M.G.

Superintendência de Comunicação Integrada – Ministério Público de Minas Gerais (MPMG). 2014

FRANÇA, V.R.V. **Interações comunicativas: a matriz conceitual de GH Mead**. In:

PRIMO, Alex; OLIVEIRA, Ana Claudia; NASCIMENTO, Geraldo Carlos do; RONSINI, Veneza Mayora. Comunicação e Interações. Porto Alegre: Sulina, 2008, p. 71-91.

FRANÇA, V. R. V. **Paradigmas da comunicação: conhecer o quê?**. X Encontro Nacional da Compós, 2001, Brasília. Compós, 2001.

## APÊNDICES

### APÊNDICE A: Roteiro de perguntas



#### Roteiro Erika Mourão Ferreira

**Título da pesquisa:** Entre dunas, mangue e mar: interações, narrativas e resistências dos moradores da Ponta da Sofia em Salinas (PA)

**Data da entrevista:**

**Nome do entrevistado (a):**

**Idade:**

1. Há quanto tempo mora Ponta da Sofia ? Como chegou aqui?
2. Tu sabes como surgiu esse lugar? Algum histórico dele?
3. E a tua relação com esse meio ambiente, a natureza e o entorno dele? O que você mais gosta nessa paisagem?
4. Conta pra mim um pouco como era a Ponta da Sofia e como tu vê esse lugar agora?
5. Tem saudade de algo do passado daqui. O que ?
6. Tu vê esse ambiente como um patrimônio, por quê?
7. Como é a sua relação aqui com a comunidade? Todos se conhecem aqui? São amigos? Parentes? Ou não?
8. Quantas pessoas moram na sua casa? Tem filhos? O que eles fazem?
9. E sua religião? Qual é ? Quais suas crenças sobre deus ou outras divindades?
10. E com relação ao lazer? Como vocês se divertem quando não estão trabalhando: Música? Dança? Festas? Conte um pouco sobre você.
11. Você desenvolve alguma atividade econômica aqui? Fale um pouco sobre isso, como você começou e o que isso representa pra você? Que outras atividades você desenvolve ?
12. Você faz parte de alguma associação? Qual? Quais são suas atividades?
13. Você acha que o turismo aqui no Atalaia traz algum retorno pra comunidade aqui da Ponta da Sofia? Quais?
14. O que representa morar aqui na Ponta da Sofia pra você hoje, pretende continuar aqui ou há planos de sair? Como vê o seu futuro? Por que ?
15. Quais as vantagens de morar aqui. O que é Bom. Por que?
16. Quais as desvantagens. O que você não gosta. Por que?

**APÊNDICE B: Placas de identificação perto da comunidade da Ponta da Sofia.**



**APÊNDICE C: Placa de área de monitoramento de desova das tartarugas marinhas**

